



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
SUSTENTÁVEL

ISABELLE SANTOS DE SOUZA VIEIRA

ROMARIA DE FINADOS EM JUAZEIRO DO NORTE/CE: UM ENFOQUE DOS
DIREITOS HUMANOS À LUZ DA SUSTENTABILIDADE

CRATO

2017

ISABELLE SANTOS DE SOUZA VIEIRA

ROMARIA DE FINADOS EM JUAZEIRO DO NORTE/CE: UM ENFOQUE DOS
DIREITOS HUMANOS À LUZ DA SUSTENTABILIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz

CRATO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

- V713j Vieira, Isabelle Santos de Souza.
Romaria de finados em Juazeiro do Norte-CE: um enfoque dos direitos humanos à luz da sustentabilidade / Isabelle Santos de Souza Vieira. – 2018.
151 f.: il.; color.; enc. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Crato, 2018.
Área de Concentração: Interdisciplinar.
- Orientação: Prof^ª. Dra. Zuleide Fernandes Queiroz.
1. Romaria. 2. Direitos humanos. 3. Sustentabilidade. 5. Juazeiro do Norte. I. Título.

CDD 342.7098131

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

ISABELLE SANTOS DE SOUZA VIEIRA

ROMARIA DE FINADOS EM JUAZEIRO DO NORTE/CE: UM ENFOQUE DOS
DIREITOS HUMANOS À LUZ DA SUSTENTABILIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável.

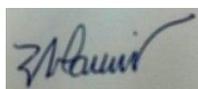
Aprovada em 22/02/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz (Orientadora)

Universidade Regional do Cariri (URCA)



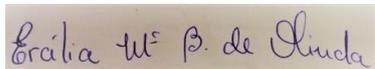
Prof.^a Dr.^a Victória Régia Arrais de Paiva

Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes

Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Prof.^a Dr.^a Ercília Maria Braga de Olinda

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho a Deus e a todos aqueles
que acreditam que a mudança é possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder a graça de ingressar neste mestrado e da oportunidade de tanto aprendizado durante este tempo.

Agradeço à minha família que sempre me apoia em minhas decisões e se alegra com minhas vitórias: Meu esposo Maxuel pelo incentivo, compreensão e paciência; minha mãe Cleide pelo apoio de sempre e por cuidar de meu filho durante tantos momentos; meu pai Antonio e meus irmãos Pedro e Nuno pelo carinho com meu filho auxiliando na tarefa de cuidá-lo; ao meu filho Saulo pelo carinho e compreensão da minha ausência em tantos momentos; ao meu filho ou filha que está por vir e que me acompanhou durante a conclusão desta jornada.

Agradeço aos meus amigos que me incentivam a ir cada vez mais longe.

Agradeço a todos os meus colegas de mestrado que, de uma maneira ou de outra, puderam me ensinar na prática o verdadeiro sentido da sustentabilidade, em especial Francisco Mário, Gil Heânia, Jefferson Kalderash e Gabrielly, com quem vivi experiências acadêmicas únicas.

Agradeço a todos os professores que participaram desta formação, em especial a Professora Gorethe Lima, a Professora Cleide Rodrigues, o Professor Luiz Manoel e o Professor Eduardo Vivian, que com suas distinções puderam me ensinar principalmente sobre a profissão professor.

Agradeço a minha orientadora, Professora Zuleide, pelo intenso aprendizado, não apenas acadêmico, mas de vida, ao longo do curso e pela oportunidade de convivência com um grande exemplo de ser humano e docente.

Agradeço aos professores que aceitaram compor a banca examinadora deste trabalho e pelas valorosas contribuições para seu enriquecimento.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de estudos de mestrado.

Agradeço, enfim, a todos os sujeitos participantes desta pesquisa que me permitiram adentrar dentro do universo da sua fé e me oportunizaram conhecer a visão da minha terra natal que eu desconhecia.

O que pedires em meu nome, eu vos darei.

Jo, 14:14

RESUMO

A cidade de Juazeiro do Norte, situada no Sul do Estado do Ceará, caracteriza-se pela religiosidade popular manifestada por meio das Romarias. Dentre as várias Romarias que ocorrem durante o ano na cidade devido a influência histórica do líder religioso Padre Cícero, a Romaria de Finados se destaca em virtude da intensa quantidade de fiéis que se deslocam até a cidade motivados pela fé. Entretanto, o espaço urbano de Juazeiro do Norte revela casos de insustentabilidade que se agravam durante Romarias como a de Finados, quando se aumenta a quantidade de pessoas na cidade. O tão peculiar e importante fenômeno religioso representa uma intensificação do caos que se encontra instalado na cidade, o que gera o agravamento de problemas já comuns no dia a dia: trânsito caótico; esgotos estourados e a céu aberto; falta de fornecimento de água. A sensação transmitida é de que inexistente qualquer preocupação no acolhimento destas pessoas e, muito menos, em respeitá-las como pessoas humanas que são. Desse modo, o presente trabalho objetivou analisar os direitos humanos dos romeiros em Juazeiro do Norte sob o prisma da sustentabilidade. Para tanto, foram utilizadas abordagens qualitativas por meio da etnografia, sendo acompanhado um grupo de romeiros paraibanos durante o período da Romaria de Finados do ano de 2017. Foram realizadas pesquisa bibliográfica, entrevista, observação participante e uso de imagem com registro consentido, considerando os aspectos éticos em pesquisa. Diante do exposto, podemos constatar a grande necessidade de mudanças na realidade de Juazeiro do Norte no intuito de que a cidade se torne um lugar sustentável para garantia de que os direitos humanos dos romeiros sejam respeitados.

Palavras-chave: Romaria, Direitos Humanos, Sustentabilidade, Juazeiro do Norte.

ABSTRACT

The city of Juazeiro do Norte, located in the south of the State of Ceará, is characterized by popular religiosity manifested through the Pilgrimage. Among the various pilgrimages that occur during the year in the city due to the historical influence of the religious leader Father Cicero, the pilgrimage of the dead stands out due to the intense amount of faithful who move to the city motivated by faith. However, the urban space of Juazeiro do Norte reveals cases of unsustainability that worsen during Pilgrimages like that of dead, when the number of people in the city increases. The peculiar and important religious phenomenon represents an intensification of the chaos that is installed in the city, which generates the aggravation of problems already common in the day to day: chaotic traffic; open sewers; lack of water supply. The sense conveyed is that there is no concern in the reception of these people, let alone in respecting them as human people they are. In this way, the present work aimed to analyze the human rights of the pilgrims in Juazeiro do Norte under the prism of sustainability. For this purpose, qualitative approaches were used through ethnography, followed by a group of Paraíba pilgrims during the Pilgrimage period of the year 2017. A bibliographic research, interview, participant observation and use of image with consenting record were carried out, considering the ethical aspects in research. Given the above, we can see the great need for changes in the reality of Juazeiro do Norte in order to make the city a sustainable place to ensure that the human rights of pilgrims are respected.

Keywords: Pilgrimage, Human Rights, Sustainability, Juazeiro do Norte

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Romeiros durante procissão na Romaria das Candeias de 2017	30
Figura 2 – Romeiros em missa na Romaria de Nossa Senhora das Dores de 2017	31
Figura 3 – Romeiros durante celebração na Romaria de Finados de 2017.....	32
Figura 4 – Vista do município de São José de Caiana/PB.....	52
Figura 5 – Romeiros realizando leitura do TCLE.....	53
Figura 6 – Contato com alguns romeiros para planejamento da pesquisa de campo	60
Figura 7 – Contato com alguns romeiros para planejamento da pesquisa de campo	60
Figura 8 – Trajeto realizado de Juazeiro do Norte/CE à São José de Caiana/PB.....	61
Figura 9 – Imagem do interior do ônibus	62
Figura 10 – Imagens do lixo no interior do ônibus.....	63
Figura 11 – Imagens do lixo no interior do ônibus.....	63
Figura 12 – Romeira fazendo compras no comércio informal	66
Figura 13 – Vista de Juazeiro do Norte	68
Figura 14 – Imagem da estátua do Padre Cícero	71
Figura 15 – Esculturas de resina no Museu Vivo do Padre Cícero	71
Figura 16 – Capela no casarão do Padre Cícero	72
Figura 17 – Ex-votos de devotos do Padre Cícero.....	72
Figura 18 – Romeiros em visita ao Horto.....	73
Figura 19 – Romeiros em visita ao Santuário de São Francisco das Chagas	74
Figura 20 – Romeiros em visita a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro	74
Figura 21 – Romeiros em oração no túmulo do Padre Cícero.....	75
Figura 22 – Romeiros em visita a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores	76
Figura 23 – Romeiros em visita à Casa Museu do Padre Cícero.....	76
Figura 24 – Romeiros em visita ao Mercado Central Aduino Bezerra	77
Figura 25 – Romeiros em visita ao Cariri Garden Shopping.....	77
Figura 26 – Romeiras escrevendo seus nomes na estátua do Padre Cícero.....	80
Figura 27 – Romeira em momento de oração diante da imagem do Padre Cícero.....	80
Figura 28 – Romeiros em momento de Oração na capela do Horto.....	81
Figura 29 – Romeira durante missa na Basílica de Nossa Senhora das Dores	82
Figura 30 – Romeiros na missa de finados na Igreja de São Francisco das Chagas	82
Figura 31 – Romeiros em dança típica na Igreja de São Francisco das Chagas.....	84
Figura 32 – Jovens romeiras em momento de diversão no Cariri Garden Shopping	85

Figura 33 – Romeiros em visita ao comércio de Juazeiro do Norte	86
Figura 34 – Residência do casal Cirilo e Tiquinha em São José de Caiana	87
Figura 35 – Residência onde os romeiros se hospedam em Juazeiro do Norte/CE.....	88
Figura 36 – Trânsito caótico entre a feira e a Igreja de São Francisco das Chagas.....	91
Figura 37 – Romeiros no ônibus em direção ao Horto	92
Figura 38 – Trânsito na rua São José.....	92
Figura 39 – Paus de arara em Juazeiro do Norte durante a Romaria de Finados 2017	93
Figura 40 – Paus de arara em Juazeiro do Norte durante a Romaria de Finados 2017	93
Figura 41 – Esgoto a céu aberto ao lado da linha férrea no primeiro dia de romaria.....	94
Figura 42 – Esgoto a céu aberto e montes de lixo	94
Figura 43 – Esgoto a céu aberto e montes de lixo	94
Figura 44 – Lixo acumulado em calçadas	95
Figura 45 – Lixo no interior da Igreja de São Francisco das Chagas	95
Figura 46 – Agente de limpeza urbana realizando coleta com carrinho de mão	96
Figura 47 – Bueiro no centro da cidade com lixo em seu interior.....	97
Figura 48 – Retorno a cidade de São José de Caiana/PB	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Romarias de Juazeiro.....	14
Tabela 2 – Os diversos tipos de Romeiro.....	32
Tabela 3 – Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	52
Tabela 4 – Motivo da visita dos sujeitos da pesquisa a cidade de Juazeiro do Norte	65
Tabela 5 – Impressões dos sujeitos da pesquisa sobre a cidade de Juazeiro do Norte/CE ..	68
Tabela 6 – Impressões dos sujeitos da pesquisa sobre Padre Cícero Romão Batista	69
Tabela 7 – Locais visitados pelos sujeitos da pesquisa.....	71
Tabela 8 – Pontos positivos da cidade de Juazeiro do Norte	78
Tabela 9 – Pontos negativos da cidade de Juazeiro do Norte	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
CDC	Código de Defesa do Consumidor
CE	Estado do Ceará
CF/88	Constituição Federal de 1988
CTB	Código de Trânsito brasileiro
Demutran	Departamento Municipal de Trânsito
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU	Organização das Nações Unidas
PB	Estado da Paraíba
RMC	Região Metropolitana do Cariri
SC	Estado de Santa Catarina
SP	Estado de São Paulo
TCLE	Termo de consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A RELIGIOSIDADE NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE	18
2.1 Religião e religiosidade popular	18
2.2 Das peregrinações às romarias	21
2.3 Romarias em Juazeiro do Norte	23
2.3.1 A cidade	23
2.3.2 O padre Cícero	24
2.3.3 O milagre da hóstia	26
2.3.4 As romarias	28
2.3.5 Os romeiros	31
3 DIREITOS HUMANOS E SUSTENTABILIDADE	34
3.1 Origem, conceito e características do Direitos Humanos	34
3.2 Dimensões dos Direitos Humanos	37
3.3 Origem e conceito de Sustentabilidade	39
3.4 Dimensões da Sustentabilidade	41
3.5 O princípio da Sustentabilidade	43
3.6 O direito ao Desenvolvimento Sustentável	45
3.7 A dignidade humana como valor intrínseco aos Direitos humanos e à Sustentabilidade	47
4 METODOLOGIA	49
4.1 A Etnografia na pesquisa	49
4.2 Os participantes da pesquisa	51
4.3 Fontes de pesquisa: as fontes escritas, orais e visuais	53
4.3.1 Pesquisa Bibliográfica	53
4.3.2 Entrevistas	54
4.3.3 Observação Participante	56
4.4 A análise dos dados	57
5 A PESQUISA DE CAMPO	61
5.1 “Oh! Que caminho tão longo!”: o chamado à Juazeiro	61
5.2 “E... Quem é ele?”: Padre Cícero e Juazeiro do Norte na visão dos romeiros	67
5.3 “Eu vim aqui, vim ver meu Padrinho”: a vivência da Romaria de Finados 2017	70

5.3.1 “No caminho de Juazeiro nunca ninguém se perdeu”: espaços visitados durante a romaria	71
5.3.2 “A luz da Fé que nos guia aqui nos reanimou”: o que Juazeiro tem de bom ...	78
5.3.2.1 Peregrinação, oração e fé	78
5.3.2.2 Diversão	83
5.3.2.3 Hospitalidade	86
5.3.3 “Meu Padrinho, Padre Cícero, foi pro céu vendo o povo sem sorte”: o que Juazeiro tem que não é tão bom	88
5.3.3.1 Trânsito	89
5.3.3.2 Esgotos e limpeza pública	93
5.3.3.3 Desrespeito ao humano	97
5.3.3.4 Falta de organização da cidade para o evento romaria	99
5.4 ‘Adeus meu Padrinho Cícero, que já vou me retirar”: A volta à terra natal	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	105
APÊNDICE A - TABELAS DE ENTREVISTAS COM OS ROMEIROS	109
APÊNDICE B – DIÁRIO DE CAMPO	119

1 INTRODUÇÃO

Situada no Sul do Estado do Ceará – CE, ocupando área de 248 km² e com população de aproximadamente 300 mil habitantes, a cidade de Juazeiro do Norte, um dos nove municípios integrantes da Região Metropolitana do Cariri (RMC)¹, é caracterizada pelo fenômeno cultural e religioso das Romarias em virtude da influência religiosa e histórica da figura do Padre Cícero.

O carisma do líder religioso e o episódio do milagre da hóstia² fizeram-no conquistar o respeito de grande parte da população local bem como de pessoas de outros Estados do nordeste do Brasil.

As visitas, impulsionadas pela fé, à cidade de Juazeiro do Norte deram origem às Romarias. Atualmente, no decorrer do ano, são realizadas três Romarias tidas como oficiais por serem reconhecidas pela Igreja Católica, elencadas na tabela abaixo:

Tabela 01 – Romarias de Juazeiro

Romaria	Data
Romaria das Candeias	02 de fevereiro
Romaria da Nossa Senhora das Dores	15 de setembro
Romaria de Finados	02 de novembro

Fonte: site <<http://www.juanorte.com.br/guiaromarias.html>>

A Romaria das Candeias teria surgido pelo desejo do Padre Cícero em ajudar um ferreiro desempregado, a quem teria solicitado fazer vários candeeiros para, depois, solicitar a seus fiéis que os adquirissem para a procissão de Nossa Senhora da Luz.

No mês de setembro ocorre a Romaria de Nossa Senhora das Dores coincidindo com os festejos à padroeira do município de Juazeiro do Norte, cuja data comemorativa é o dia 15 do referido mês.

¹ O crescimento demográfico verificado nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, sobretudo nas últimas décadas, bem como o fenômeno de conurbação, a expansão das atividades e fluxos de caráter regional concorreram para reforçar ainda mais o processo de integração socioeconômica do aglomerado urbano que se convencionou chamar de Crajubar. Por força da Lei complementar Estadual, aprovada pela Assembleia Estadual do Ceará e sancionada em ato público na cidade de Crato, em 29 de junho de 2009, pelo Governador do Estado do Ceará, foi criada a Região Metropolitana do Cariri, compreendida pelos três municípios polos do Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) e mais seis municípios limítrofes dessa aglomeração urbana, a saber, Caririaçu, Farias Brito, Jardim, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri (QUEIROZ, 2014).

² Fato no qual a hóstia consagrada oferecida a Beata Maria de Araújo pelas mãos do Padre Cícero transformou-se em sangue, o que motivou a vinda de inúmeros fiéis que acreditam ter ocorrido derramamento de sangue divino.

Por fim, a Romaria de Finados, considerada de maior porte entre todas devido a maior quantidade de fiéis presentes na cidade, ocorre no mês de novembro, quando uma multidão de romeiros vem a cidade para visitar o túmulo do Padre Cícero.

Estes fatos possibilitaram o reconhecimento não apenas de Juazeiro do Norte, mas de todo o Cariri em âmbito nacional e mundial. Entretanto, por ser um lugar de passagem, sendo considerado central para todas as capitais do Nordeste, seu crescimento urbano ocorre de forma imediata e não planejada, desassociado das preocupações ambientais, sociais, econômicas e culturais ante a realidade com a qual se pode deparar atualmente no dia a dia da cidade.

É notória a imensa quantidade de pessoas³ que visitam a cada ano a cidade no período de romaria, porém a urbe ainda permanece incompatível para a recepção dos romeiros de modo adequado.

O tão peculiar e importante fenômeno das romarias permanece representando uma intensificação do caos que se encontra instalado na cidade. Isto pode ser verificado pelo agravamento de problemas já comuns no dia a dia do município: trânsito caótico; esgotos estourados e a céu aberto; falta de fornecimento de água; aumento considerável dos preços dos produtos e serviços no comércio regular e irregular, especialmente gêneros alimentícios e estadia em pousadas e pensões, mesmo que estes não tenham qualidade e segurança mínima.

Além dos problemas relativos à infraestrutura, o tratamento despendido aos romeiros também desperta indignação. É comum nos depararmos na cidade de Juazeiro do Norte com moradores locais tecendo comentários desagradáveis sobre os romeiros e traçando estereótipos negativos, comerciantes lhes explorando economicamente ou com motoristas que não os respeitam como pedestres, além da omissão por parte da Igreja Católica transfigurada no descuido e falta de higiene dos espaços de vivência dos romeiros dentro dos próprios templos sagrados. A sensação transmitida é de que inexistente qualquer preocupação no acolhimento destas pessoas e, muito menos, em respeitá-las como pessoas humanas que são.

Os romeiros são estigmatizados e têm seu espaço de circulação limitado na cidade. Para alguns, o fenômeno religioso pode ocorrer, mas apenas em alguns lugares da cidade, não em todos. A Romaria estaria relacionada ao trajeto espacial em que se encontram os templos

³ Não existem dados concretos no *site* das igrejas de Juazeiro do Norte e no *site* do município. Os trabalhos acadêmicos mostram que não existe uma contagem oficial da quantidade de romeiros, o que desperta algumas indagações: como a cidade pode se preparar para acolher bem o romeiro se não tem dados para estimar a quantidade de pessoas que virão? Se não se sabe a quantidade de pessoas, como calcular, por exemplo, a quantidade de policiais necessários para garantir o mínimo de segurança durante o período. Atualmente, não existem dados oficiais estatísticos da quantidade de romeiros que visitam Juazeiro do Norte.

religiosos cristãos, saindo deste espaço os romeiros são julgados como invasores de espaço que não lhe pertence.

O quadro problemático se agrava com maior intensidade no período de romarias consideradas de maior porte, tal como a Romaria de Finados. Porém, o fato mais curioso é que, mesmo com tantos fatores que poderiam criar no romeiro uma aversão ao local, o fenômeno religioso romaria continua a ocorrer em grandes proporções a cada ano.

A temática da pesquisa surge de uma indignação pessoal de quem tem na figura do romeiro parte de sua história. Assim como vários nordestinos que sofriam com o problema da escassez de água e buscavam um lugar melhor para viver, meus avós maternos, nascidos no Estado da Paraíba, vieram para Juazeiro do Norte depois de tentarem melhorar de vida em várias outras localidades do Nordeste.

Após conviverem com a seca e com a perda de duas filhas pela falta de assistência à saúde, encontraram em Juazeiro do Norte, por meio da fé em Padre Cícero, a última esperança de dias melhores, assim como ocorreu com vários outros romeiros que aqui estabeleceram morada definitiva.

Há cerca de trinta anos, começaram a receber e abrigar em casa alguns parentes do Estado da Paraíba que pagavam promessas ao Padre Cícero na época da Romaria de Finados. Cresci naquele ambiente em que a preocupação durante todo o ano era de organizar a casa para receber bem os familiares romeiros. A preocupação de meus avós perpassava por todos os aspectos: pintura e limpeza da casa, aquisição de vasilhames, mesmo que emprestados, para armazenar água já que sempre faltava naquela época, alimentação para os romeiros, etc.

Alguns vinham de pau de arara, outros a pé, mas, quando chegavam, a alegria era inigualável. Muitas vezes a romaria era a única oportunidade de reencontrar-se.

E essa família ao longo dos anos foi se expandindo. Atualmente, meus avós acolhem além dos parentes, muitos conterrâneos. A casa fica lotada, a temperatura fica mais elevada, são colchões e redes por todos os lados. Mas ninguém se importa! Se tiver comida, água e um cantinho para dormir, para eles está excelente. Não é cobrada estadia, todos são acolhidos como se fossem da família. Os romeiros, em gratidão, dão o que está em suas condições: galinha, arroz, feijão, mel, leite, doces, queijos – todos produtos oriundos de seu trabalho no campo. Eles se sentem bem em meio daquela bagunça! E durante todo o tempo trazem um sorriso no rosto. Isso sempre me chamou muita atenção.

Minha história com os romeiros continuou quando da convivência com os familiares do meu marido. A maioria deles trabalha em épocas de romarias vendendo principalmente alimentos. Ao visitá-los em seus ambientes de trabalho, sempre ouço histórias

sobre o modo de algumas pessoas tratarem os romeiros (venda de comida estragada, produtos com preços dobrados, vários assaltos) além das condições precárias, como falta de água em todo o período de romaria, esgotos estourados. Isso tudo me despertou indignação. Comecei a refletir porque não havia policiais para garantir a segurança, porque a vigilância sanitária não passava pelas barracas que comercializam informalmente alimentos? Onde estava o poder público para tomar alguma providência?

Diante de tais fatos, a presente pesquisa norteia-se pelos seguintes questionamentos: Em que medida os direitos humanos dos romeiros que participam das romarias na cidade de Juazeiro do Norte são garantidos? Como a cidade de Juazeiro do Norte tem garantido o espaço de visitação e convivência local para os romeiros? O que sente o romeiro quando vem à romaria e o que lhe motiva a voltar? Qual os limites espaciais na cidade de Juazeiro do Norte para a vivência do romeiro? Qual a cidade de Juazeiro do Norte que o romeiro realmente conhece?

As hipóteses listadas para estes questionamentos perpassam a ideia principal de que o romeiro, em virtude de sua fé religiosa, não consegue reconhecer a cidade de Juazeiro do Norte como um local que possa vir a lhe causar qualquer tipo de violação ou dano.

Ademais, supomos que os direitos humanos dos romeiros não são respeitados, violando a legislação nacional e internacional vigentes bem como os ideais do desenvolvimento sustentável.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar os direitos humanos dos romeiros em Juazeiro do Norte sob o prisma da sustentabilidade. Para tanto, buscamos identificar a concepção de direitos humanos e sustentabilidade na relação com o fenômeno religioso. Também procuramos conhecer a percepção do romeiro sobre a romaria e a cidade de Juazeiro do Norte.

Além disso, foram identificados os espaços da cidade Juazeiro do Norte que são frequentados pelos romeiros e a forma como eles são tratados nestes locais no intuito de explicitar se a cidade de Juazeiro do Norte tem garantido espaço de visitação e convivência local dignos e sustentáveis para os romeiros. Por fim, investigamos em que medida os direitos humanos dos romeiros que participam das romarias na cidade de Juazeiro do Norte são garantidos.

Na pesquisa foi realizada uma abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica bem como da etnografia. Para tanto, foi acompanhado um grupo integrado por 17 romeiros, oriundos da cidade de São José de Caiana – Paraíba (PB). O trabalho de campo foi desenvolvido entre os dias 30 de outubro e 02 de novembro de 2017, durante o período da Romaria de Finados, considerada a de maior porte entre todas, devido a intensa quantidade de

fiéis que visitam a cidade de Juazeiro do Norte. Também foram utilizadas neste período a observação participante na modalidade não-secreta além do uso de imagem com registro consentido, considerando os aspectos éticos em pesquisa.

O trabalho foi desenvolvido em quatro capítulos. O primeiro trata sobre a religiosidade das Romarias na cidade de Juazeiro do Norte, no qual aborda-se a respeito de religiosidade popular e das Romarias em Juazeiro, destacando aspectos históricos sobre o Padre Cícero e o milagre da hóstia.

No segundo capítulo, é realizada uma análise sobre Direitos Humanos e Sustentabilidade, abordando suas dimensões e trazendo alguns elementos convergentes entre estas duas categorias, tais como a valorização da dignidade humana.

O terceiro capítulo descreve o percurso metodológico utilizado no decorrer da pesquisa de campo. Por fim, o quarto capítulo trata sobre a pesquisa de campo em si. Nele, tratamos sobre a motivação dos romeiros para a vinda a cidade de Juazeiro, sobre os espaços visitados durante as romarias e, por fim, sobre os aspectos positivos e negativos da cidade na percepção dos sujeitos da pesquisa.

Diante do exposto, com a presente pesquisa podemos constatar a grande necessidade de mudanças na realidade de Juazeiro do Norte no intuito de que a cidade se torne um lugar sustentável para garantia de que os direitos humanos dos romeiros sejam observados e respeitados.

2 A RELIGIOSIDADE NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE

Para tratar do tema Romarias em Juazeiro do Norte, é fundamental compreender a religiosidade que motiva tal acontecimento. Desse modo, no presente capítulo será exposto sobre a religiosidade popular, suas formas de manifestação e sobre as razões que deram origem as Romarias em Juazeiro.

2.1 Religião e religiosidade popular

Quando se fala em religião, logo se faz relação com a ideia de seres espirituais, superiores, ou como afirmam Durkheim (1996) e Lambert (2011) tratamos de algo tido como sobrenatural. Para Durkheim (1996, p. 05) esta é a característica principal de tudo que se liga à religião. O autor assim define como religioso aquilo que “ultrapassa o alcance de nosso entendimento”. Sendo o sobrenatural algo misterioso, incompreensível e impossível de se conhecer, a religião diz respeito a uma tentativa de explicação acerca de tudo aquilo que a ciência não tem condições de explicar.

As religiões, diz Spencer, diametralmente opostas por seus dogmas, concordam em reconhecer tacitamente que o mundo, com tudo que contém e tudo que o cerca, é um mistério que pede uma explicação”; portanto, ele as faz consistir essencialmente na “crença da onipresença de alguma coisa que vai além da inteligência”. Do mesmo modo, Max Müller via em toda religião “um esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração ao infinito (DURKHEIM, 1996, p. 05).

Lambert (2011) acrescenta à ideia a existência de duas realidades: a natural e a sobrenatural. A ordem sobrenatural, também designada de sobrehumana, metassocial, transcendente ou, como autor prefere, supraempírica, excede os limites da realidade natural tal como é compreendido no campo das ciências sociais.

O termo supraempírico parece-me adequado a uma tarefa que se pretende científica e operatória. Essa distinção aparece na história apenas com a mudança axial universalista mediterrânea, e sob forma de uma distinção entre o natural e o sobrenatural que não corresponde necessariamente à da ciência moderna. Isso não nos impede de modo algum de aplicar esse critério ao conjunto da evolução humana enquanto objeto de análise, mesmo que tal distinção não seja percebida (LAMBERT, 2011, p. 29).

Tratando da definição da religião, Durkheim (1996) nos remete a ideia de divindade. Para o autor, a religião se caracteriza pelo vínculo entre a vida humana e o ser espiritual misterioso – dotados de poderes superiores aos do homem comum – ao qual se

reconhece um certo poder de dominação sobre si e sobre o mundo. Além disso, é a este ser superior a quem o ser humano deseja sentir-se unido.

Além da presença do elemento divindade, Lambert (2011) acrescenta mais dois elementos: a existência de meios simbólicos de ação (em especial os ritos) e as formas de organização social. Dessa forma, o autor define religião como uma organização que presume uma realidade sobrenatural, por ele designada de supra empírica, com a qual é possível manter comunicação utilizando-se de meios simbólicos tais como, preces, ritos e meditações. Os três critérios apresentados pelo autor são no seu entender bastante operatórios, pois

Permite especialmente distinguir a religião da magia e da feitiçaria – às quais falta o aspecto de atividade coletiva –, assim como das “religiões seculares” (ideologias), e aqui ressalta a analogia, pois falta a crença na existência de uma realidade supraempírica. Consequentemente, pode-se ver uma crença religiosa como representação correspondente a uma realidade supraempírica que se supõe estar no princípio da realidade empírica, com a qual é possível se comunicar. Para o crente, essa entidade supraempírica é a mais “verdadeira”, a mais fundamental, embora, para o incrédulo seja uma ilusão (LAMBERT, 2011, p. 30).

Numa perspectiva filosófica, para Silva (2016, p. 64) a “religião é uma expressão cultural que apresenta a cosmovisão de um povo, sua metafísica”. Citando Hegel (2002, p. 458, citado por SILVA, 2016, p. 64), o autor confere à religião a sentido de “consciência da essência absoluta”, ou seja, perceber o que é absoluto por meio da representação e do sentimento. E continua: “Para Hegel (1970), a religião não é algo irracional ou mesmo contrário ao pensamento, mas a expressão mais próxima da filosofia, assim como a arte; embora ambas tenham como conteúdo o absoluto, elas o representam sob formas diversas (SILVA, 2016, p. 64)”.

No que tange à religião popular, Silva (2016) a caracteriza com três elementos: a imediatidade de suas representações, a espontaneidade e a ingenuidade de suas expressões de fé. Estas expressões trazem consigo afetividade e simplicidade que embelezam a liturgia pela sua sinceridade. Outro fator diferenciador da religião popular é a horizontalidade pois suas formas de expressão resultam da manifestação livre de seus fiéis, na maioria das vezes pessoas humildes, e não de definições dogmáticas da instituição Igreja.

O autor nos ensina que o sincretismo é uma das características dessa forma de religiosidade, apesar de ser visto com distanciamento pelas religiões com forte hierarquia por denotar algo nocivo à pureza dos dogmas e da doutrina. A palavra sincretismo, de origem grega, significa mistura, o que denota o aspecto híbrido na religião popular. Silva (2016) ressalta que isso não é visto como um ponto negativo, principalmente pelo fato de fazer parte da dinâmica

da religião de inserir-se nas culturas, modificando-as, como ocorreu com o cristianismo, por exemplo.

Apesar da peculiaridade e da diversidade de elementos, a religiosidade popular não é tão bem vista pelas autoridades eclesiais:

A mística que está presente na religiosidade popular é sempre vista com receio pelas autoridades eclesiais, devido a seu potencial revolucionário e indomado do ponto de vista teológico e mesmo do ponto de vista da práxis, pois a mística surge de uma experiência profunda com o sagrado, seja na forma individual (como o caso dos grandes místicos), seja na forma comunitária (como foi em Juazeiro) (SILVA, 2016, p.71).

Entre as formas de manifestação da religião popular, principalmente no cristianismo católico, destacam-se as devoções, as promessas, as romarias, as procissões, e os ex-votos (SILVA, 2016).

O termo “devoção” tem origem no termo devoto, ou seja, quem faz um voto, que assume um compromisso, como uma promessa feita a um determinado santo, por exemplo. O devoto procura seguir o exemplo de vida do seu santo, que está de certa forma, ligado a Cristo, entidade superior, por seu testemunho e por sua vida de dedicação ao projeto do Reino. Ele também pede a intercessão do santo de devoção em momentos de grandes dificuldades de sua vida, como sofrimento, doenças, angústias, invocando seu auxílio pela expressão: “Valei-me, meu santo!” (SILVA, 2016).

O meio pelo qual o devoto oferta algo, seja material ou imaterial, como prova da sua devoção, admiração e respeito por aquele que intercede a Deus por ele e lhe auxilia nos momentos difíceis da vida é designado de “promessa”. As pessoas devotas, em sua humildade e pequenez, não se sentem dignas de suplicar a Deus de forma direta. Por isso, apela àqueles que um dia foram homens como nós e pela sua vida de integridade alcançaram as graças de Deus (SILVA, 2016). O ex-voto é uma forma de promessa pois consiste em colocar determinado objeto em igreja ou capela em agradecimento por uma graça alcançada.

De modo coletivo, as devoções apresentam-se por meio das romarias e procissões “que representam o modelo do povo de Israel caminhante e peregrino em busca da Terra Prometida” (CODINA, 1997 citado por SILVA, 2016, p. 69). Enquanto o termo romaria deriva de peregrinação a Roma, ao lugar sagrado, a procissão se caracteriza pela caminhada com o santo.

No que diz respeito às promessas, é nos santuários que essas são cumpridas. O devoto que é atendido em sua prece, deve “pagar a promessa”, ou seja, ofertar algo que demonstre sua devoção e gratidão. No Estado do Ceará existem vários santuários de

religiosidade popular, locais para onde seguem as principais romarias, como o Santuário de São Francisco, em Canindé, e de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte (SILVA, 2016).

Essas são, de forma sucinta, as formas de manifestação da religiosidade popular, um vasto campo para pesquisas já que se expressa de forma multifacetada e sem a inflexibilidade do culto oficial, associando elementos das mais distintas matrizes culturais. Uma tradição rica que se propaga por todo o Brasil e tem lugar de destaque no Nordeste (SILVA, 2016).

2.2 Das peregrinações às romarias

As peregrinações podem ser compreendidas como o ato de viajar para lugares

onde poderes religiosos, conhecimentos ou experiências são considerados especialmente acessíveis. Geralmente, é acompanhada de experiências físicas e esteticamente muito potentes, produtoras de sentidos de integração de si mesmo com o cosmo e transcendência do ego (GOLD, 2001, citado por CORDEIRO, M., 2011, p. 77).

A condição de peregrino, que pressupõe um trajeto em direção ao que é tido como divino, pode ser compreendida tanto em seu sentido material – de deslocamento geográfico – como em seu sentido figurado, de jornada interior (CORDEIRO, M., 2011). Essa compreensão demonstra o trajeto de vida do próprio homem que busca a renovação e purificação através de suas escolhas e da busca do encontro com Deus, como nos ensina Cordeiro, M. (2011, p. 71 e 72)

Nessa atitude religiosa, a condição peregrina representa simbolicamente a situação itinerante do ser humano, como viajante de sua própria existência, na medida em que, para o homem religioso, embora tendo sido criado do barro, sua origem é em Deus, sendo dele separado pelo pecado, tem necessidade de voltar a Ele. O sentimento de separação e sofrimento motiva ao “caminho” que, ao longo da vida, é constituído pelas escolhas de cada um.

No início da era cristã, várias eram as motivações para as peregrinações: desejo de viajar, castigo, sacrifício, penitência, pagamento de pecados ou até mesmo para cumprir penas canônicas (JONES-NERZIC, 2008 citado por CORDEIRO, M., 2011). Hodiernamente, a peregrinação adquire uma nova configuração a partir do momento que passa a se caracterizar por uma ação voluntária e não mais obrigatória, a depender das decisões do indivíduo que peregrina. Na atualidade, as peregrinações cristãs mantêm elementos medievais ocorrendo suas práticas como forma de cultos aos santos e à Virgem Maria, intercessores entre o céu e a terra, ou seja, entre Deus e seus fiéis (CORDEIRO, M., 2011).

Como práticas religiosas, que reportam a um movimento físico, espiritual e temporal, as peregrinações submetem seus praticantes muitas vezes a desconfortos, privações e abrigos precários. Chegando ao local de destino, os peregrinos passam a visitar os lugares sagrados, realizam rituais nos quais santificam objetos pessoais, colocando-os em contato com as relíquias dos santos, pois acreditam serem capazes de curar e abençoar. Além disso, participam também de rituais sagrados e realizam orações agradecendo o que foi conquistado e pedindo mais (CORDEIRO, M., 2011).

Alguns dos aspetos descritos relativos à peregrinação estão integrados ao conceito de romaria. Conforme nos ensina Cavalcante (2011, p.48) estes aspetos são:

a existência de um lugar sagrado ou santuário, um percurso até o santuário e, por último, a presença de rituais ou ritos que abrangem cânticos, indumentárias, orações, silêncio, lamentos, memórias de dores e sofrimentos, ações de graça, enfim, um exercício de fé.

Dessa forma podemos entender as romarias como prática de peregrinação. São assim designadas por terem se realizado na Europa durante o período medieval com a ida de seus fiéis para lugares tidos como sagrados e distante de seus lares. No Brasil, os peregrinos são conhecidos como romeiros em virtude da grande influência religiosa da Igreja Católica de Roma (CAVALCANTE 2011).

Ferreira (1999 citado por 2011 CORDEIRO, M., 2011, p. 73) nos ensina a relação dos termos “peregrinação” e “romaria” explicando-os em uma primeira acepção como sinônimo e, em seguida trazendo uma acepção distinta para o termo “romaria”: “utilizado para designar uma reunião de devotos que participam de uma festa religiosa, ou festa que se realiza em arraial”. Com origem no latim, a expressão “romaeu” denominava aqueles que se deslocavam até Roma. Diferentemente, o termo “romeiro”, utilizado inicialmente no Império do Oriente, tem origem grega, “rhomaîos”, e trata dos peregrinos que se direcionavam à Terra Santa (CORDEIRO, M., 2011).

Tentando traçar uma diferenciação entre peregrinação e romaria, Cordeiro, M., (2011) nos revela o caráter mais místico das peregrinações enquanto que as romarias se revestem de uma característica mais festiva e coletiva:

Nesse sentido, as peregrinações estariam associadas à idéia [sic] de um caminho percorrido pautado pela alteridade: em busca de um “outro”, físico ou espiritual, o peregrino vivencia uma transformação interior. Por assim ser, seria uma jornada de santificação, que também aponta para uma busca mística de si. Já as romarias, seriam caracterizadas por percursos mais curtos, envolvendo festas e devoções, além de larga participação comunitária. A relação entre romaria, festa e o aspecto comunal do evento são os principais pontos sustentados por Steil (2003a) na tentativa de discernir entre romarias e peregrinações, embora o autor reconheça que ambas as classificações

dão conta de uma grande variedade de experiências de deslocamentos por motivo de devoção e culto. As romarias parecem expressar experiências de caráter mais coletivo, inclusive organizadas em muitas situações por meio de investimentos políticos administrativos que lhes dão sustentação (CORDEIRO, M., 2011, p. 94).

As romarias não se mostram como fenômenos distintos das peregrinações, mas por oferecerem vasta variedade de atividades são consideradas como eventos que guardam sentidos e práticas diversificadas de acordo com seu contexto social, cultural e político. No Brasil, essas idas e vindas relacionam-se diretamente a festas do catolicismo popular, às festas de santos padroeiros e parte delas são comumente associadas a fluxos romeiros ultrapassando até mesmo a dimensão de festividade local. Em Juazeiro do Norte, por exemplo, as romarias são identificadas com essa dimensão de festejo religioso, onde o culto à Nossa Senhora e aos finados é fortemente expressado, bem como a devoção ao santo popular local, o Padre Cícero (CORDEIRO, M., 2011).

2.3 Romarias em Juazeiro do Norte

Para compreender o fenômeno das romarias que ocorrem na cidade de Juazeiro do Norte, se faz necessário compreender um pouco da história da cidade e seu envolvimento com a questão religiosa. Por isso, passaremos a tratar a respeito do histórico da cidade, da vida de seu fundador, o Padre Cícero, e sobre o marco religioso local que foi a grande motivação para a ocorrência das romarias à cidade.

2.3.1 A cidade

Juazeiro do Norte/CE, localiza-se na RMC, no sul do estado e dista 491 km da capital, Fortaleza. Ocupa uma área de 249 km² e sua população é de 270 383 habitantes, (conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – IBGE – referentes ao ano de 2017), que o torna o terceiro município mais populoso do Ceará (depois de Fortaleza e Caucaia), o maior do interior cearense.

Está localizada no meio do sertão, fazendo parte do denominado oásis do Cariri.

No meio de um sertão árido e intolerante, que eternamente põe à prova a coragem, a resistência e a Fé, Juazeiro mergulha num vale privilegiado, cercado de montanhas cujas entranhas regurgitam de água pura em abundância. Por esta razão, o Vale do Cariri, durante os anos de seca é visado pelo nordestino como um oásis no meio do sertão (GUIMARÃES, 2011, p. 39).

Assim como outros espaços de devoção no mundo que tem na natureza um forte elemento que simboliza os valores humanos e espirituais, Juazeiro do Norte apresenta condições geográficas e climáticas que

formam um suporte natural para uma realidade espiritual e religiosa central para o homem nordestino: esperança concreta de uma salvação material, Juazeiro é igualmente símbolo da “Jerusalém Celeste” onde não haverá mais choro, nem seca, nem sofrimento, nem injustiça (GUIMARÃES, 2011, p. 40).

O nome Juazeiro deve-se a árvore típica do semiárido brasileiro, cujo nome científico é *Zizyphus joazeiro*, muito comum no nordeste, resistente à seca e que permanece sempre verde (CAVALCANTE, 2011).

O grande passo para as mudanças do então denominado sítio Tabuleiro Grande, distrito da cidade vizinha, Crato, se inicia a partir da construção de uma capela:

O município tem como marco a construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Dores no antigo sítio Tabuleiro Grande, pelo padre Pedro Ribeiro da Silva, proprietário do sítio, hoje município de Crato. Em frente à capela havia uma grande árvore juazeiro que servia de abrigo aos viajantes, daí a origem do nome da cidade, alterado para Juazeiro do Norte em 14 de junho de 1946 (CAVALCANTE, 2011, p. 42).

Juazeiro do Norte era inicialmente um distrito da cidade vizinha Crato, até que o jovem Padre Cícero Romão Batista, após celebrar uma missa de Natal naquele lugar, resolveu se fixar no lugarejo. O padre foi um dos responsáveis, tempos depois, pela emancipação e independência da cidade. Por conta do chamado "milagre da hóstia" a figura do padre assumiu características místicas e passou a ser venerado pelo povo como um santo.

Devido à figura de Padre Cícero, Juazeiro do Norte é considerado atualmente como um dos três maiores centros de religiosidade popular do Brasil, juntamente com Aparecida (São Paulo – SP) e Nova Trento (Santa Catarina – SC).

Apesar da atração devido à personalidade do Padre Cícero e de que a cidade seria um recanto para os menos favorecidos, o crescimento não se pautou apenas no cunho religioso. Com a propagação dos milagres e da visão de que Juazeiro era um local sagrado, o pequeno povoado desenvolveu-se também sócio e economicamente de forma muito rápida (PAZ, 2011).

A cidade é ainda um grande polo cultural do Brasil, sendo um dos maiores centros de artesanato e cordel do nordeste do país. A cidade também abriga um dos maiores polos acadêmicos do interior do nordeste. O município exerce forte influência sobre todo Sul do Ceará, sendo um importante centro de compras e serviços regionais.

2.3.2 O padre Cícero

Cícero Romão Batista, nascido em Crato/CE em 24 de março de 1844, filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana, é um sacerdote brasileiro com grande devoção popular. Ainda menino, aos doze anos de idade, revelou sua vocação religiosa fazendo voto de castidade inspirado pela leitura da biografia de São Francisco de Sales. No ano de 1871, com vinte e seis anos de idade, foi ordenado padre no Seminário da Prainha, passando a ser conhecido como Padre Cícero (PAZ, 2011).

Sobre tais fatos, comenta Araújo:

Em 1872, Padre Cícero, recém ordenado assumiu atividades religiosas na vida rural, então vinculada ao município do Crato, onde construiu e consolidou gradativamente as bases da coesão social, através de práticas devocionais. Segundo Luitgard, o Padre Cícero, ordenado no Seminário de Fortaleza, assim como outros padres sertanejos, teve acesso em sua formação, a conteúdos inovadores, conhecendo, assim, a potencialidade revolucionária da utopia cristã (ARAÚJO, 2011, p.43).

Ainda no ano de 1871, o Padre Cícero “ recebe o convite para celebrar a missa de Natal num pequeno povoado chamado Juazeiro” (PAZ, 2011, p.74).

O que era para ser apenas uma celebração, acabou se tornando o início de uma grande história. Após a celebração em Juazeiro, o padre teve um sonho no qual Jesus Cristo lhe revelou sua decepção com a humanidade e ordenou ao padre que “tome conta deles”, se referindo aos pobres. Em 11 de abril de 1872, o padre retornou ao lugarejo com sua família para fixar morada definitiva.

Ao estabelecer sua moradia em Juazeiro, Padre Cícero se deparou com a população inserida em um cotidiano marcado por rodas de samba, consumo de álcool e prostituição. O sacerdote, que se preocupava diante daquela situação que ele designava de penúria material e moral, por meio de uma atuação moralizadora reestabeleceu a ordem do lugar (PAZ, 2011).

Conforme Guimarães (2011), o Padre Cícero não atuava apenas nas tarefas litúrgicas, ele também dava orientações, conselhos, educava as pessoas, auxiliando-os a deixar a miséria moral e material. Por isso, se tornou um dos líderes mais populares e importantes na história brasileira. “Esse homem lutava por um sonho: queria fazer de Juazeiro um céu, uma morada para Cristo na Eucaristia” (GUIMARÃES, 2011, p. 73).

O padre se tornou conselheiro de uma quantidade crescente de fiéis a quem incentivava a orar e trabalhar. Inseriu novos discursos dos quais surgiam novas práticas de trabalho que valorizavam o homem e direcionavam para a construção de um mundo mais livre e justo (ARAÚJO, 2011).

Do ponto de vista econômico, [...] o Padre Cícero difundiu um ideário de prosperidade, o qual consolidou uma concepção de desenvolvimento pautada no trabalho e na fé. A referida concepção contribuiu para a ocupação dos espaços públicos e privados no Joazeiro, modelando uma nova geografia econômica na região do Cariri Cearense. A concepção de desenvolvimento ora em debate repercutiu para projetar o vilarejo do sertão nordestino de base predominantemente rural, em um importante núcleo urbano de comercialização. A consolidação do ideário de prosperidade, constitui um importante elemento para promover a presença do Padre Cícero na memória da cidade através do tempo (ARAÚJO, 2011, p.40).

Rapidamente, o lugarejo transformou-se num povoado com centenas de casas, a capela já se mostrava pequena diante da crescente legião de fiéis que buscavam orientações, bênçãos e aconselhamentos do padre. “O Padre Cícero se considerava um cidadão Joazeiro e alimentava um amor transcendental pelo lugar. Ele falava: ‘Sou filho do Crato, é certo, mas Joazeiro é meu filho’ (ARAÚJO, 2011, p. 59)”.

Mesmo estabelecido em Juazeiro de forma definitiva, o padre não obtém êxito em sua ação religiosa institucionalmente, já que após o milagre da hóstia, perde sua ordem. Já fortalecido em sua liderança espiritual perante os fiéis, buscou fortalecer seu poder na esfera política com a finalidade de assegurar sua permanência em Juazeiro. Diante disso, o movimento liderado pelo Padre Cícero atingiu dimensões políticas e econômicas, culminando, em 1911, na emancipação da vila (ARAÚJO, 2011).

O padre Cícero faleceu em Juazeiro do Norte no dia 20 de julho de 1934, aos 90 anos e encontra-se sepultado no altar da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na mesma cidade.

Em março de 2001, foi escolhido como "O Cearense do Século" em votação promovida pela TV Verdes Mares em parceria com a Rede Globo de televisão.

Em julho de 2012, foi eleito um dos "100 maiores brasileiros de todos os tempos" em concurso realizado pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) com a *British Broadcasting Corporation* – BBC – Corporação Britânica de Radiodifusão.

2.3.3 O milagre da hóstia

Para auxiliá-lo na missão evangelizadora, o Padre Cícero contava com grupos de beatos que propagavam a palavra de Deus à população local. Os beatos usavam vestes escuras e compridas, pediam esmolas e, apesar de não serem reconhecidos pela Igreja Católica, faziam serviços como celebração de novenas e terços (CAVALCANTE, 2011).

No dia 1º de março de 1889, uma dessas beatas que auxiliavam o Padre, a beata Maria de Araújo, estava na celebração da missa e, no momento em que recebeu das mãos do Padre Cícero a hóstia consagrada, esta se transformou em sangue em sua boca. Eis o grande acontecimento que mudaria a história de Juazeiro.

Citando as considerações da comissão de estudos para a reabilitação histórico-ecclesial do Pe. Cícero, Forti (2016, p. 29) nos revela

As dificuldades de Pe. Cícero com a hierarquia da Igreja, anteriormente referidas, inicia-se com os acontecimentos extraordinários que se dão em Juazeiro em 1889. Na primeira sexta-feira do mês de março desse ano, ao dar a comunhão à Beata Maria de Araújo, ocorre o fenômeno da aparente transformação de parte da hóstia consagrada em sangue, na boca da comungante. Inicialmente o Pe. Cícero guarda reserva sobre o fenômeno. Com sua repetição, em dias posteriores, o fato ganha notoriedade e é interpretado pela primeira vez como um milagre eucarístico por Mons. Monteiro, reitor do seminário do Crato, atraindo fiéis que se deslocam até Juazeiro para presenciar o acontecimento.

Ao receber a hóstia, a beata não pode degluti-la, por ter se transformado em sangue. O fato ocorreu ainda por diversas vezes, inclusive quando das tentativas de se avaliar o que de fato estaria ocorrendo por parte da Igreja. Entretanto, para os fiéis do Padre Cícero não eram necessárias explicações, o fato era e é encarado como um milagre.

A notícia sobre o milagre da beata do Juazeiro, em cuja comunhão teria recebido o sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo, fato eucarístico também denominado transubstanciação, espalhou-se por diferentes paragens do sertão nordestino. Uma legião de fiéis passou a se deslocar para Juazeiro no intuito de conhecer o padre, santo milagreiro, formando-se um importante movimento popular religioso sob a forma de romaria ao Joaseiro [sic]. O culto ao Padre Cícero se difundiu pelo interior do Nordeste atraindo devotos que vinham visita-lo a pé, percorrendo longas distâncias (ARAÚJO, 2011, p.50).

“As toalhas com que limpavam a boca da beata passaram a ser objetos de veneração de todos” (WALKER, 1994, p. 9). Isso não agradou a cúpula da Igreja na Diocese de Crato e o Padre Cícero acabou suspenso de suas ordens, devido ao “suposto milagre”. O Padre e tentou por diversas vezes a sua reinserção à igreja católica, não obtendo êxito. Faleceu excluído do clero, após longo processo caracterizado pela discriminação, humilhação, injustiça e preconceito (ARAÚJO, 2011).

Este acontecimento mudou o rumo da história de Juazeiro pois em virtude do suposto milagre, até os dias atuais multidões de romeiros procuram a cidade como um espaço sagrado de milagres onde acreditam ter ocorrido derramamento de sangue de Cristo pelas mãos do padre santo.

O suposto milagre imprimiu no espaço de Joaseiro uma dimensão mística e originou uma sucessão de fatos extraordinários, redimensionando o cotidiano do lugar. A

presente dimensão é caracterizada pela fé dos devotos, beatos e romeiros do Padre Cícero (ARAÚJO, 2011, p. 55).

No dia 31 de maio de 2006, Dom Fernando Panico, então bispo da Diocese de Crato/CE, conduziu uma comitiva de religiosos, políticos e fiéis, e também enviou ao Vaticano a documentação técnica para a abertura do processo de reabilitação do padre Cícero. Em 13 de dezembro de 2015, houve a reconciliação entre a Igreja Católica e o Padre Cícero.

2.3.4 As romarias

Após o milagre da hóstia, protagonizado pelo Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, deu-se início as romarias na cidade. Mesmo sem o apoio da Igreja, inúmeros fiéis em peregrinação buscavam um encontro com o sagrado em Juazeiro.

Características da religiosidade popular, as romarias revelam a peregrinação dos devotos que se conduzem à fonte da fé. Em Juazeiro do Norte notamos como a religiosidade popular foi fundamental, mobilizando devotos, hierarquia eclesiástica e poder político de toda a região, com um alcance maior do que se esperava (SILVA, 2016).

Desde 1891 predominava em Juazeiro um clima de efervescência espiritual. Se antes dos milagres o carisma do padre Cícero já exercia uma certa atração sobre os sertanejos, por volta de 1892 a fama do capelão crescia cada vez mais, devido à divulgação dos fatos. Um fluxo crescente de romeiros acorria a Juazeiro, sobretudo em épocas como a semana santa, quando o volume de pessoas aumentava ainda mais. Eram fiéis contagiados pela euforia religiosa vigente em Juazeiro (PAZ, 2011, p. 100).

A mística se faz presente não somente no milagre, mas transcende este fato surgindo uma mitologia e geografia do sagrado em Juazeiro (SILVA, 2016). Os espaços da cidade passam a ser apreciados em associação aos locais em que Cristo viveu, como o Horto (associado à Colina de Gólgota onde Cristo foi crucificado) e Santo Sepulcro (associado ao local em que Cristo foi sepultado).

A romaria é uma das expressões mais claras da dinâmica religiosa de Juazeiro do Norte, pois revela o caráter que assumiu a presença pastoral do Padre Cícero e toda a mitologia que se instituiu na cidade considerada a “Terra da Mãe de Deus”, a “Nova Jerusalém” (Apocalipse 21,2), instaurando uma geografia do divino nos lugares onde o sagrado se manifestou aos pobres e desvalidos, tais como a Igreja da Mãe das Dores, o Horto, o Santo Sepulcro e os demais espaços sagrados que permeiam o imaginário e o itinerário daqueles que vêm de longe para sentir a presença do sagrado e reviver a “história da salvação” que aconteceu em terras nordestinas (PANICO, 2009 apud SILVA, 2016, p. 72).

Sobre o assunto, nos ensina Araújo (2011, p. 52):

No imaginário do catolicismo popular, a utopia é direcionada para a construção de um mundo melhor pelos homens, não se esperando as ‘obras infalíveis’ de Deus, mas construindo eles próprios, indivíduos, a sua própria história, e, no caso de Juazeiro, a sua cidade santa, seu espaço sagrado. A relação espaço-temporal conjuga-se no presente imediato, quase uma interjeição! No referido espaço social, a fé aplicada e o trabalho representam a arte do fazer, voltada para transfigurar o cotidiano, através das táticas do homem comum, presentes nas formulações de Michel de Certeau. De homem comum a herói do cotidiano, pois a construção de um mundo melhor em um espaço marcado por intensas limitações materiais e imateriais representa substancial desafio, tanto no plano individual quanto no coletivo. A arte do fazer dos romeiros do Padre Cícero está inscrita na utopia cristã: construir um mundo melhor, no qual o Padre Cícero representa uma nova esperança de vida.

Atualmente, Juazeiro do Norte possui em seu calendário oito romarias, dentre as quais se destacam pela maior quantidade de fiéis que traz à cidade três romarias: a Romaria das Candeiras, a Romaria de Nossa Senhora das Dores e a Romaria de Finados. Entretanto, alguns já afirmam que se vive a romaria constantemente na cidade haja vista sempre ter uma quantidade razoável de romeiros entre os meses de setembro a março.

A romaria das Candeias, em uma das teorias explicativas mais populares, teria surgido de uma ideia do Padre Cícero em ajudar financeiramente um ferreiro desempregado. Dessa forma o padre instrui o ferreiro a fazer candeieiros ao mesmo tempo em que estimulava seus fiéis a compra-los para a procissão de Nossa Senhora da Luz. Outra teoria afirma que a atitude surge de iniciativa dos fiéis que teriam, espontaneamente, acorrido às ruas de Juazeiro segurando velas acesas, na esperança de que Nossa Senhora da Luz iluminasse a mente do bispo Dom Joaquim José Vieira, fazendo com que ele relaxasse as sanções impostas a Padre Cícero, por ocasião do incidente conhecido como milagre da hóstia.

Figura 1 – Romeiros durante procissão na Romaria das Candeias de 2017



Fonte: Vieira, 2017.

No mês de setembro ocorre a romaria de Nossa Senhora das Dores coincidindo com os festejos à padroeira do município de Juazeiro do Norte, cuja data comemorativa é o dia 15 do referido mês.

Figura 2 – Romeiros em missa na Romaria de Nossa Senhora das Dores 2017



Fonte: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/cariri/cidades/juazeiro-do-norte/fe-lagrimas-e-alegria-romaria-de-nossa-senhora-das-dores-e-encerrada-em-juazeiro/>>

Por fim, a Romaria de Finados, considerada

A maior romaria de Juazeiro do Norte atrai à “cidade santa” do Ceará cerca de 600 mil romeiros, vindos de diversas localidades da região Nordeste para manifestar a sua fé, rendendo homenagens a entes queridos falecidos e ao patriarca do município, Padre Cícero Romão Batista (Fonte: < <http://diocesedecrato.org/eventodadiocese/romaria-de-finados-2016/>>).

Representando a maior romaria de Juazeiro do Norte, na qual os romeiros têm como destino principal a visita ao túmulo do Padre Cícero, localizado no altar da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (CAVALCANTE, 2011).

Lá os romeiros oferecem coroas de flores, velas, ex-votos, assistem à missa e fazem confissões. Essa romaria apresenta também um sincretismo religioso muito forte, tendo todos os anos, a visita de etnias de índios pernambucanos, como os Pancuaruru, que têm rostos e corpos cobertos de palhas e outros acessórios. Eles fazem ritual de dança e reverência ao padre Cícero pedindo água em abundância para o seu povo. Há, também, a participação de ciganos da Paraíba e muitos rezadores de todo o Nordeste. Como itinerário há a antiga casa do Padre Cícero, que abriga a Sala de Milagres com objetos pessoais do padre, onde os romeiros fazem oferendas de ex-votos. Para Martins (2008), os santuários, as salas de promessas ou casas de milagres constituem uma espécie de teatro de fé, um lugar para ser visto, um espaço de testemunho através dos objetos de ex-votos (CAVALCANTE, 2011, p. 50).

Figura 3 – Romeiros durante celebração na Romaria de Finados de 2017



Fonte: Vieira, 2017.

2.3.5 Os Romeiros

Os romeiros revelam sua admiração pelo Padre Cícero por meio de sua espiritualidade e sua devoção. Essa confiança no padre revela traços positivos de sua vida e seu zelo para com os pobres e necessitados. Os romeiros são testemunhas da fonte de espiritualidade que foi – e permanece sendo – o Padre Cícero (FORTI, 2016, p. 40).

Em descrição realizada pelo Padre Murilo (citado por FORTI, 2016, p. 22), os romeiros

São pessoas simples, na maioria, agricultores, homens e mulheres da roça, paroquianos de expediente das Desobrigas, das Santas Missões, de fé nos gestos, na emoção, no toque, com um profundo sentimento de amor à Deus, à Nossa Senhora, à Igreja, à família, aos santos. Fé pouco raciocinada, mais mágica, mística, mas confiante. Os romeiros se aproximam do Santuário com cuidado, temor e respeito, trazem o que são, não apresentam exigências outras, querem um padre que perdoe seus pecados, alivie suas penas; querem uma palavra, muito parecido tudo isso com o que pediam à Jesus, quando, de aldeia em aldeia, andava pregando, curando, sarando e instalando o Reino. O romeiro leva a sério o que celebra em Juazeiro. Quando o Livrinho do Romeiro inclui “questionamentos”, eles respondem com o mais profundo amor às perguntas de experiência de vida. Sai de Juazeiro aliviado, leve, com a sensação de se ter encontrado. Escutamos muito isso, neste árduo trabalho de paróquia em Juazeiro do Norte.

As romarias se mostram como um acontecimento poético, recheado de sacrifícios e, ao mesmo tempo, satisfação e felicidade. O romeiro não se importa como ou quanto tempo terá que esperar para chegar à cidade, vive o sacrifício para, depois viver a contemplação daquilo, que, para ele é um espaço sagrado.

A prática da romaria imprime novas relações espaço-temporais; é a poética do lúdico, da contemplação, do desprendimento. O romeiro não calcula o tempo, nem a distância para ir a Juazeiro ver o Padre Cícero, seguindo feliz em sua caminhada, contemplando a beleza da estrada. (...) O romeiro não calcula obstáculo para ver o Padre Cícero, e o

padre não calcula obstáculo para atendê-los em suas necessidades materiais e imateriais, moldando no espaço práticas sociais e econômicas pautadas em contra racionalidades. Assim, encontra-se inscrito o imaginário da cultura e religiosidade popular em torno do ‘patriarca do sertão’ (ARAÚJO, 2011, p. 51).

É possível afirmar que na construção da cidade de Juazeiro, os romeiros têm uma dupla atividade: eles são responsáveis tanto pelos fluxos migratórios – já que inúmeros romeiros estabeleceram moradia na cidade em busca de uma vida melhor – quanto pelas visitas durante o período de romarias, o que para muitos acontece apenas anualmente. Como nos ensina Cordeiro, M. (2011, p. 93), os romeiros são “ao mesmo tempo, ‘estranhos’ que visitam anualmente a cidade e ‘conhecidos’ que pela repetição ritual da prática estabeleceram contatos com autóctones e moradores com quem constroem espaços de proximidade”.

Na vasta gama de experiências desta manifestação de religiosidade popular, alguns estudiosos não se agradam quando o romeiro é tratado por turista. Entretanto, apesar das diferenças conceituais de ambos os termos, Steil (2004 citado por FORTI, 2016, p. 123) demonstra que é possível que um sujeito romeiro se comporte como tal ou como turista a depender do momento e de sua atuação:

Eu diria que o turismo se caracteriza pelo olhar de externalidade. O turista coloca-se diante do objeto e o observa como alguém de fora. O turista viaja para conhecer outras culturas, outras pessoas, aquilo que é diferente dele e para admirar essa diferença, a alteridade. O romeiro vai em romaria para mergulhar numa totalidade. Ele vai para fazer uma experiência, não a experiência do outro, não para ver como o outro vive mas para ele próprio viver uma experiência forte, num determinado lugar que ele considera como lugar sagrado. Mas também não podemos reificar uma realidade empírica num conceito. Algumas vezes o romeiro age como turista e o turista age como romeiro. Os conceitos são sempre multifacetados, eles são sempre múltiplos. A romaria é como uma suspensão do tempo e do espaço onde diferentes formas e expressões podem se manifestar.

Nesta perspectiva Cordeiro, M. (2011) nos apresenta a variedade dentro da categoria central: O romeiro que muitas vezes é idealizado pelo senso comum como aquele que possui um comportamento religioso conservador, tradicional, penitente e pautado pelo sacrifício não é a única configuração possível. Os romeiros também assumem um comportamento festivo e até mesmo distanciado das atividades religiosas, permitindo, assim, variações significativas de seu comportamento.

Em seus estudos, Cordeiro, M. (2011) identificou quatro tipos de romeiros trazidos na tabela a seguir:

Tabela 2: Os diversos tipos de Romeiro

Romeiros-moradores	Romeiros-turistas	Romeiros-devotos	Romeiros-acompanhantes
Migrantes e seus descendentes de primeira e segunda geração, geralmente localizados em faixa etária superior a quarenta anos. Partilham de memórias da formação e desenvolvimento da cidade e mantêm referências aproximadas sobre a figura do Padre Cicero, o seu papel em suas vidas e na construção de Juazeiro como um espaço de salvação	Participantes que consideram o lugar visitado passível de “ser aproveitado” em suas múltiplas oportunidades de experiência fora do cotidiano. Geralmente possuem maior escolaridade e são provenientes de meios urbanos, onde acessam noções de lazer e férias como experiências desejáveis através de deslocamentos geográficos	Participantes tradicionais que estabelecem um contrato vitalício de retorno anual como expressão de sua relação pessoal com o santo protetor. São provenientes de meios rurais, vilas e zonas periféricas ou de centros urbanos onde mantêm expressões culturais rústicas. A narração das mudanças na prática das romarias concentra-se nos subgrupos de romeiros que apresentam essas características.	Participantes cujo vínculo com a romaria não está relacionado à escolha pessoal em função da devoção com o santo, mas ao acompanhamento por pressão ou voluntário a outro participante da romaria. Geralmente são curiosos de qualquer idade ou jovens, menores de 18 anos a quem os familiares mais velhos tentam inculcar a importância das práticas religiosas.

Fonte: Cordeiro, M. (2011).

Entretanto, alguns estigmatizam o romeiro e as atitudes preconceituosas tentam limitar muitas vezes seus espaços de circulação na cidade. É o que se pode constatar a partir da descrição feita por Olinda e Lima (2016, p. 161-162), quando relatam um caso de discriminação a romeiros em visita ao Shopping Center de Juazeiro do Norte, julgados como invasores:

Após um dia de intensa atividade de pesquisa na romaria, dirigimo-nos, compondo um grupo de pesquisadores, para o Shopping Cariri, a fim de nos refrescarmos no ambiente refrigerado e de tomarmos um suco gelado, pois naquela romaria (Finados de 2014) o calor batia recordes. Estávamos de chapéu de palha e usando o rosário de Nossa Senhora das Dores, o que chamou a atenção de muitos, pois aquele não é um espaço frequentado pelos romeiros. Ouvimos uma jovem de aproximadamente 17 anos comentar com outras duas amigas, fazendo cara de desprezo: “Não é possível que esses romeiros venham frequentar até o shopping agora”. [...] Na verdade, essa não é uma atitude contra a presença de romeiros, mas contra a presença de pessoas pobres e humildes. Vivemos um apartheid social, em que a classe média tem o shopping como um espaço que demarca aqueles que podem consumir e aqueles excluídos do mundo mágico do consumo luxuoso.

Desse modo, os romeiros são inúmeras vezes destratados e incompreendidos em sua fé, além de muitas vezes serem rotulados de modo negativo.

3 DIREITOS HUMANOS E SUSTENTABILIDADE

Neste capítulo trataremos sobre conceitos basilares a respeito de Direitos Humanos e de Sustentabilidade, tais como origem, conceito e dimensões, para, após tratar dos pontos de convergência de ambos.

3.1 Origem, conceito e características dos Direitos Humanos

Leite (2014) nos ensina que a universalização dos Direitos Humanos tem como marco a Declaração de Direitos do Bom Povo de Virgínia, de 16 de junho de 1776, exaltando o direito à vida, à liberdade e à propriedade. Mas foi a declaração de Independência dos Estados Unidos da América, de 4 de julho de 1776 que firmou bases para a limitação do poder estatal e para a democracia modernas. Entretanto, estas declarações, voltadas apenas aos homens, brancos e ricos do sexo masculino, apresentavam conteúdo extremamente individualista e patrimonialista.

Em 26 de agosto de 1789 foi proclamada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, após a Revolução Francesa, que teve por intuito universalizar os princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Apesar de sua importância histórica, a verdade é que o documento beneficiou apenas um grupo social, a burguesia, que estava em ascensão e pleiteava direitos civis e políticos. Dessa forma, podemos concluir que tal documento não propiciou a implementação da igualdade material e, muito menos, da fraternidade. Mesmo assim, após a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, muitos Estados passaram a elaborar constituições contendo direitos civis ou individuais como, por exemplo, igualdade, liberdade, segurança, propriedade, direitos políticos, devido processo legal (LEITE, 2014).

Já no século XIX os Estados começam a se preocupar com a constitucionalização dos direitos sociais. O México foi o pioneiro ao editar, em 5 de fevereiro de 1917, a primeira Constituição que protege direitos sociais dos trabalhadores como direitos fundamentais, após uma sangrenta revolução (LEITE, 2014).

Após a segunda grande guerra mundial, em 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU) como intuito de garantir a paz e segurança internacional. Em 10 de dezembro de 1948, a Terceira Assembleia Geral da ONU, promulgou, por meio da Resolução nº217, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), como resposta aos atos bárbaros cometidos contra os seres humanos durante a guerra.

A Declaração proclamou ideais comuns que deveriam ser perseguidos por todos os povos e nações. Reconheceu a dignidade inerente a todos os membros da família humana e seus direitos iguais e inalienáveis. Considerou que o desprezo e o desrespeito aos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ofenderam a consciência da Humanidade, sendo essencial que fossem protegidos e promovidos pelos Estados, em cooperação com as Nações Unidas. Consagrou direitos mínimos para realização de uma vida digna, pautada na liberdade, na justiça e na paz mundial (ABUFAIAD, 2015, p.95).

Mesmo constituindo-se como marco histórico no processo de consolidação, afirmação e internacionalização dos direitos da pessoa humana, a DUDH enfrenta um grande entrave para sua operacionalização no que tange a sua natureza jurídica. Para muitos, a DUDH não passa de mera recomendação sem força vinculante, já que não foi submetida à ratificação pelos Estados-membros. Este é o entendimento adotado pela Comissão de Direitos Humanos da ONU, para a qual a DUDH seria uma etapa preliminar e, posteriormente, um pacto internacional adquiririam força vinculante depois de ratificado formalmente pelos Estados-membros (LEITE, 2014).

No entendimento de Sen (2011) o apelo dos Direitos Humanos é usado em todo o mundo para várias finalidades, como resistência a tortura e discriminação racial. Entretanto, para o autor, a ideia de que todos possuem direitos básicos que devem ser respeitados é muito atraente, porém, para muitos críticos, totalmente desprovida de fundamento.

O que se discute não é que a invocação dos direitos humanos possa ser uma crença geral muito atraente e, como retórica, até possa ter eficácia política. Os motivos de dúvida e preocupação estão relacionados com uma suposta “fragilidade” ou “sentimentalismo” da fundamentação conceitual dos direitos humanos. Muitos filósofos e teóricos do direito consideram a retórica dos direitos humanos mero discurso vago – com boas intenções e talvez até louvável, porém incapaz de ter grande força intelectual (SEN, 2011, p. 390).

Para Sen (2011), a existência dos Direitos Humanos não é algo concreto de se observar e nem uma norma formal contida em um código. Desse modo, o autor entende que tais direitos correspondem a declarações éticas realmente fortes sobre o que deve ser feito, coadunando com o entendimento da Comissão de Direitos Humanos da ONU. E complementa:

As vias e as maneiras de defender a ética dos direitos humanos não precisam de restringir à elaboração de novas leis (embora muitas vezes a legislação possa se mostrar o caminho correto para se proceder); por exemplo, o monitoramento social e outras formas de apoio ativista, oferecidas por organizações como o Human Rights Watch, a Anistia Internacional, [...]a Cruz Vermelha e a ActionAid [...], podem contribuir para ampliar o alcance concreto, de fato, não há nenhum envolvimento da legislação (SEN, 2011,p. 399).

Na visão de Comparato (2017, p. 239)

Esse entendimento, porém, peca por excesso de formalismo. Reconhece-se hoje, em toda parte, que a vigência dos direitos humanos independe de sua declaração em

constituições, leis e tratados internacionais, exatamente porque se está diante de exigências de respeito à dignidade humana, exercidas contra todos os poderes estabelecidos, oficiais ou não. A doutrina jurídica contemporânea, de resto, como tem sido reiteradamente assinalado nesta obra, distingue os direitos humanos dos direitos fundamentais, na medida em que estes últimos são justamente os direitos humanos consagrados pelo Estado mediante normas escritas. É óbvio que a mesma distinção há de ser admitida no âmbito do direito internacional. Já se reconhece, aliás, de há muito, que a par dos tratados ou convenções, o direito internacional é também constituído pelos costumes e os princípios gerais de direito, como declara o Estatuto da Corte Internacional de Justiça (art. 38). Ora, os direitos definidos na Declaração de 1948 correspondem, integralmente, ao que o costume e os princípios jurídicos internacionais reconhecem, hoje, como normas imperativas de direito internacional geral (*jus cogens*).

Como direitos imprescindíveis e fundamentais, os Direitos Humanos equivalem às necessidades essenciais que protegem a dignidade do ser humano sem as quais não consegue existir, não é capaz de se desenvolver e nem de participar plenamente da vida em sociedade. Desse modo, são definidos por Brito Filho (2004, p. 37 citado por ABUFAIAD, 2015) como “conjunto de direitos necessários à preservação da dignidade da pessoa humana”.

No entendimento Pérez Luno, os Direitos Humanos são um “conjunto de faculdades e instituições que, em cada momento histórico, concretizam as exigências da dignidade, da liberdade e da igualdade humanas, as quais devem ser reconhecidas positivamente pelos ordenamentos jurídicos em nível nacional e internacional” (TAVARES, 2002, p. 362 citado por LEITE, 2014).

Os Direitos Humanos possuem algumas características elementares: a universalidade, a indivisibilidade e a interdependência.

A universalidade perpassa pela constatação de que a condição de pessoa é o único requisito para a titularidade de direitos. Dessa forma, basta que seja humano para ser titular de Direitos Humanos, independentemente de cor, raça, sexo, idade, classe social ou etnia, posto sermos todos dotados de unicidade existencial e dignidade (LEITE, 2014).

Já a característica da indivisibilidade “é reconhecida pela constatação de que, de fato, a garantia dos direitos civis e políticos é condição para a observância dos direitos sociais, econômicos e culturais e vice-versa” (LEITE, 2014, p. 39).

Por fim, no que diz respeito à interdependência e à inter-relacionalidade dos Direitos Humanos, decorre da constatação de que tais direitos formam um conjunto com a finalidade de assegurar a existência digna de todos os seres humanos em sua plenitude. Se o homem, por exemplo, não goza efetivamente dos direitos econômicos, sociais e culturais, não há condições reais de gozar dos direitos civis e políticos (LEITE, 2014, p. 40).

3.2 Dimensões dos direitos humanos

Uma tradicional classificação doutrinária indica três dimensões distintas de Direitos Humanos com base em momentos sucessivos da história nos quais estes direitos foram sendo conquistados, mas se complementam para a plenitude da dignidade humana.

São designados de Direitos Humanos de primeira, de segunda e de terceira geração e correspondem aos ideais da revolução francesa de liberdade, igualdade e fraternidade, respectivamente. Alguns autores já tratam das quartas e quinta dimensões, mas que ainda não se configura como unanimidade doutrinária.

Os direitos de primeira geração são inerentes ao liberalismo clássico, encontrando inspiração no iluminismo racionalista, base do pensamento ocidental entre os séculos XVI e XIX. Surgem com as revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII, e tem por titulares os indivíduos isoladamente considerados (LEITE, 2014).

Também designados de direitos civis e políticos, têm por fundamento a liberdade, a segurança e a integridade física e psíquica da pessoa, assegurando-lhes a participação na vida pública e no governo. São exemplos de Direitos Humanos de primeira dimensão: direito a vida, integridade física, liberdade, igualdade perante a lei, liberdade de expressão, respeito a vida privada, viver sem violência na família, acesso a informação, livre circulação, nacionalidade, participar em qualquer atividade, eleger e ser eleito, reunião ou associação, honestidade administrativa (LEITE, 2014).

Os direitos de segunda dimensão correspondem aos direitos sociais, econômicos e culturais, que dominaram as pautas políticas, sociais, jurídicas e econômicas do século XX e, provavelmente, dominarão o século XXI, do mesmo modo que os direitos da primeira dimensão dominaram as ideologias ocidentais do século XIX. Os direitos dessa dimensão correspondem a direitos de inclusão social e necessitam de políticas públicas que tenham por fim a garantia do efetivo exercício das condições materiais de existência digna da pessoa humana (LEITE, 2014).

Fazem parte do rol dos direitos humanos de segunda dimensão os direitos sociais, culturais e econômicos. Enquanto os direitos econômicos relacionam-se à produção, distribuição e consumo da riqueza, os direitos sociais correspondem àqueles que propiciam à pessoa um padrão digno de vida. No que tange aos direitos culturais, estes podem ser identificados como aqueles que conferem à pessoa o direito de gozar da criatividade artística dos próprios povos (LEITE, 2014).

Também nomeados de direitos de fraternidade ou de solidariedade, os direitos humanos de terceira dimensão são dotados de altíssima dose de humanismo e universalidade. Desse modo, seus titulares são, via de regra, indeterminados ou indetermináveis já que seu destinatário, por excelência, é o próprio gênero humano. Eles surgem com a conscientização de que o mundo é dividido em nações desenvolvidas e subdesenvolvidas ou em vias de desenvolvimento, razão pela qual se defende que tais direitos surgem da reflexão sobre temas relativos ao desenvolvimento, à paz, ao meio ambiente, às relações de consumo e ao patrimônio comum da humanidade (LEITE, 2014).

A Constituição Federal brasileira de 1988 (CF/88) reconhece os direitos humanos de terceira dimensão, designando-os de direitos difusos e coletivos, conferindo legitimidade aos membros do Ministério Público, aos cidadãos e a alguns entes coletivos para sua tutela. Como os direitos difusos não foram conceituados na CF/88, é utilizada a definição trazida na Lei nº8.078/1990 – o Código de Defesa do Consumidor (CDC): direitos transindividuais, de natureza indivisível, de que sejam titulares pessoas indeterminadas e ligadas por circunstância de fato (LEITE, 2014).

Quanto aos direitos de quarta e quinta dimensão, não existe consenso a respeito das suas existências.

Segundo Paulo Bonavides, os direitos de quarta dimensão correspondem ao direito à democracia, à informação e ao pluralismo. No entendimento de Antonio Carlos Wolkmer, esta dimensão equivale aos direitos relativos à biotecnologia, à bioética e à regulação da engenharia genética, ou seja, direitos com vinculação direta à vida humana, tais como reprodução assistida, aborto, eutanásia, transplante de órgãos, engenharia genética, dentre outros. Já os direitos de quinta dimensão, conforme entendimento de Antonio Carlos Wolkmer, são direitos provenientes das tecnologias da informação do ciberespaço e da realidade virtual em geral (LEITE, 2014).

3.3 Origem e conceito de sustentabilidade

A sustentabilidade de uma sociedade pode ser medida por sua capacidade de inclusão e garantia de meios para uma vida suficiente e decente. Porém, as crises que avassalam as sociedades, fruto do modo de produção atual jogam milhões na marginalidade e na exclusão. Este modo de produção, visando apenas a acumulação de bens, procede à dominação da natureza e a exploração de todos os seus bens e serviços. Por causa da irresponsável intervenção humana nos processos naturais, iniciamos uma nova era geológica chamada de Antropoceno,

que se caracteriza pela capacidade de destruição do ser humano, acelerando o desaparecimento natural das espécies (BOFF, 2015).

O homem ataca o solo, o subsolo, o ar, o mar, as montanhas, as florestas, os reinos animal e vegetal, sem qualquer sentido de retribuição e, muito menos, sem qualquer pretensão de dar-lhe repouso e tempo para regenerar. O grau de humanidade, medido pela solidariedade e compaixão perante os necessitados, atualmente é extremamente baixo. Assim, é chegada a hora de pensar sobre novos valores, caso contrário em 30 ou 40 anos a Terra poderá existir sem seres humanos (BOFF, 2015).

Boff (2015, p. 14) atribui ao termo sustentabilidade o determinado significado:

O conjunto dos processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam e a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões.

Com origem na palavra latina “sustentare”, a sustentabilidade tem dois significados: um passivo e outro ativo. Enquanto o passivo significa equilibrar-se, manter-se, conservar-se sempre bem, o ativo liga-se a ideia de ação feita de fora para proteger, nutrir, alimentar, ou seja, permitir que a Terra e seus biomas se mantenham vivos, protegidos, a ponto de estarem sempre bem conservados e à altura dos riscos que possam advir (BOFF, 2015).

O conceito de sustentabilidade tem origem na ciência da Silvicultura, que trata do manejo das florestas. Até a Idade Moderna a madeira era a matéria-prima principal da construção de casas, móveis, aparelhos agrícolas, combustível para cozinhar e aquecer as casas. Pensando em um uso racional das florestas de forma que elas pudessem se regenerar e se manter permanentemente, surge na Alemanha em 1560, na Província da Saxônia, o termo “Nachhaltigkeit” que significa sustentabilidade (BOFF, 2015).

Porém, apenas em 1713, novamente na Saxônia, com o Capitão Hans Carl von Carlowitz, que a palavra sustentabilidade se transformou num conceito estratégico quando ele escreve um verdadeiro tratado sobre a sustentabilidade das florestas com o título de Silvicultura Econômica. A ideia proposta era o uso sustentável da madeira. Seu lema era tratar a madeira com cuidado, caso contrário, acabar-se-á o negócio e cessará o lucro. Mas diretamente, direcionava que cortassem apenas a quantidade que a floresta pode suportar e que permitisse a continuidade de seu crescimento. Em 1795, no livro Indicações para a avaliação e a descrição das florestas, Carlowitz afirma sobre a necessidade de usar as florestas de tal maneira que as futuras gerações tenham as mesmas vantagens que a atual (BOFF, 2015).

Esse conceito permaneceu nos círculos ligados à Silvicultura e fez-se ouvir em 1970, quando se criou o Clube de Roma, que teve seu primeiro relatório sobre os limites do crescimento, causando acaloradas discussões no mundo científico, nas empresas e na sociedade (BOFF, 2015).

Outra conferência de grande importância, realizada em 1984, deu origem à Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, com o tema “Uma agenda global para a mudança”. Os trabalhos desta comissão, composta por dezenas de especialistas, findaram-se em 1987 com o relatório da Primeira-ministra norueguesa Gro Harlem Brundland, intitulado “Nosso futuro comum” também conhecido como Relatório Brundland. Neste documento aparece claramente a expressão “desenvolvimento sustentável”, definido como “aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas necessidades e aspirações” (BOFF, 2015).

A categoria “desenvolvimento sustentável” adquiriu então plena cidadania, constitui o eixo de todas as discussões e aparece quase sempre nos principais documentos. Na Carta do Rio de Janeiro se afirma claramente que “todos os Estados e todos os indivíduos devem, como requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável, cooperar na tarefa essencial de erradicar a pobreza, de forma a reduzir as disparidades nos padrões de vida e melhor atender as necessidades da maioria da população do mundo”. Estabeleceram também um critério ético-político no sentido de que “os Estados devem cooperar, em um espírito de parceria global, para a conservação, proteção e restauração da saúde e da integridade dos ecossistemas terrestres. Face às distintas contribuições para debelar a degradação ambiental global, os Estados têm responsabilidades comuns, porém diferenciadas” (BOFF, 2015, p. 35).

Atualmente, “o conceito é tão usado e abusado que se transformou num modismo, sem que seu conteúdo seja esclarecido ou criticamente definido” (BOFF, 2015, p. 37), sendo muitas vezes utilizado de forma inapropriada e até mesmo como meio de *marketing* para obtenção de maiores lucros.

Diante do contraste entre o ideal e o que é vivido, nos deparamos diante de dois paradigmas distintos: o paradigma moderno mecanicista, determinístico, materialista e racionalista, cujo foco é a conquista e a dominação do mundo, sendo o principal causador da grave crise atual; e o paradigma da transformação, da era do ecozoico (que coloca a questão da ecologia no centro das preocupações). “A escolha é nossa e deve ser: ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e cuidar uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a destruição da diversidade da vida” (BOFF, 2015, p. 13).

3.4 Dimensões da sustentabilidade

A sustentabilidade é uma questão de inteligência sistêmica e de equilíbrio ecológico em sentido amplo. Por isso tem natureza multidimensional, já que o bem-estar engloba várias dimensões (FREITAS, 2012).

Neste mesmo sentido, não há como tratar da sustentabilidade sem tratar das suas dimensões, que variam de autor para autor, mas que mostram em sua essência a importância de se valorizar e proporcionar o pleno desenvolvimento tanto humano como das demais espécies.

Podemos citar, inicialmente, a dimensão social, que no entendimento de Sachs (1994, citado por CHACON, 2007, p. 121) “viabiliza uma sociedade mais justa, que diminua as diferenças entre ricos e pobres, principalmente redistribuindo renda e bens”.

Dessa forma, não se admite um desenvolvimento excludente e iníquo, posto que, na dimensão social

abrigam-se os direitos fundamentais sociais, que requerem os correspondentes programas relacionados à universalização, com eficiência e eficácia, sob pena de o modelo de governança (pública e privada) ser autofágico e, numa palavra, insustentável. Os milhões de idosos, por exemplo, têm de ser protegidos contra qualquer exclusão ou desamparo. O direito à moradia, por sua vez, exige a regularização fundiária e justifica, observados os pressupostos, o direito à concessão de uso de bem público (FREITAS, 2012, p. 59).

A dimensão econômica trata de uma destinação mais eficiente dos recursos, inclusive entre as nações e deve ser medida em termos macrossociais, e não apenas no âmbito das empresas (SACHS, 1994, citado por CHACON, 2007, p. 121).

A economia não pode se desvincular da avaliação de suas consequências, principalmente a longo prazo. Dessa forma, o consumo e a produção precisam ser reelaborados numa alteração do estilo de vida, já que não se pode ter a natureza como um mero capital. A regulação por meio de ações do Estado se torna obrigatória para coibir os desvios de atuação por parte daqueles que defendem o mercado ignoram a complexidade do mundo natural (FREITAS, 2012).

Na dimensão ecológica ou ambiental, tem-se como principais questões norteadoras a discussão sobre a questão ecológica e ambiental. Busca-se utilizar os recursos naturais de forma criativa e responsável (SACHS, 1994, citado por CHACON, 2007) “respeitando a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais” (SACHS, 2009, citado por BRASIL et al, 2015).

Não há qualidade de vida e longevidade digna em ambiente degradado. Não pode haver vida humana sem o resguardo da sustentabilidade ambiental. Deve-se garantir o meio

ambiente ecologicamente equilibrado tanto para a geração atual como para as futuras gerações. Caso contrário, não haverá futuro para a nossa espécie (FREITAS, 2012).

“Promover o desenvolvimento local, levando-se em conta os saberes locais” é designado por Sachs (1994, citado por CHACON, 2007, p. 121) como função primordial relativa à dimensão cultural. Para ser melhor compreendida, deve-se saber como cada grupo social vive, quais são as suas condições de vida e quais são os seus valores culturais, respeitando-os em suas distinções e peculiaridades locais (BRASIL et al, 2015)

Sachs (1994, citado por CHACON, 2007, p. 121) também nos indica a dimensão espacial da sustentabilidade “conseguida através de um equilíbrio entre as zonas rurais e urbanas, distribuindo melhor por estas as atividades econômicas e humanas”.

Para Maniglia (2009 citado por BRASIL et al, 2015) a dimensão política trata do direito a democracia, concebida de forma universal, englobando os Direitos Humanos. Esta dimensão trata da capacidade de esforço despendido pelo Estado, pela sociedade e pelos empreendedores para que sejam realizadas as mudanças necessárias levando em conta não apenas o crescimento da atividade econômica, mas também as melhorias sociais (BRASIL et al, 2015).

Freitas (2012, p. 67) traz também a dimensão jurídico-política. Para o autor,

a sustentabilidade determina, com eficácia direta e imediata, independentemente de regulamentação, a tutela jurídica do direito ao futuro e, assim, apresenta-se como dever constitucional de proteger a liberdade de cada cidadão (titular de cidadania ambiental ou ecológica), nesse status, no processo de estipulação intersubjetiva do conteúdo intertemporal dos direitos e deveres fundamentais das gerações presentes e futuras, sempre que viável diretamente.

Por fim, temos a dimensão afetiva, também designada de dimensão ética.

Nesta dimensão busca-se a soma de esforços entre Estado e indivíduos para a realização das necessidades pessoais e expectativas gerais da pessoa enquanto ser que vivencia a emoção, o sentimento e a prática do cuidado (BRASIL et al, 2015).

Conforme Capelatto (2001 citado por BRASIL et al, 2015, p. 95), “nós não temos a ética do cuidado, não somos convidados a cuidar”. Entretanto, já é perceptível que a afetividade é de fundamental importância na nossa vida e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (BRASIL et al, 2015).

Nesta perspectiva, há o dever ético de expandir liberdades e dignidades, tanto perante os seres humanos como os demais seres vivos. O intuito é ser benéfico para todos os seres, e não apenas deixar de prejudicá-los. Deve-se buscar tanto o bem-estar íntimo como o bem-estar social, além reconhecer a dignidade intrínseca dos seres vivos em geral. A dimensão

ética da sustentabilidade, desse modo, clama por uma ética universal concretizável baseada em princípios como prevenção e precaução, equidade e solidariedade intergeracional (FREITAS, 2012).

3.5 O princípio da sustentabilidade

Sabendo que os direitos fundamentais correspondem aos direitos humanos consagrados pelo Estado de forma escrita (COMPARATO, 2017), a CF/88 traz em seu texto fundamentos que corroboram com o entendimento de que a sustentabilidade se configura como princípio da ordem jurídica brasileira.

Segundo Bolsselmann, o direito foi criado com o intuito de servir ao homem. Desse modo, um sistema jurídico necessita de alguns parâmetros para auxiliar na direção e a extensão da mudança social. Os princípios se configuram como verdadeiros parâmetros que devem ser observados principalmente por serem uma exigência de justiça ou equidade ou outra dimensão da moralidade (BOSELNANN, 2015)

Para Bosselmann (2015, p. 78), o “princípio da sustentabilidade em si é mais bem definido como o dever de proteger e restaurar a integridade dos sistemas ecológicos da Terra”. Assim, o princípio se configura como reflexo de uma norma moral que exige uma ação que pode causar efeitos legais, ou seja, tem atualidade normativa. Em suas palavras, constitui um “metaprincípio, agindo em outras regras e em outros princípios jurídicos” (BOSELNANN, 2015, p. 74).

Os princípios fundamentais têm como característica não serem definidos em termos precisos, apesar de absolutamente indispensáveis como orientadores para as políticas públicas. Desse modo, os princípios fundamentais nos dão um parâmetro para avaliação de qualquer medida política. Seu maior dever é garantir que as leis são suas promotoras assegurando que o processo jurídico seja reflexo deles. Sendo a sustentabilidade um desses princípios fundamentais, o processo legal deverá ser refleti-lo (BOSELNANN, 2015).

Como argumento para a configuração do princípio da sustentabilidade, Bosselman (2015) apresenta a defesa dos direitos humanos e do meio ambiente. O autor afirma que a preocupação com ambos faz com que eles se reforcem reciprocamente. Além disso, ressalta que tanto a legislação ambiental como os direitos humanos são essenciais para proporcionar melhores condições de vida aos seres humanos.

Um direito humano específico a um meio ambiental saudável foi formulado pela primeira vez no Princípio 1 da Declaração de Estocolmo de 1972:

O ser humano tem o direito fundamental a liberdade, igualdade e condições de vidas adequadas, em um meio ambiente de qualidade tal que permita uma vida de dignidade e bem-estar, e tem a responsabilidade solene de proteger e melhorar o meio ambiente para as gerações presente e futuras (BOSELNANN, 2015, p. 155).

A dimensão ambiental dos direitos humanos passou a ser reconhecida no direito internacional e em muitas jurisdições nacionais após a Declaração de Estocolmo de 1972 estabelecer uma ligação entre a degradação ambiental e o gozo dos direitos humanos. Embora não seja um entendimento unânime, é comumente aceito hoje em dia que um dano ambiental pode causar uma violação dos direitos humanos (BOSELNANN, 2015).

No ordenamento jurídico brasileiro, o artigo 225 da CF/88 trata do direito de todos a um meio ambiente equilibrado:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Entretanto, a responsabilidade pela proteção e melhoria do meio ambiente não foi considerada relevante para esse direito humano, assim como em outras legislações. Desse modo, a responsabilização fica no campo do direito ambiental que ainda apresenta características individualistas e patrimonialistas, não existindo um marco legal geral para solucionar valores e objetivos conflitantes neste aspecto.

Numa tentativa de modificar a abordagem, o projeto dos direitos humanos ecológicos tenta unir os fundamentos filosóficos dos direitos humanos e os princípios ecológicos, ligando os valores intrínsecos dos humanos aos valores intrínsecos de outras espécies e do meio ambiente. É preciso ressaltar que o indivíduo opera não só no ambiente social, mas também no ambiente natural, por isso deve respeitar o valor intrínseco de seus pares e o valor intrínseco dos demais seres (BOSELNANN, 2015).

A abordagem ecológica dos direitos humanos reconhece a interdependência de direitos e deveres. Os seres humanos precisam usar os recursos naturais, porém conscientes que dependem completamente do ambiente natural, por isso a utilização deve ser realizada com cautela e dentro dos parâmetros do princípio da sustentabilidade. O direito a recursos naturais e a um meio ambiente saudável não podem mais ser concebido em um caráter puramente antropocêntrico (BOSELNANN, 2015).

3.6 O direito ao Desenvolvimento Sustentável

Segundo Moisés (1998), o direito ao desenvolvimento está inserido no âmbito do direito internacional dos direitos humanos, sendo prerrogativa de todos os homens o acesso natural a ambos, independentemente da sua nacionalidade ou cidadania.

Para Bobbio (1996), o direito ao desenvolvimento é, além de um direito humano, um direito da humanidade, caracterizando-se como individual no âmbito interno, e coletivo no âmbito internacional.

Por meio da Declaração de 1986 e das Conferências Mundiais posteriores, houve a inserção e solidificação do direito ao desenvolvimento no âmbito dos direitos humanos, principalmente quanto ao aspecto da sustentabilidade, permitindo que medidas e programas capazes de auxiliar na promoção do desenvolvimento fossem traçadas de forma a se evitar o esgotamento dos recursos naturais (MIRANDA; FREIRE, 2013).

Fazendo a diferenciação entre desenvolvimento e crescimento, Sachs (2008, p. 13) nos ensina:

O desenvolvimento, distinto do crescimento econômico, cumpre esse requisito, na medida em que os objetivos do desenvolvimento vão bem além da mera multiplicação da riqueza material. O crescimento é uma condição necessária, mas de forma alguma suficiente (muito menos é um objetivo em si mesmo), para se alcançar a meta de uma vida melhor, mais feliz e mais completa para todos. No contexto histórico em que surgiu, a ideia de desenvolvimento implica a expiação e a reparação de desigualdades passadas, criando uma conexão capaz de preencher o abismo civilizatório entre as antigas nações metropolitanas e a sua antiga periferia colonial, entre as minorias ricas modernizadas e a maioria ainda atrasada e exausta dos trabalhadores pobres. O desenvolvimento traz consigo a promessa de tudo – a modernidade inclusiva propiciada pela mudança estrutural.

Para dar início ao processo de transição de crescimento para desenvolvimento, é necessário efetuar o gerenciamento de crises. Para tanto, o primeiro passo seria uma mudança imediata de paradigma, passando do crescimento baseado na economia para o crescimento fundado nos valores locais e condizentes com o direito humano ao desenvolvimento (SACHS, 2008).

Devido as enormes diversidades socioeconômicas e culturais, é impossível traçar metas comuns de desenvolvimento para todas as sociedades. Para serem realmente eficazes, essas metas devem busca a solução dos problemas mais urgentes baseadas na realidade local e nas aspirações de cada comunidade. Para isso, a participação popular deve ser garantida. O planejamento deve organizar-se em nível municipal, microrregional e mesorregional, criando-se espaços públicos para o exercício da democracia direta, na forma de foros de

desenvolvimento local que evoluam e formem conselhos com o fim de empoderar as comunidades para que essas assumam um papel ativo e criativo na destinação de seu futuro (SACHS, 2008).

Outro ponto de grande importância para o desenvolvimento sustentável diz respeito as ações afirmativas. Tratar os desiguais de modo desigual é a concretização da equidade, de modo que os participantes mais fracos sejam favorecidos (SACHS, 2008).

As medidas afirmativas estão ligadas ao princípio da igualdade, estatuído no art. 5º da CF/88 que ordena o dever de realizar a isonomia de forma dinâmica: reprimindo comportamentos discriminatórios e, concomitantemente, promovendo a igualdade de recursos, contemplando um tratamento igualitário de fato, ou seja, dando atenção especial àqueles especialmente necessitados (ABUFAIAD, 2015)

Decerto que as ações afirmativas são instrumentos legítimos disponíveis para concretização dos direitos humanos. Sua aplicação tem demonstrado que seu papel tem sido importante na realização da igualdade material ou substantiva. Contudo, observando os desafios que se põem ao Brasil no século XXI, verifica-se que essas medidas podem ser significativas quando consideradas no processo de desenvolvimento. [...] Nesse sentido, as ações afirmativas podem contribuir ao processo de desenvolvimento. Como instrumentos capazes de trazer a expansão das liberdades, a partir da eliminação de privações de liberdades que limitam escolhas e oportunidades de determinados grupos, observa-se que esses mecanismos promovem os direitos humanos, contribuindo ao progresso, inclusive econômico (ABUFAIAD, 2015, p. 108).

No mesmo sentido, Piovesan (2005 citado por ABUFAIAD, 2015, p.109) defende ser a ação afirmativa um poderoso instrumento de inclusão social. Além de cumprir uma finalidade pública para o projeto democrático, por assegurar a diversidade e a pluralidade social, constitui também medida concreta que viabiliza o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve se moldar no respeito à diferença e à diversidade.

O desenvolvimento incluyente requer, acima de tudo, a garantia do exercício dos direitos civis, cívicos e políticos. A democracia é um valor verdadeiramente fundamental (A. K. Sen) e garante também a transparência e a responsabilização (accountability) necessárias ao funcionamento dos processos de desenvolvimento. No entanto, existe uma grande distância entre a democracia representativa e a democracia direta, que cria melhores condições para o debate dos assuntos de interesse público. Todos os cidadãos devem ter acesso, em igualdade de condições, a programas de assistência para deficientes, para mães e filhos, para idosos, voltados para a compensação das desigualdades naturais ou físicas. Políticas sociais compensatórias financiadas pela redistribuição de renda deveriam ir mais longe e incluir subsídios ao desemprego, uma tarefa praticamente impossível naqueles países onde apenas uma pequena minoria está empregada no setor organizado e onde o desemprego aberto é bem menos significativo que o subemprego (SACHS, 2008, p. 81).

3.7 A dignidade humana como valor intrínseco aos Direitos Humanos e à Sustentabilidade

A dignidade é um valor que comporta duas dimensões básicas. A primeira diz respeito a uma atitude de fascinação perante o outro. Trata-se de admirar uma pessoa por ser humana, anteriormente a qualquer outra determinação posterior. Sem essa atitude, sem um mínimo de amor à pessoa humana, a luta por sua dignidade não tem sentido algum. A segunda dimensão se configura no valor interno que esta pessoa possui e impõe em face do outro (BOFF, 2006). Ou seja, a dignidade humana é encarada tanto no âmbito externo, social, como no âmbito interno, o íntimo do ser.

Entretanto, é saindo de si que o ser humano estabelece a rede de relações entre dar e receber. Neste fluxo, permite-se enriquecer e enriquece o outro. A participação proporciona a configuração da pessoa como sujeito e proporciona a colaboração social dando fundamento a democracia e valorizando a dignidade humana (BOFF, 2006).

Sen e Kliksberg (2010) tratando sobre o tema desenvolvimento, indicam que desenvolver não se associa exclusivamente a indicadores como PIB ou taxa de inflação. A perspectiva é muito mais ampla e daí surge a ideia de capital social, fator extraeconômico que exerce grande influência no desempenho dos países no que tange ao progresso econômico e tecnológico além da sustentabilidade do desenvolvimento.

O capital social é integrado por quatro dimensões que possuem forte ligação com as dimensões da dignidade acima expostas. A primeira está relacionada ao clima de confiança nas relações interpessoais. Trata da medida em que as pessoas acreditam umas nas outras em uma determinada sociedade, além da confiança em seus dirigentes e presidentes (SEN e KLIKSBERG, 2010).

A segunda dimensão diz respeito a capacidade de associatividade, ou seja, a capacidade de uma sociedade de constitui formas de cooperação, desde as mais elementares – como a cooperação entre vizinhos para fazer coisas juntos, cuidar das crianças, ajudar-se mutuamente – até as mais elaboradas – como a capacidade de efetivação de um grande acordo nacional sobre o modelo de desenvolvimento (SEN e KLIKSBERG, 2010).

O terceiro componente do capital social é a consciência cívica. Trata de como as pessoas agem perante tudo aquilo que é de interesse coletivo, desde o cuidado com as áreas verdes e os transportes públicos, até o pagamento de impostos. Em uma outra concepção, relaciona-se a participação em debates públicos, em que medida se engajam, fazem propostas. Isso tudo indica o nível de consciência coletiva de uma sociedade (SEN e KLIKSBERG, 2010).

Por fim, o quarto componente do capital social, absolutamente decisivo, são os valores éticos predominantes numa determinada sociedade. O discurso econômico ortodoxo, além de seus efeitos macroeconômicos regressivos, teve consequências culturais importantes em várias regiões. Ele deslocou da economia a discussão sobre os valores éticos, apresentando-a como mera questão tecnocrática. As pesquisas sobre capital social indicam que, ao contrário, os valores éticos exercem forte influência sobre o que ocorre numa sociedade (SEN e KLIKSBURG, 2010).

Todos esses componentes requerem a valorização da dignidade humana para coexistirem e fundamentarem um desenvolvimento sustentável. A valorização do humano por parte da sociedade e por parte da própria pessoa possibilitam um empoderamento que proporcionam uma atuação mais concreta no meio em que se vive.

Muitas experiências recentes revelam a necessidade de se restabelecerem os vínculos entre ética e economia. A raiz ética deve ser considerada como elemento para o desenvolvimento. Os seres humanos como seres éticos, mobilizam-se por valores que são determinantes para os seus comportamentos e para que se assumam, ou não, responsabilidades comunitárias (SEN e KLIKSBURG, 2010).

A dimensão ética surge quando nos sentimos responsáveis tanto pelo nosso destino como pelo destino do outro, entrando em comunhão com a sua liberdade. Quando desenvolve compaixão por sua vida e sua causa, quando reconhecer-lhe a autonomia e a diferença, o ser humano emerge como um ser ético. “Dessa relação nasce a responsabilidade de um pelo outro, base de toda ética de solidariedade e de convivialidade” (BOFF, 2006, p. 60).

Se uma sociedade não demonstra compaixão para com os outros, principalmente com os penalizados da vida, esta é, então uma sociedade que desrespeita sistematicamente a dignidade da pessoa humana e que não vive no direito e na justiça (BOFF, 2006).

4 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, que, nos dizeres de Flick (2009, p. 20), “é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”. Esta pesquisa apresenta também caráter exploratório por denotar “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2002, p. 41).

Para este estudo, utilizamos do método da Etnografia, que, em seu significado mais amplo, pode ser entendida como “a arte e a ciência de descrever uma cultura ou grupo” (GODOY, 1995). O intuito foi de estabelecer o encontro com as fontes para possibilitar o estabelecimento de conexões e, assim, enriquecer e aprofundar o estudo em questão.

4.1 A Etnografia na pesquisa

A etnografia como método de pesquisa foi trazida da antropologia para diversas áreas substanciais em outras disciplinas, tais como a sociologia e a educação (FLICK, 2009).

A pesquisa etnográfica vem crescendo desde o início dos anos oitenta. Ela objetiva menos à compreensão dos eventos ou processos sociais a partir apenas de relatos, mas sim de uma compreensão dos processos sociais de produção desses eventos a partir de um ponto de vista interno ao processo, por meio da participação durante o seu desenvolvimento. A participação prolongada e o uso flexível de diversos métodos, ao invés de entrevistas e observações isoladas, caracterizam essa pesquisa (FLICK, 2009).

Hammersley e Atkinson (1995, p.1 citado por FLICK, 2009, p. 214) ensinam que, em sua forma mais característica, a etnografia

implica a participação pública ou secreta do etnógrafo na vida cotidiana das pessoas por um período prolongado de tempo, observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas – na verdade, coletando qualquer dado que esteja disponível para esclarecer as questões com as quais ele se ocupa.

Na etnografia, a interação é a condição da pesquisa. Não se trata de um encontro fortuito, mas de uma relação que se prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente por pessoas em qualquer que seja o tempo e o local (Rocha e Eckert, 2008).

Logo após o consentimento por parte das pessoas ou da concordância institucional, o pesquisador, passa a participar das rotinas do grupo social estudado e sua técnica consiste então na observação participante (ROCHA e ECKERT, 2008).

A prática da etnografia se torna mais profunda e se constitui como uma forma do pesquisador adentrar na vida social, nos valores éticos e morais, nos códigos de emoções, nas intenções e nas motivações que orientam a conformação de uma determinada sociedade. A etnografia atual começa sua pesquisa por perto e busca demonstrar determinados aspectos daquilo que nos parece familiar (ROCHA e ECKERT, 2008).

A pesquisa de campo etnográfico consiste em estudarmos o outro, como uma Alteridade, para conhecê-lo. Ao fazermos isto, também buscamos nos conhecer melhor. Esta descoberta sobre o outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre pesquisador e sujeitos pesquisados (ROCHA e ECKERT, 2008).

Para realização da etnografia, se exigem múltiplos métodos de pesquisa, de análise e de representação. Porém, “a organização e o planejamento do trabalho não retiram o caráter próprio da etnografia, onde intuição, empatia, descoberta acidental (*serendipity*) e criatividade exercem papéis fundamentais” (GODOY, 1995, p. 28).

Desta forma, a pesquisa etnográfica foi iniciada e finalizada no local onde os sujeitos residem para que sejam acompanhados os momentos anteriores e posteriores a estadia na cidade de Juazeiro durante a Romaria de Finados e se ter uma melhor compreensão da realidade do grupo.

A data de início da pesquisa foi 30 de outubro de 2017, quando me conduzi a cidade natal do grupo para acompanhar os preparativos para a vinda para a romaria. Na viagem para Juazeiro do Norte, acompanhei o grupo utilizando os mesmos meios de transporte. Fiquei hospedada no mesmo local que eles se alojam, frequentei os mesmos lugares durante a romaria e segui de volta com o grupo para sua terra natal para tecer percepções acerca do momento pós-romaria. Assim, a pesquisa de campo foi encerrada na data de 2 de novembro de 2017.

A seguir, definiremos os sujeitos da pesquisa bem como as principais formas de coleta e análise de dados utilizadas.

4.2 Os participantes da pesquisa

Para a realização da pesquisa etnográfica, foi acompanhado um grupo de romeiros da Cidade de São José de Caiana, Estado da Paraíba – PB, que visitam a cidade de Juazeiro do Norte durante a Romaria de Finados.

O município de São José de Caiana fica localizado na microrregião de Itaporanga, sertão da Paraíba, dista 170km de Juazeiro do Norte. De acordo com dados do IBGE, no ano de 2009 sua população era estimada em 6.141 habitantes. Tem área territorial de 176 km² e está incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005.

Figura 4 – Vista do município de São José de Caiana/PB



Fonte: Vieira, 2017

O grupo acompanhado nesta pesquisa foi formado por dezessete pessoas. Dentre estes, 41,2% eram do sexo feminino e 58,8% eram do sexo masculino. A idade dos sujeitos varia dos 13 aos 67 anos de idade. Sua renda mensal manteve-se no limite de zero a 9,5 salários mínimos, apresentando uma variedade de profissões. Enquanto alguns estavam visitando a cidade de Juazeiro do Norte e a Romaria de Finados pela primeira vez, outros não conseguiram recordar a quantidade de visitas a cidade pela imensa quantidade de vindas. Já no que diz respeito ao número de romarias acompanhadas, alguns romeiros afirmaram acompanhar a romaria em questão pela 38^a vez. O meio de transporte utilizados por eles foi bem variado: enquanto alguns vieram de veículos – carro próprio, ônibus gratuito e caminhonete dupla gratuita - outros vieram a pé, totalizando cerca de 170 km de percurso. A tabela a seguir traz um aparato geral do perfil dos sujeitos da pesquisa.

Tabela 3 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Sexo	Idade	Profissão	Renda mensal	Nº de vezes que veio a Juazeiro	Nº de romarias que participou	Meio de transporte utilizado
7 F/ 10 M	13 a 67 anos	Estudante, aposentado, desempregado, pensionista, pedreiro, guarda, agricultor, engenheiro agrônomo, nutricionista, agente de saúde, bibliotecário.	0 a 9,5 salários	Uma a inúmeras	Uma a Trinta e oito	Carro próprio, ônibus gratuito, a pé, caminhoneta dupla gratuita.

Fonte: Dados da pesquisa.

Todos os sujeitos hospedam-se no mesmo local. A residência de um casal de idosos também natural do Estado da Paraíba que há alguns anos estabeleceram residência em Juazeiro do Norte. Alguns dos sujeitos da pesquisa são familiares do casal, outros vem por indicação de parentes e amigos. A residência é uma casa simples, localizada no bairro Santa Tereza. É formada por uma sala de estar, três quartos com vista para uma área, banheiro, sala de jantar conjugada com a cozinha e quintal com banheiro. Não é cobrada taxa de hospedagem, osromeiros ajudam com a quantia que podem com os gastos com refeições (café, almoço e jantar) e fornecimento de água. Para acomodar a todos, o casal possui em cada quarto uma cama de casal além de várias redes e colchões.

Todos os caianenses que se hospedaram neste local durante a Romaria de Finados de 2017, após os esclarecimentos necessários, concordaram em participar voluntariamente da pesquisa por meio da assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Vale salientar que a pesquisa realizada, por envolver seres humanos, teve prévia autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Cariri.

Figura 5 – Romeiros realizando leitura do TCLE



Fonte: Vieira, 2017.

4.3 Fontes de pesquisa: as fontes escritas, orais e visuais

Para a realização da pesquisa etnográfica, precisou-se da utilização de distintas fontes para melhor compreensão da realidade estudada.

4.3.1 Pesquisa Bibliográfica

Para que a pesquisa se tornasse bem fundamentada, a busca da bibliografia existente se fez fundamental. Desse modo, o estudo foi iniciado através da pesquisa bibliográfica, elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica do trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente aos temas.

Desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2008).

O levantamento bibliográfico buscou literatura atualizada para conhecer o estado da arte das temáticas-base do estudo: Romaria, Direitos Humanos e Sustentabilidade.

As obras foram adquiridas em bibliotecas públicas e privadas e em meio virtual, utilizando também literatura encontrada em sites de busca de trabalhos acadêmicos, como “google acadêmico”, “scielo” bem como o banco de teses e dissertações da Capes. As obras foram devidamente fichadas para facilitação do processo de produção escrita.

4.3.2 Entrevistas

As fontes orais que compõem esse estudo foram coletadas por meio de gravações de relatos pessoais e anotações em diário de campo. Em alguns momentos, foi necessária a utilização do roteiro pré-definido de entrevista.

A importância da riqueza de informações obtidas utilizando a entrevista é ressaltada por Selltiz (1967, citado por GIL, 2008, p. 109):

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

As vantagens da realização de entrevistas são listadas por Gil (2008) como: 1) a captação de dados atinentes aos mais diversos aspectos da vida social; 2) os dados obtidos podem ser classificados e quantificados; 3) não exige que o entrevistado saiba ler ou escrever, podendo o entrevistador esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; 4) possibilita captar as expressões corporais da pessoa entrevistada, bem como a tonalidade da voz e ênfase dada nas respostas.

Segundo Haguete (1987, citado por QUEIROZ, 2008), a estrutura das entrevistas deve obedecer a um roteiro constando de uma lista tópicos anteriormente estabelecidos de acordo com uma problemática central a ser seguida. A autora nos alerta para o cuidado que devemos ter com o uso desse tipo instrumento de pesquisa, onde devemos considerar: o estado emocional do informante, suas opiniões, suas atitudes, seus valores que devem ser igualmente confrontadas ou complementadas com comportamentos passados e expressões não-verbais. A constatação de afirmações contraditórias não deve levar o pesquisador a considerar o depoimento inválido, uma vez que estas contradições podem conduzir a importantes descobertas.

No que tange às entrevistas realizadas, foram acompanhadas de um roteiro que orientou as questões a serem levantadas no diálogo com os participantes buscando compreender as percepções dos romeiros sobre sua condição de sujeito de direitos e sobre a cidade. Em algumas entrevistas, devido aos relatos de vida, outras questões foram levantadas pela pesquisadora. Vale salientar também que alguns questionamentos não foram respondidos por alguns sujeitos da pesquisa por escolha deles próprios, o que foi respeitado pela pesquisadora.

O registro de todas as entrevistas foi feito por meio de gravações que, após, foram transcritas para análise dos dados. As transcrições seguiram as orientações de Delgado (2010) na busca em reproduzir os escritos de forma fidedigna. Dessa forma, os silêncios, hesitações e interrupções foram identificados com reticências; risos foram identificados com a palavra riso entre parênteses; choro também será identificado com a palavra choro entre parênteses e o negrito para indicar as palavras, trechos ou frases que receberam forte entonação.

Os princípios de autonomia, justiça, beneficência e não maleficência foram observados em todas as fases de desenvolvimento da pesquisa, assegurando-se aos romeiros participantes, o sigilo de suas identidades quanto aos relatos apresentados. Seguindo o pré-disposto no Artigo 1º da resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016,

Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana (SAÚDE, 2016, p.01).

Tendo em vista que são direitos de todos os participantes

I - ser informado sobre a pesquisa; II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; III - ter sua privacidade respeitada; IV - ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; V - decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; VI - ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII - o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa (SAÚDE, 2016, p. 06).

4.3.3 Observação Participante

A observação participante é definida como uma estratégia de coleta de dados que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista, a participação e a observação diretas além da introspecção (DENZIN, 1989 citado por FLICK, 2009).

Conforme nos ensina Gil (2008), a observação apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação.

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. As principais vantagens podem ser assim relacionadas, com base, principalmente, nas ponderações do antropólogo Florence Kluckhohn (1946, p. 103-18): membros das comunidades se encontram envolvidos. b) Possibilita o acesso a dados que a comunidade ou grupo considera de domínio privado. c) Possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados (GIL, 2008, p. 103-104).

A observação realizada na romaria de finados em Juazeiro do Norte foi participante, na modalidade não secreta, em virtude da utilização do método etnográfico. Segundo Denzin (1989b, citado por FLICK, 2009), este tipo de observação é uma estratégia de campo que combina, ao mesmo tempo, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas e a introspecção.

O foco da observação foi analisar os direitos humanos dos romeiros à luz da sustentabilidade, buscando identificar se os espaços de visitação frequentados podem ser considerados dignos e sustentáveis além de verificar a garantia dos direitos humanos desses sujeitos na cidade.

O registro da observação foi feito no momento em que esta ocorreu e assumiu diferentes formas: a mais comum consiste nas anotações por escrito ou na gravação de sons ou imagens (GIL, 2008).

Em virtude da observação participante foi elaborado diário de campo que, além de descrever todos os percursos espaciais da pesquisadora, relatou sobre as condições de infraestrutura e de tratamento despendido aoromeiro, além de trazer também as percepções introspectivas da pesquisadora na experiência de romaria. Ressalte-se que algumas das observações foram anotadas, porém para garantir a rapidez do processo de captação de dados, sua grande maioria foi gravada e, em seguida, transcritas para elaboração do diário de campo.

Também foram registrados dados utilizando-se da câmera fotográfica pois

Elas permitem gravações detalhadas de fatos, além de proporcionar uma apresentação mais abrangente e holística de estilos e condições de vida. Permitem o transporte de artefatos e a apresentação destes como retratos, e também a transgressão dos limites de tempo e espaço. Podem captar fatos e processos que sejam muito rápidos ou muito complexos ao olho humano. As câmeras também permitem gravações não-reativas das observações e, por último são menos seletivas do que as observações. As fotografias permanecem disponíveis a outras pessoas, podendo ser reanalisadas (FLICK, 2009, p. 219-220).

4.4 A análise dos dados

Miles e Huberman (1994 citado por GIL, 2008) apresentam três etapas que geralmente são seguidas na análise de dados em pesquisa qualitativa: redução, exibição e conclusão/verificação.

A redução dos dados consiste no processo de seleção e posterior simplificação dos dados, como ocorreu nesta pesquisa por meio da realização das entrevistas e observação participativa. Esta etapa envolve a seleção, a abstração e a transformação dos dados originais em sumários organizados de acordo com os temas ou padrões definidos nos objetivos originais da pesquisa. Nesta etapa é que iremos tomar decisões acerca da maneira como codificar as informações, agrupá-las e organizá-las para que as conclusões se tornem razoavelmente construídas e verificáveis.

A apresentação consiste na organização dos dados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças e suas relações. Esta apresentação na presente pesquisa será constituída por textos (diário de campo) e diagramas (tabelas de entrevistas) que permitam uma nova maneira de organizar e analisar as informações.

Na terceira etapa é realizada a conclusão ou verificação. A elaboração da conclusão requer uma revisão para considerar o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações. A verificação, intimamente relacionada à elaboração da conclusão, requer a revisão dos dados tantas vezes quantas forem necessárias para verificar as conclusões emergentes. Nas pesquisas quantitativas, a validade significa que as conclusões obtidas dos dados são dignas de crédito, defensáveis, garantidas e capazes de suportar explicações alternativas.

Na busca de seguir esta orientação para dar cientificidade a pesquisa, trataremos do modo de análise dos dados que foram coletados.

Os dados coletados por meio da história oral foram analisados por meio da metodologia da análise do discurso com a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção (CAREGNATO e MUTTI, 2006). Esse tipo de análise trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto. Este sentido não é traduzido, mas produzido o corpus da Análise do Discurso é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem:

A ideologia é entendida como o posicionamento do sujeito quando se filia a um discurso, sendo o processo de constituição do imaginário que está no inconsciente, ou seja, o sistema de idéias [sic] que constitui a representação; a história representa o contexto sócio histórico e a linguagem é a materialidade do texto gerando “pistas” do sentido que o sujeito pretende dar. Portanto, na análise do discurso, a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos que são ecos da memória do dizer (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680-681).

As entrevistas com os romeiros, após concluídas suas transcrições, foram categorizadas para análise utilizando-se a metodologia da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo.

A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos por meio de depoimentos.

Lefevre, Crestana e Cornetta (2003) informam que o método consiste basicamente em analisar o material verbal coletado, extraído de cada um dos depoimentos. É uma modalidade de apresentação de resultados de pesquisas qualitativas que tem os depoimentos como matéria prima, sob a forma de discursos-síntese escritos na primeira pessoa do singular visando expressar o pensamento de uma coletividade, como se esta coletividade fosse o emissor de um discurso.

Nesta técnica são selecionadas expressões-chave, ou seja, trechos mais significativos das respostas individuais a uma questão. Elas correspondem a ideias centrais, que são a síntese do conteúdo discursivo, manifestado nas expressões-chave. Com estas principais

ideias, constroem-se discursos-síntese, na primeira pessoa do singular, onde o pensamento de um grupo ou coletividade aparece como se fosse um discurso individual.

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma forma de metodologicamente resgatar e apresentar as representações sociais obtidas de pesquisas empíricas (LEFEVRE e LEFEVRE, 2014). São abstrações concretizadas na medida em que a sua construção se dá num movimento dialético em que os conteúdos e argumentos das opiniões individuais de sentido semelhante são minunciosamente avaliados nos depoimentos individuais e abstraídos na categoria que os unifica, permanecendo, contudo, a despeito da abstração, como conteúdos e argumentos do sujeito coletivo. A construção deste discurso coletivo não é uma invenção ou criação do pesquisador, mas uma reconstituição de uma entidade existente, de um fato social, mesmo que de natureza simbólica (LEFEVRE e LEFEVRE, 2014).

Outro aspecto a salientar é que, submetidas ao processo de produção usado neste método, as representações sociais, sob a forma de depoimentos coletivos, veiculam histórias coletivas a respeito de um dado tema ou problema pesquisado.

Por isso, é possível com os conteúdos e os argumentos dos diferentes depoimentos que apresentam sentido semelhante, construir, na primeira pessoa do singular, uma narrativa verossímil, ou seja, uma história aceitável para um indivíduo culturalmente equivalente aos pesquisados. Enquanto depoimentos coletivos e narrativas socialmente compartilhadas o Discurso do Sujeito Coletivo traduz o modo como as representações sociais são “metabolizadas” por uma sociedade, um grupo, uma cultura determinada (LEFEVRE e LEFEVRE, 2014).

As imagens fotográficas e o diário de campo foram analisados por meio da análise de conteúdo, que diz respeito a

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1979, p. 31 citado por RICHARDSON, 2011, p. 223).

A análise de conteúdo é, particularmente, utilizada para estudar material de tipo qualitativo aos quais não se podem aplicar técnicas aritméticas, como é o caso dos dados coletados por meio da observação participante nesta pesquisa. Dessa forma, deve-se organizar as ideias para, posteriormente, analisar os elementos e as regras que as determinam. Busca-se compreender melhor uma dada realidade, aprofundar suas características e extrair os momentos mais importantes (RICHARDSON, 2011).

5 A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo transcorreu entre os dias 30 de outubro a 02 de novembro do ano de 2017, período da romaria de finados em Juazeiro do Norte/CE, dias que, tradicionalmente, todos os anos os romeiros caianenses visitam a cidade. Antes da pesquisa em si, foi realizado contato com alguns romeiros que mantêm a tradição de vir todos os anos para obter informações de quais meios de transporte seriam utilizados, cerca de quantos romeiros iriam se hospedar na residência do casal paraibano em Juazeiro do Norte e quando eles iniciariam sua viagem.

Figura 6 e 7: Contato com alguns romeiros para planejamento da pesquisa de campo



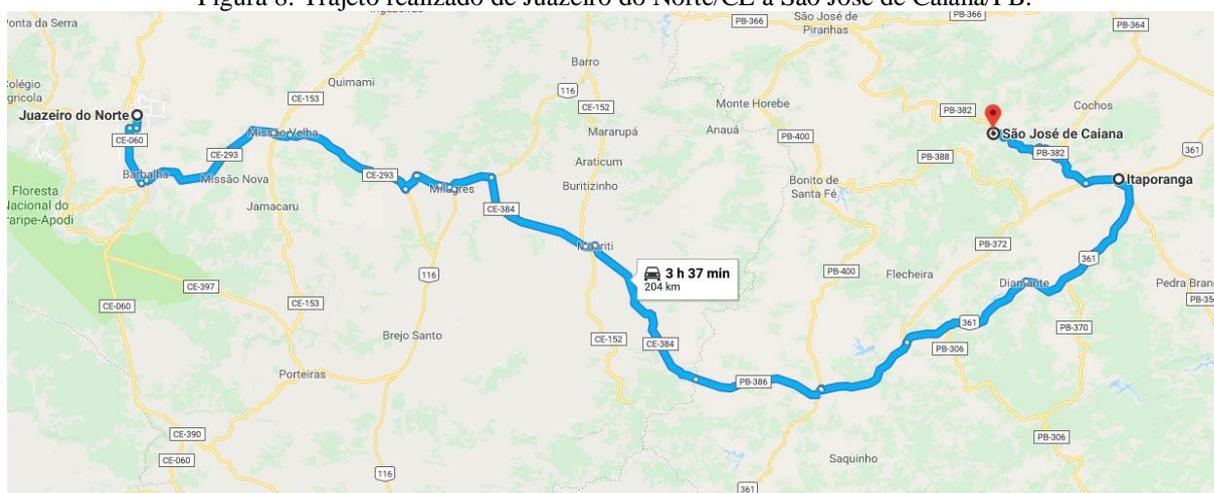
Fonte: Lima, 2017.

5.1 “Oh! Que caminho tão longo!”: o chamado à Juazeiro

Para dar início à pesquisa etnográfica, foi preciso acompanhar os romeiros de São José de Caiana/PB de perto. Diante dessa necessidade, viajei cerca de 170 km em direção à terra natal dos sujeitos desta pesquisa no dia anterior à vinda deles para Juazeiro do Norte:

No dia 30 de outubro de 2017, das 17 às 20:30h, viajei de Juazeiro do Norte/CE para São José de Caiana/PB acompanhada de meu pai. A estrada é relativamente boa e tranquila, facilitando o traslado. Ficamos na casa de Cirilo e Tiquinha, onde passamos a noite. Foi também nesta casa que me reuni com alguns dos romeiros antes da pesquisa de campo para obter informações acerca da viagem realizada por eles, tanto de carro próprio, de ônibus, caminhonete ou a pé, e fazer os ajustes finais para que pudesse acompanhá-los (Diário de Campo).

Figura 8: Trajeto realizado de Juazeiro do Norte/CE à São José de Caiana/PB.



Fonte: Google maps.

Em um encontro anterior, já foram contatados esses romeiros para que eu pudesse aguardar a viagem a Juazeiro em sua residência. Os anfitriões me receberam em sua residência na Zona Rural do município com muita simplicidade e afeto. No dia 31 de outubro de 2017, às 3h30min da manhã nos direcionamos à praça da cidade, na Zona Urbana, onde um ônibus aguardava por mim e inúmeros romeiros para partir rumo a Juazeiro do Norte.

Acordei muito cedo para garantir que eu não perderia o ônibus, que saía da praça principal da cidade às 4h da manhã. Dessa forma, às 3h30min nós já nos encaminhamos, acompanhados de mais dois romeiros – Ana Clara e João Antonio – para iniciarmos nossa viagem. Como eu vim na noite anterior com meu pai de carro, Cirilo e João Antonio foram acompanhando-o. Tiquinha, Rayana, Bianka e Junior vieram em seu carro próprio, saíram apenas às 6h da manhã. Eu e Ana Clara ficamos aguardando a saída do ônibus. [...] Ao chegarmos a praça principal da cidade, o ônibus já estava lá, com alguns passageiros, tanto da cidade de São José de Caiana como de cidades próximas (Diário de campo).

Ao chegarmos ao local onde o ônibus aguardava seus passageiros, a visão que se tem do romeiro que visita Juazeiro do Norte já inicia sua desconstrução. Ao visualizar o ônibus

muito bem cuidado, confortável, com ar condicionado, respeitando a quantidade limite de passageiros, a imagem que se tem do romeiro foge aos padrões de estereótipos.

Figura 9: Imagem do interior do ônibus



Fonte: Vieira, 2017.

Adentrando ao veículo, não se tem identificação do romeiro como miserável, maltrapilho, triste, que busca penitência ao visitar Juazeiro do Norte e viajam em meio de transporte precário, conforme representações ocorrentes. Ao contrário, apesar da simplicidade, as pessoas estão muito bem vestidas, arrumadas e muito alegres e ansiosas pela viagem. Em algumas ocasiões pudemos inclusive ouvir comentários de algumas mulheres sobre ter dado tempo ou não de ir ao salão de beleza. Entretanto, como nos afirma Rios (2011, p. 146),

[...] é pelo viés do sofrimento que essa espécie de “performance” da tradição romeira é exacerbada e superestimada, principalmente pela televisão, na medida em que a figura do romeiro recebe contornos popularescos, provocando um fascínio que mais subestima do que retrata o verdadeiro sentido dessa manifestação religiosa, numa distância conceitual entre o “ser” romeiro e o que se “vê” do romeiro na tela da TV.

Aqueles romeiros fogem ao estereótipo aceito do romeiro do Padre Cícero. Para muitos, aquelas pessoas,

[...] com semblante de felicidade, de classe média, com boas vestimentas, chegando a Juazeiro do Norte de ônibus com ar-condicionado [...], extrairia da cidade sua atmosfera mais sagrada que a diferença das outras, conferindo-lhe uma imagem muito próxima da que vivemos em nosso cotidiano, nos nossos lugares de origem, não mais sendo tratada como novidade. A falta dos estereótipos que antes produziram comoção, curiosidade e legitimavam o lugar como sagrado, transformaria Juazeiro num lugar comum (RIOS, 2011, p. 159).

Entretanto, dentro do ônibus, a quantidade de lixo chama a atenção de todos os passageiros.

Ao adentrarmos no ônibus, chamou minha atenção o fato dele estar muito sujo e as sacolas penduradas nas poltronas de forma individual estarem cheias de lixo, apesar da viagem ainda nem ter começado. Claramente, o veículo não foi higienizado para o traslado até Juazeiro. Ana Clara, assim como outras pessoas que já estavam dentro do ônibus, percebeu e falou do lixo do ônibus tentando explicar o motivo da sujeira. O fato é que o motorista chegou no dia anterior de São Paulo. Na visão de [...], talvez não tivesse dado tempo de limpar o veículo (Diário de campo).

Figura 10 e 11: Imagens do lixo no interior do ônibus



Fonte: Vieira, 2017.

Alguns se mostravam incomodados com a quantidade de lixo, outros nada comentavam. Mas todos argumentavam a falta de tempo para a higienização do veículo em virtude de uma viagem de São Paulo à São José de Caiana realizada no dia anterior, tentando justificar a situação. A indagação que surge naquele momento diz respeito a ausência de reivindicação. Por que ninguém solicitou ao responsável pelo veículo que retirasse o lixo antes de iniciar a viagem? A percepção daquelas atitudes nos coloca dois extremos como resposta. O

primeiro seria a compreensão do cansaço do responsável pelo veículo, que é proprietário e motorista, revelando uma certa empatia. A outra seria a ausência de cidadania, de interesse em modificar a realidade apresentada, seja em uma situação simples, como no caso do ônibus sujo, seja em situações mais complexas da sociedade em que vivem. É importante destacar que na primeira e única parada do traslado, o ônibus foi devidamente higienizado.

Na ampla abordagem sobre a viagem anterior, de São Paulo a São José de Caiana/PB, a fala dos passageiros romeiros não manifestava preocupação com o desgaste do motorista, que estaria colocando vidas em perigo. Revela, ao contrário, um ar de gratidão por que, mesmo estando cansado, ainda os levará a Juazeiro do Norte:

Ela também revela sua crença na bondade do Padre pelo fato dos motoristas estarem indo para Juazeiro apesar da longa e recente viagem de São Paulo até São José de Caiana. A ideia que ela transmite é que o Padre Cícero é bom porque, apesar do cansaço dos motoristas, todos os passageiros chegarão a Juazeiro. Confesso que de tanto ressaltarem que os motoristas estavam cansados da longa viagem no dia anterior, ou seja, poucas horas, fiquei preocupada com a segurança. E o cansaço dos motoristas? Eles também percebem, falam bastante “como eles aguentam”? E a segurança de tantas pessoas, de famílias inteiras viajando com motoristas cansados? Mas existe uma confiança, existe uma fé de que, se está ocorrendo tal fato é porque “Padim Ciço” permitiu e abençoou (Diário de campo).

A fé no Padre Cícero que tudo providencia, inclusive zelar pelo motorista e pela vida de todos que naquele ônibus se encontram, manifesta um sentimento comum aos romeiros: “Para o povo nordestino, Padre Cícero é o Santo do Brasil, um dos mais importantes, senão o mais importante, do mundo” (GUIMARÃES, 2011, p. 44). A gratidão dos romeiros também ficou evidente no momento que o motorista revelou que não seria cobrado valor algum para a viagem de ida e volta a Juazeiro do Norte.

Finalmente, depois de cerca de três horas e meia de espera, o motorista veio anunciar a partida do ônibus para Juazeiro. Antes de sairmos, ele cumprimentou os passageiros com bom dia e informou que ninguém precisaria pagar, deixasse para pagar ano que vem. Não disse o porquê (Diário de campo).

Mas para ir a Juazeiro do Norte, é muito provável que exista uma motivação, mesmo que distinta para cada romeiro. Conforme afirmação de uma senhora que viajava no ônibus, “a pessoa só vai se ‘Padim Ciço’ chamar”. Dessa forma, para tentar compreender o que leva o romeiro a vir a cidade de Juazeiro do Norte, foi questionado em entrevista aos sujeitos da pesquisa o motivo da visita a esta cidade. A seguir, apresentamos o discurso do sujeito coletivo a este respeito.

Tabela 4: Motivo da visita dos sujeitos da pesquisa a cidade de Juazeiro do Norte

Motivo da Visita
Por que eu adoro Juazeiro; Pra fazer romaria; Por que é um lugar religioso; Porque tem minhas promessas pra pagar; Por que eu tenho muita fé no Padre Cícero e na Mãe das Dores; Por que eu acho muito bom a romaria; Porque é tradição de meus pais; Passear, andar, visitar, ver a família; Por causa dos pontos turísticos; Porque o comércio é bom pra gente comprar as coisas mais barato; Por que eu gostei de vir; Eu vim a convite da namorada; Eu vim acompanhar minha mãe; Eu vim acompanhar meus pais, não vim exatamente pra romaria, mas ainda passei uns dois dias pra romaria, por que a gente veio pra o parque aquático.

Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas denotam as mais distintas motivações. Dentre elas, podemos estruturar em três categorias: motivados pelo lazer, motivados pela fé e para acompanhar outros romeiros.

Pode-se denotar que a causa mais comum das visitas à cidade é a fé, tanto no Padre Cícero como nos santos relacionados a cultura local, como é o caso de Nossa Senhora das Dores, designada pelos romeiros de Mãe das Dores. Esta fé, em algumas falas, demonstram a tradição familiar, repassada dos pais que visitavam a cidade e que ensinaram seus filhos a dar continuidade a esse costume. Conforme nos ensinam Cordeiro e Cordeiro (2016), os chamados “memorialistas” fazem parte de considerável parcela dos romeiros que visitam a cidade. No núcleo familiar, percebe-se que a memória coletiva dissemina o costume e a tradição popular da romaria entre as gerações.

Em outros depoimentos, revelam a alegria de participar da romaria e a satisfação em pagar as promessas feitas ao Padre Cícero.

Outra motivação, que não se desprende da fé, é a busca de lazer pelos romeiros. Ao longo da pesquisa, pude verificar que eles sabem conciliar bem momentos de fé e de lazer.

De acordo com Timothy e Olsen (2006), a religião tem desempenhado um papel chave no desenvolvimento do tempo de lazer; isto acontece de tal forma que os padrões modernos de viagens e atividades não podem ser plenamente entendidos, a menos que a religião também seja considerada como variável importante (CORDEIRO, M., 2011, p. 102).

O intuito de visitar pontos turísticos da cidade, de fazer compras no comércio local denota que o romeiro não vem apenas para rezar, mas denota uma conciliação entre fé e diversão.

A perspectiva da viagem como objeto de consumo, também está presente nas múltiplas dimensões da romaria em Juazeiro do Norte. A cidade tem o centro comercial e principalmente o entorno das igrejas, praças e monumentos, transformados numa imensa feira. Nesse sentido, a busca do paraíso nas férias do turista torna-se extremamente próxima daquilo que o romeiro busca no “refúgio dos pecadores” e a cidade passa a representar também a fuga do indivíduo face a si mesmo

e frente a uma realidade que o absorve, domina e contra a qual muito pouco se pode fazer, além do consumo de bens de salvação (CORDEIRO, M., 2011, p. 107).

Figura 12 – Romeira fazendo compras no comércio informal



Fonte: Vieira, 2017.

Por fim, temos aqueles que declaram vir apenas como acompanhantes de outros romeiros. Denota-se que, de certa forma, os sujeitos que deram essa resposta não se identificaram com o termo “romeiro”, talvez pelo estereótipo e preconceito que o vocábulo carregue. Porém, durante a pesquisa, percebi que estes sujeitos agiram como tal e fizeram romaria durante sua estadia.

Cordeiro, M. (2011, p. 113) assevera que “Há várias romarias dentro da romaria, assim como há várias formas de ser romeiro”. A autora nos mostra que, apesar da imagem estereotipada do romeiro, “caracterizada por um comportamento religioso, conservador, tradicional e pautado pelo sacrifício e penitência, na prática há variações significativas na escala entre esse estereótipo e um comportamento festivo e distanciado da prática religiosa” (CORDEIRO, M., 2011, p. 113).

Dentre a classificação realizada pela autora dos diferentes tipos de romeiros, identificamos um perfil que corresponde àqueles sujeitos que afirmaram vir para acompanhar alguém próximo ou da família. A autora os designa, de forma simples, como “romeiros acompanhantes”. A autora assim assinala:

Participantes que consideram o lugar visitado passível de “ser aproveitado” em suas múltiplas oportunidades de experiência fora do cotidiano. Geralmente possuem maior escolaridade e são provenientes de meios urbanos, onde acessam noções de lazer e

férias como experiências desejáveis através de deslocamento geográfico. Têm uma atitude pouco fervorosa em relação às práticas religiosas, muitas vezes considerando-as como encargo da romaria. Visitam as igrejas como “tarefa obrigatória”, que depois de cumprida abre espaço para outras experiências de lazer e entretenimento. São afeitos às noções de romaria como festa ou passeio. A partir disso, constroem uma experiência eclética que engloba idas ao shopping e lazers balneares. Romaria, nesse caso, tem sentido de excursão que desperta interesse semelhante a outros eventos e festas de tradição popular ou rústica” (CORDEIRO, M., 2011, p. 115).

Dessa forma, mesmo que o primordial interesse não seja de participar da romaria em si, estes sujeitos considerados “romeiros acompanhantes”, além dos momentos de lazer, dedicam parte do seu tempo durante a estadia na cidade para desenvolver a sua religiosidade, conectando-se à romaria propriamente dita.

5.2 “E... Quem é ele?": Padre Cícero e Juazeiro do Norte na visão dos romeiros

Para conseguir compreender o que pensam os romeiros, qual a sua a visão, os sujeitos da pesquisa foram também indagados a respeito da sua percepção sobre a cidade de Juazeiro do Norte e sobre a figura do Padre Cícero.

Tabela 5: Impressões dos sujeitos da pesquisa sobre a cidade de Juazeiro do Norte/CE.

Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando pensa em Juazeiro?
Deus, Padre Cícero, Nossa Senhora das Dores, horto, igrejas, romaria, rezar, pedir a benção e a paz, em coisa boa, pagar minhas promessas, que aqui é mesmo que ser o céu.

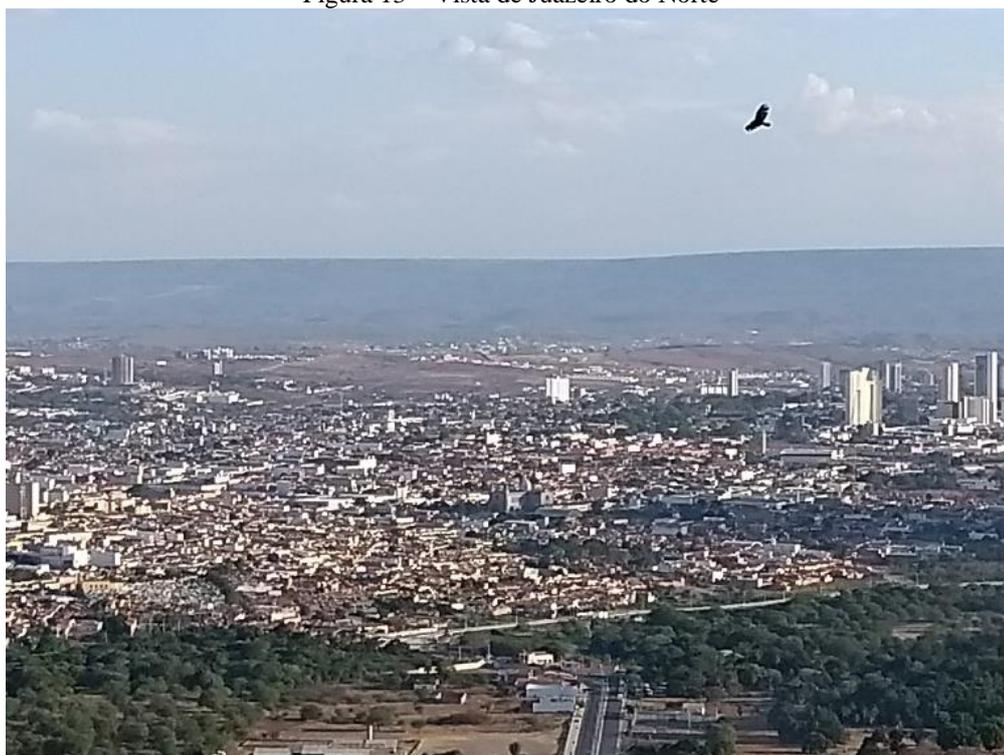
Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito à percepção dos sujeitos quanto à cidade, denota-se a relação de Juazeiro do Norte a um lugar sagrado quando seu espaço é ligado a figuras religiosas, promessas, pedidos de fé e coisas boas.

Na descrição de Castro (2016, p. 306), podemos sentir o mistério indescritível que rodeia a cidade permeado pela fé romeira:

“Terra da Misericórdia” (CAMPOS, 2008), “lugar de salvação” e “lugar de purgação dos pecados” (NOBRE, 2013), Juazeiro faz-se percebido pelo heterogêneo e polifônico de suas peregrinações, mais que pelas discursividades, comparações ou representações. O vivido e o experimentado pelo romeiro no “[...] oásis onde morreriam todas as tristezas humanas” (DELLA CAVA, 1985, p. 140) transcendem qualquer tentativa de descrição ou interpretação”.

Figura 13 – Vista de Juazeiro do Norte



Fonte: Vieira, 2017.

Silva, A. (2016, p. 218) lembra que mesmo na época em que viveu Padre Cícero inúmeros romeiros vinham até a cidade considerada como a “meca sertaneja por considerá-la “um lugar de salvação, refúgio para o povo pobre do Nordeste, que buscava na fé devoção à Mãe das Dores e ao Padre Cícero o alívio para suas dores do corpo e da alma”. Um dos sujeitos da pesquisa, em um de seus relatos de vida, revela um ensinamento de seu genitor que também foi romeiro: “Padre Cícero é um padre santo, Juazeiro é um pedacinho do céu!” Essa visão da cidade, de acordo com o que nos instrui Castro (2016, p. 309), “é epifânica, por isso, todos os reveses são superados e o sofrimento se inscreveria como purgação diante do prêmio que é pisar este chão sagrado”.

Este entendimento é comum em praticamente todos os sujeitos da pesquisa e intensamente comum na perspectiva dos romeiros de forma geral.

Semelhantemente, é também pela fé que muitos dos romeiros se sacrificam e vêm à considerada Terra Santa de Juazeiro do Norte, que, para alguns, é a ‘Terra Prometida’ (CORDEIRO, 2010), A ‘Juazeiro Celeste’ (PAZ, 2011). Como um espaço de promessas, esse sacro lugar se transforma em espaço de manifestações das fés, de renovações das esperanças, de significações, de regenerações e de ressignificações da vida (CASTRO, 2016, p. 305).

De acordo com o que nos esclarece Carvalho (2011, p. 37) “Falar de Juazeiro é falar do Padre Cícero. E vice-versa”. Desse modo, passemos à análise da percepção romeira acerca do Padre Cícero:

Tabela 06: Impressões dos sujeitos da pesquisa sobre Padre Cícero Romão Batista.

Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando pensa em Padre Cícero?
Não sei dizer, a casa dele, rezar, que ele é santo, o santo nordestino, Frei Damião, Deus, fé, religiosidade, fazer pedidos de oração, penso que ele está vivo pra olhar todos os romeiros e dar saúde e felicidade, coisas boas, tudo que é bom, por que, pensa em coisa que vem de Deus, só em eu pensar nele o meu coração já enche de esperança, que foi um ótimo padre, que incentivou muito as pessoas, as coisas que ele fez dentro de Juazeiro que quando ele chegou aqui em Juazeiro era bem miudinho, era uma vila e hoje está grande cidade já está emendando em Crato.

Fonte: Dados da pesquisa.

A figura do Padre Cícero tem distintas concepções na visão dos sujeitos da pesquisa. Podemos verificar desde uma ligação da personalidade do padre aos espaços de Juazeiro até uma ausência de definição, aparentemente pela importância dada ao Padre Cícero, não se conseguindo nem ao menos definir em palavras o que ele lhe remete.

Outra visão comum a outros romeiros, como se pode constatar por meio da pesquisa bibliográfica, é a forma de ver a personalidade como um santo.

Segundo Cordeiro, D. (2011, p.64), “para os indivíduos religiosos em âmbito do cristianismo, o santo é um mensageiro de Deus, que é revelação. Revelar é uma ação divina das verdades que Deus quer comunicar ao indivíduo” Dessa forma, “o santo posiciona-se num campo hierarquizado segundo a experiência de serviços prestados aos devotos onde se destacam os indivíduos que mais realizam milagres” (CORDEIRO, D., 2011, p.66).

Ao utilizar termos como santo nordestino, Deus e até mesmo fazer analogia a outro Santo Popular, Frei Damião⁴, verificamos a percepção santificada do Padre Cícero pelo grupo de romeiros caianenses.

Esta percepção sobre o Padre Cícero se fundamenta, de acordo com Cordeiro, D. (2011, p. 69), com suas inúmeras peculiaridades:

As representações sobre o padre o constroem com características de um ser superior: interagia com seus contemporâneos de uma forma diferenciada e apreciada; tinha poderes sobrenaturais de ler os pensamentos na mente dos seguidores, de cura, de

⁴ O frade capuchinho, ordenado sacerdote em 25 de agosto de 1923, transfere-se para o Brasil no ano de 1931, estabelecendo-se em Recife, no Convento Nossa Senhora da Penha, da Ordem dos Capuchinhos. É venerado pelos fiéis, principalmente nordestinos, pois foi nessa região que ele viveu a maior parte de sua vida, fazendo peregrinações pelas cidades, celebrando a Eucaristia, confessando, realizando casamentos e batismos etc. Por muitos nordestinos é considerado como santo. Encontra-se atualmente em processo de beatificação e canonização desde 31 de maio de 2003. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Frei_Dami%C3%A3o. Acesso em : 05/02/2018 às 9h03min)

prever o futuro e alterá-lo; era interlocutor com as instâncias superiores do sagrado, e capaz de proporcionar a dissipação de dificuldades – curas, aquisições e proteção. A culminância desse processo é a designação da personalidade como santo.

Interessante salientar também a visão da repercussão da figura religiosa no crescimento da cidade de Juazeiro do Norte ao abordar de forma simples o fenômeno da conurbação no triângulo Crajubar, fenômeno diretamente relacionado ao crescimento econômico em virtude das romarias ao longo dos anos.

5.3 “Eu vim aqui, vim ver meu padrinho”: a vivência da Romaria de Finados 2017

Neste tópico serão abordadas temáticas observadas e relatadas pelos sujeitos da pesquisa durante a experiência vivida na Romaria de Finados de 2017. Para tanto, analisaremos três questionamentos feitos aos sujeitos da pesquisa durante entrevista: quais os lugares frequentados durante a romaria; o que Juazeiro tem de bom; e, por fim, o que Juazeiro tem que não é tão bom. Além disso, complementaremos estas informações com relatos pessoais bem como informações contidas em Diário de Campo.

5.3.1 “No caminho de Juazeiro nunca ninguém se perdeu”: espaços visitados durante a romaria

Tabela 7: Locais visitados pelos sujeitos da pesquisa

Quais os lugares de Juazeiro que você visita ou visitou?
Horto, Santo Sepulcro, Bom Jesus, Igreja dos Franciscanos, Igreja do Socorro, Igreja de Nossa Senhora das Dores, as duas casas do Padre Cícero, mercado central, mercado do Pirajá, shopping.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Ao serem indagados sobre os locais visitados durante a estadia em Juazeiro do Norte, os romeiros caianenses listaram vários locais em comum. Pode-se denotar que, mesmo saindo em horários distintos e buscando locais distintos, todos perpassam pelos pontos mais chamativos da cidade. Apenas no que diz respeito a visita ao Shopping, o grupo foi mais restrito aos romeiros mais jovens e que viajavam de carro próprio. Os demais romeiros, mesmo que em horários ou dia distintos buscavam sempre os mesmos locais.

Um dos lugares mais visitados durante a romaria é o que os romeiros designam de “Horto”. Este é o local onde foi construída uma estátua em homenagem ao Padre Cícero.

Figura 14 – Imagem da estátua do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

É também no horto que se situa o casarão de veraneio do Padre Cícero, que hoje abriga o Museu Vivo integrado por esculturas de resina em tamanho real do padre e de personalidades de seu convívio, reportando a cenas cotidianas em diferentes cômodos da casa.

Figura 15 – Esculturas de resina no Museu Vivo do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

Também encontramos uma capela e salas de ex-votos.

Figura 16 – Capela no casarão do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

Figura 17 – Ex-votos de devotos do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

No horto também está situada Igreja de Bom Jesus do Horto, ainda em fase de construção e o acesso ao Santo Sepulcro, local que os crentes associam ao qual Jesus Cristo foi sepultado antes da ressurreição.

Figura 18 – Romeiros em visita ao Horto



Fonte: Vieira, 2017.

Cordeiro, M. (2011, p. 147 e 148) ressalta as peculiaridades do local:

Há vários simbolismos para expressar essa centralidade e sua ligação com o céu em várias culturas. Entre as recorrências, está a noção de montanha sagrada, que estando mais próxima do céu, oferece uma ligação. Transportando essa representação, é possível entender porque, de forma inconsciente, a Serra do Catolé, onde Padre Cícero tinha uma casa de veraneio e onde hoje está localizada a sua estátua com 25 metros de altura tornou-se Horto, cujo caminho é marcado por uma via-crúcis, com 12 estações representativas do martírio de Jesus (ou do próprio Padre Cícero) pela humanidade. Expressando essa ligação, a colina é o centro do mundo, um lugar próximo ao céu e aos seus pés a cidade desenvolve-se em função do legado simbólico herdado de seu fundador.”

O Santuário de São Francisco das Chagas, designado pelos romeiros de Igreja dos Franciscanos é mais um dos espaços sagrados visitados em romaria. O templo é bem amplo e conta com diferentes espaços para a devoção dos fiéis.

Localizado nas imediações da antiga estação de trens, a igreja possui arcadas que circundam um pátio interno e o maior destaque está para uma grande estátua de São Francisco, de origem italiana, no centro do pátio. As arcadas, em sua parte superior, formam uma passarela denominada “Passeio das Almas”, bastante apreciada pelo público romeiro. Internamente, a arquitetura de origem barroca é bastante rica, com vários altares laterais. Existe ainda um jardim nos fundos da igreja, com destaque para uma gruta com imagens de santos e ex-votos. Da gruta, decorada com uma imagem de Nossa Senhora, jorra uma fonte artificial, onde os romeiros fazem fila para encher garrafas e banhar-se atribuindo poderes curativos à água (CORDEIRO, M., 2011, P.237).

Figura 19 – Romeiros em visita ao Santuário de São Francisco das Chagas



Fonte: Vieira, 2017.

Durante a Romaria de Finados, um dos locais de maior fluxo de pessoa na cidade é a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, chamada pelos romeiros simplesmente de Igreja do Socorro.

Figura 20 – Romeiros em visita a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Vieira, 2017.

É neste templo que se encontra o túmulo do Padre Cícero, em frente ao altar.

Figura 21 – Romeiros em oração no túmulo do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

A capela está localizada ao lado do primeiro cemitério da cidade, onde muitas pessoas pediam para serem sepultadas a fim de ficarem próximas do Padre Cícero. Conforme descrição de Cordeiro, M. (2011, p. 227), apesar de contar com pouco mais de 300 metros quadrados, a capela

Possui amplas janelas laterais que dão visão para o cemitério e favorecem a circulação de ar. No alto das paredes de elevado pé direito, estão instalados seis vitrais com imagens do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora e em dois deles imagens do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo. No canto direito interno, curiosamente, há uma plaqueta indicativa do lugar onde outrora estivera os restos mortais da Beata Maria de Araújo.

A Igreja de Nossa Senhora das Dores, hoje Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, é mais um espaço sacro visitado na romaria. A Basílica foi construída pelo Padre Cícero além de ser o palco do controvertido milagre da hóstia.

Ali é conservada a imagem original de Nossa Senhora das Dores trazida por Padre Cícero e que testemunhou o controvertido milagre da hóstia. Mais dois altares secundários com imagens do Coração de Jesus e da Imaculada Conceição ladeiam o altar mor. Na lateral esquerda há entrada para capela interna onde foi construído o túmulo de Monsenhor Murilo⁵ (CORDEIRO, M., 2011, p. 236).

⁵ Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto (Barbalha, 31 de outubro de 1930 — Juazeiro do Norte, 4 de dezembro de 2005) foi o pároco da igreja matriz da cidade de Juazeiro do Norte, e considerado o Vigário do Nordeste, em razão do seu ministério sacerdotal nesta cidade, objeto de grandes romarias. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Murilo_de_S%C3%A1_Barreto, acesso em 05/02/2017, às 20h13min)

Figura 22 – Romeiros em visita a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Vieira, 2017.

Também foram visitadas as casas onde residiu o Padre Cícero, na rua São José. Em uma delas, hoje funciona um museu que

Conta com algumas peças que foram de propriedade do Padre, por exemplo: baú, pedra de moinho, batina, radiola, capote, estola, bastão, cama, genuflexório, guarda-roupa, cadeira, porta-chapéu, louças e alguns animais empalhados. Nos períodos de romaria é um dos lugares mais cheios, comparando-se, em termos de superlotação, às igrejas em horários de missas, acreditam os romeiros que o contato de objetos depositados na cama do Padre Cícero proporciona os mesmos efeitos que a lápide de seu túmulo. A idéia [sic] é que ao tocá-los, os benefícios de sua santidade são absorvidos sob a forma de bênçãos, cura, saúde e prosperidade (CORDEIRO, M., 2011, p. 229).

Figura 23 – Romeiros em visita à Casa Museu do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

Além dos espaços religiosos, os romeiros também visitaram alguns centros comerciais da cidade: o Mercado Central Adauto Bezerra, o Mercado do Pirajá e o Cariri Garden Shopping.

A visita aos centros comerciais pelos romeiros denotam um outro aspecto da romaria. A alavancagem da economia local conta com a participação do consumidor romeiro. Para eles, a variedade de produtos e de preços é o que mais chama a atenção. Para os comerciantes da cidade é uma excelente oportunidade de aumento das vendas e intensificação dos lucros. Os romeiros adquirem os mais diversos produtos, desde prendedores de cabeça, tiaras, roupa íntima a máquinas de costura e rádios FM multifuncionais.

Figura 24 –Romeiros em visita ao Mercado Central Aduino Bezerra



Fonte: Vieira, 2017.

A visita ao Cariri Garden Shopping não é algo comum aos romeiros de modo geral. Passa a ser visitado pelos jovens romeiros pelo caráter de lazer dado à Romaria. Como nos ensinam Cordeiro e Cordeiro (2011, p. 109 e 110)

A romaria, outrora percebida como sacrifício por grande parte dos romeiros, assume, com o passar do tempo, para as novas gerações, um caráter mais suave, de ‘passeio’, marcado pela experiência socializadora da festa e pelas atividades diversificadas que acabam por concorrer com as atividades – para muitos, ‘obrigações – religiosas.

Figura 25 - Romeiros em visita ao Cariri Garden Shopping



Fonte: Vieira, 2017.

É importante ressaltar que alguns romeiros não quiseram comentar sobre os locais de visitação:

Por conversas e observações durante a pesquisa de campo, verifiquei que eles frequentaram algumas igrejas. Mas também frequentaram lugares de festas sem ligação com a religião, não consegui identificar o local apenas pela escuta que realizei das conversas. Mas ao que me parece, eles tinham interesses em relacionamentos amorosos (Diário de Campo).

5.3.2 “A luz da fé que nos guia aqui nos reanimou”: O que Juazeiro tem de bom

Para analisar os pontos positivos e negativos na cidade de Juazeiro do Norte, utilizamos de questionamentos durante a entrevista. Após serem indagados sobre diversas questões, quando já se sentiam um pouco mais à vontade, estas perguntas lhes foram formuladas.

Este primeiro questionamento buscou averiguar, na concepção do romeiro, quais os aspectos positivos da cidade de Juazeiro do Norte.

Tabela 8 – Pontos positivos da cidade de Juazeiro do Norte

O que Juazeiro tem de bom?
Tudo. A estátua, a Igreja Matriz, os Franciscanos, graça, “bença”; Essa fé que as pessoas têm no Padre Cícero; Só a romaria; A romaria, mas a família também é muito importante; As missas, cultura, muitos lugares turísticos, o shopping, os passeios; Água boa; O pessoal recebe bem; A gente vem aqui pra fazer uma compra, tem o preço melhor; Só mais ruim de Juazeiro somente a quentura; quando a gente pensa que tá quente já dá uma esfriada; Se eu for dizer o que tem de melhor ai não vai dar certo!

Fonte: Dados da Pesquisa.

Dentre as respostas obtidas, podemos verificar três grandes categorias: a relação com a fé, a diversão e o respeito ao outro, que passaremos a analisar.

5.3.2.1 Peregrinação, oração e fé

Sabendo que o romeiro enxerga com santidade tanto o Padre Cícero quanto a cidade de Juazeiro, é compreensível que ele conecte os aspectos positivos da cidade a essa espiritualidade. A fé, os espaços de fé e suas peregrinações compõem o topo da lista dos aspectos positivos.

As romarias, uma das respostas elencadas,

Para Rosendahl (1996), em alguns lugares no Brasil as romarias são, na realidade, uma forma de reivindicar, com maior liberdade, suas crenças religiosas como expressão de resistência. Chauí (1986) acrescenta que os movimentos religiosos como os do Juazeiro não são resultado do isolamento sociopolítico, redundando em fanatismo, mas respostas concretas, de caráter religioso, articuladas às transformações políticas da sociedade brasileira e percebidas como adversas para os fracos e desprotegidos (CAVALCANTE, 2011, p. 47).

Durante alguns momentos da pesquisa, algumas considerações sobre os aspectos positivos relatados pelos romeiros foram observadas e descritas no Diário de Campo. Um relato de um dos sujeitos da pesquisa que veio a pé demonstra que essa prática não necessita de um motivo, mas se configura como uma forma de gratidão:

Perguntei se ele fez promessa para vir [a pé] a Juazeiro. Ele respondeu que só uma vez, as outras vem por peregrinação e pela festa. Aqui observo que muitas vezes não tem um porquê, uma promessa para pagar, alguma dívida perante Deus ou o Pe. Cícero. É como se fosse algo que eles sabem que tem que fazer, um sacrifício em gratidão por tudo, pela vida, talvez. [...] Contou a história de um senhor de 68 anos que já tinha vindo 19 vezes [a pé] e queria completar as 20. Após 5 anos sem vir a Juazeiro, veio esse ano, quase não consegue, mas chegou (Diário de campo).

Ainda sobre as peregrinações cristãs, Cordeiro, M. (2011, p.91) nos ensina que

A partir desse contexto, as peregrinações cristãs da atualidade mantêm características medievais ocorrendo como expressão de culto aos santos e à Virgem Maria, que figuram como intercessores na mediação entre o céu e a terra, como práticas religiosas, reportam a um movimento que é tanto físico, como espiritual e temporal.

Correlacionando estes três aspectos, destacamos o depoimento de um romeiro que, ao se deparar com seu animal doente, rogou ao Padre Cícero, prometendo que mais uma vez iria a pé a Juazeiro se obtivesse a cura:

Ele fez promessa por que uma vaca sua ficou doente. Ele contou que se a vaca “escapasse, é do Padim Ciço”! E escapou! Então ele contou que teve que vender a vaca para gastar o dinheiro em Juazeiro. “Por que eu acho que se você promete, tem que cumprir, né? Eu acho!” (Diário de campo).

As demonstrações de fé dos sujeitos romeiros observadas durante a pesquisa de campo denotam o viés positivo da cidade e revelam o porquê do afeto ao espaço que eles consideram sagrado, coadunando com as respostas dadas em entrevista.

Cirilo fez uma promessa para subir três anos de joelho na escada da estátua do Padre Cícero, por que teve um problema na próstata, não ficou bom totalmente, em fevereiro foi no médico, mas já está sem dor. Por isso, subiu mais uma vez de joelhos a escadaria da estátua do Padre Cícero. [...] Chegando na estátua, existe o costume de passar pela bengala três vezes, para que seus pecados sejam perdoados. As pessoas formam fila para este ritual. Todos estão em oração. Também escrevem seus nomes e de familiares na estátua. São rituais desenvolvidos pelo costume popular (Diário de campo).

Figura 26 – Romeiras escrevendo seus nomes na estátua do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

Uma demonstração de fé por uma romeira em especial se destacou. O olhar, o modo de falar e a atitude comportamental de quem acabou de sair do comércio onde fazia compras e se compenetrava no diálogo com o santo expressam o respeito e a crença popular:

Fátima, muito compenetrada, tirou um pequeno bilhete da sua bolsa, olhou nos olhos da estátua do Padre Cícero como quem olha para o próprio, e afirmou: “esse é da minha filha”, nessas palavras e naquele gesto já estava o recado de que o pedido era da filha, mas que intercedesse por ela, faça ela alcançar a graça. Ao mesmo tempo o imenso respeito e fé pelo Padre Cícero ali representado pela estátua (Diário de campo).

Figura 27 – Romeira em momento de oração diante da imagem do Padre Cícero



Fonte: Vieira, 2017.

Em visita ao Horto, após uma breve oração do grupo de romeiros caianenses na capela do Museu Vivo do Padre Cícero, indaguei a uma integrante a respeito daquele momento. Sua resposta revela pedidos simples, porém compenetrados e fundados na essência do bem viver:

Fomos até a capela do Bom Jesus do Horto, onde todos fizeram uma oração. Depois conversei com Dona Josa e perguntei: “Dona Josa o que é que vocês pedem num momento desses?” Ela disse que pedia “saúde, paz, felicidade, tranquilidade, que protegesse do inimigo... Que desse o alimento, coisa boa, tudo de bom e saúde porque saúde é o principal” (Diário de campo).

Figura 28 – Romeiros em momento de Oração na capela do Horto



Fonte: Vieira, 2017.

Por fim, a participação nas celebrações mostra também o aspecto da fé através da concentração naquele momento. A atitude dos romeiros durante as missas, no período da manhã, nos dias 01 e 02 de novembro, surpreendem pelo respeito ao culto religioso. O silêncio por parte de todos os presentes é o elemento que mais denota a fé dos fiéis.

Estamos na Matriz, participando da missa. Chegamos e a celebração já havia iniciado. A concentração dos romeiros, seja criança, jovem adulto... é fantástica. Eles não conversam, não fazem barulho, e a quantidade de pessoas é imensa. Não conseguimos nem entrar na igreja para conhecer. [...] Na missa, mais uma vez, reinou o silêncio e a concentração, de chamar a atenção sempre (Diário de campo).

Figura 29 – Romeira durante missa na Basílica de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Vieira, 2017.

Figura 30 – Romeiros na missa de finados na Igreja de São Francisco das Chagas



Fonte: Vieira, 2017.

5.3.2.2 *Diversão*

Um aspecto peculiar, mas que, todavia, não se desliga da romaria, é a diversão, a busca pelo lazer por estas pessoas que visitam a cidade de Juazeiro. Dentre as respostas dos sujeitos da pesquisa sobre as “coisas boas” que Juazeiro possui, foi recordado, além do aspecto religioso, o aspecto turístico de lazer da viagem. Rever os familiares, passear nos pontos turísticos e até mesmo namorar foram alguns dos pontos listados pelos romeiros caianenses.

Se eu for dizer o que tem de melhor aí não vai dar certo! – Resposta de um dos sujeitos da pesquisa se referindo a suas experiências amorosas na cidade de Juazeiro do Norte (Entrevistado 14).

Cordeiro, M. (2011, p. 107) nos explica que “Religião e turismo, isoladamente, são fenômenos que carregam em si um sentido de busca na medida em que se constituem ritos de passagem do comum para o ideal, do cotidiano para o excepcional.” Apesar do caráter individual, transmitem “processos sociais mais abrangentes, na medida em que determinam condutas e práticas sociais referentes ao que Berger (1986) chama de ‘sociedade no homem’, ou seja, a papéis e identificações reconstruídas eternamente. ”

Durante a observação em campo, notei como fatos simples como até mesmo participar desta pesquisa gerou um divertimento para todos. Eles manifestavam muita alegria ao serem acompanhados e, durante a realização das entrevistas, na noite do segundo dia de pesquisa, a alegria era visível. Eles demonstraram se sentir muito bem e muito importantes como sujeitos da pesquisa e durante as entrevistas, mesmo os sujeitos mais tímidos quiseram colaborar, mesmo com a advertência que ninguém precisava se sentir compelido a participar.

À noite, fiz a entrevista com os romeiros que faltavam. Bianka me ajudou, sempre chamando de um por um. Foi interessante, eles acharam bem divertido! Todos quiseram participar e participaram com gosto (Diário de Campo).

Vale ressaltar ainda a resposta de alguns sujeitos da pesquisa quando indagados se vieram a Juazeiro para pagar promessas ou para participar da romaria. Eles não relacionavam sua vinda a aspectos religiosos e, sim, ao lazer, mesmo que inconscientemente eles tenham praticado a romaria como foi observado.

Perguntei se eles iam pagar alguma promessa, disseram que não. Afirmaram que vieram apenas para “andar, só passear”. (Diário de Campo)

Eu vim acompanhar meus pais que vieram a romaria, eu não vim exatamente pra romaria, mas eu ainda passei uns dois dias, né, pra romaria, por que a gente veio pra o parque aquático, mas acompanhando meus pais (Entrevistado 12).

Mas a concepção de romaria, ou mesmo a concepção da viagem à cidade onde ela ocorre, no que diz respeito à realidade de Juazeiro do Norte, não se reveste exclusivamente do caráter de sofrimento e penitência. Ao contrário, mesmo nos momentos de manifestação da fé, visualizamos o festejo por parte dos romeiros que veem na oportunidade da viagem a chance de entretenimento. Cordeiro, M. (2011, p. 112) comenta sobre a romaria como “suspensão do cotidiano”, trazendo a dimensão da ludicidade:

que as romarias estão associadas a festas religiosas produz um espaço de convergência de narrativas teóricas, já que a festa, assim como as peregrinações ou mesmo as viagens turísticas, carrega um sentido comum de suspensão do cotidiano. Romaria e festa produzem uma combinação poderosa de experiências extracotidianas, mediando

relações de intimidade entre o homem e o mundo, entre os participantes e aspectos mais abrangentes de sua cultura, de forma que essas classificações por vezes se confundem quando a romaria se torna a própria festa, ou a festa consiste em fazer a romaria.

Presenciar um grupo de romeiros de São Gonçalo do Amarante, na Igreja de São Francisco das Chagas, realizando uma apresentação de uma dança típica acompanhada de música típica, chamou a minha atenção e também dos romeiros caianenses os quais eu acompanhava. A alegria, o festejo e a inserção de toda aquela brincadeira dentro do templo religioso traduz a visão de que realmente a romaria é um momento de festa para os romeiros.

Tiramos foto também de um pessoal que está aqui dentro da igreja dançando o que parece ser uma dança típica. Eles são de São Gonçalo do Amarante. Uma alegria, uma festa, não tem nada de penitência, não tem nada de tristeza, flagelação não, o povo todo sorrindo na maior felicidade! (Diário de campo).

Figura 31 – Romeiros em dança típica na Igreja de São Francisco das Chagas



Fonte: Vieira, 2017.

A vivência da devoção e o tempo para o lazer durante a romaria são acontecimentos que demonstram a modificação da realidade do mundo ocidental e devem ser analisadas em sua complexidade. Assim pondera Cordeiro, M. (2011, p. 102)

De outro ponto de vista, as ligações entre a dimensão devocional do ser humano e a disponibilidade de tempo para o lazer se revestem de grande complexidade com o surgimento de práticas que associam de forma mais acentuada que no passado situações de férias, diversão ou lazer a deslocamentos religiosos. Isso favorece possibilidades de análise à luz das transformações na vivência do sagrado, ao passo que deambulações religiosas ligam-se também a um contexto de conquistas de direitos relacionadas ao tempo livre do trabalho no mundo ocidental.

Um exemplo de mudança dentro do âmbito das romarias em Juazeiro diz respeito aos locais buscados pela juventude romeira.

Partindo da experiência romeira tradicional, há uma crescente abertura para outras experiências, relacionadas a sociabilidades diversas: são os passeios no *shopping*, a ida ao cinema, a visita a clubes e balneários, a busca de programações de lazer em geral pela cidade, as listas de compras. Essas experiências garantem a continuidade da transmissão de repertórios tradicionais a outros inovadores. Aqueles conteúdos que não fazem parte, a princípio, do corpo simbólico que referencia esses eventos, paulatinamente sofrem alterações, na medida em que os conteúdos da experiência romeira se transformam pelo efeito das gerações (CORDEIRO e CORDEIRO, 2016, p. 111).

Na pesquisa de campo, tive a oportunidade de acompanhar um grupo de jovens romeiros que visitaram o *shopping* durante sua estadia, um local que não é comumente buscado pelos romeiros tradicionais.

Acabamos de chegar do shopping, fomos: Raiana, Junior, Ana Clara, João Antonio e eu. Chamou atenção o modo deles de se vestir para ir ao shopping, as melhores roupas, maquiagem, sapatos. Eles andaram, brincaram, se divertiram, quando a gente chegou lá tinha umas pessoas de chapéu de palha, de roupa de santo no shopping! Uma com a blusa bordada do Padre Cícero de bermuda parentando que estava passeando, outra de chapéu de palha com a blusa de Nossa Senhora, um senhor de chapéu de palha também! Acreditei que demonstra que está sendo um espaço frequentado por pessoas em romaria também, não só pelos jovens que vem acompanhando os pais, vão na igreja com os pais, não vem pra fazer a romaria propriamente dita nem pra pagar promessa, mas vão também nesses espaços que são espaços né que a gente acha que são excluídos. Também fiquei me perguntando, quantos aqui são romeiros “disfarçados em roupas bonitas”? Será que não tem mais romeiros que se comportam como estes que estou acompanhando? O pessoal que eu estou acompanhando quando foi para os Franciscanos estavam com um traje, para ir ao shopping já foi algo mais formal. Então, mostra eles sabem que no shopping as pessoas que frequentam têm uma condição econômica diferenciada, então por isso que eles ficam buscando essa interação por meio da vestimenta. Eu acredito que seja nesse sentido. As meninas brincaram na piscina de bolinhas, depois fomos comer chocolate na Cacao Show. Eles nunca tinham deitado naquelas cadeiras de massagem, deitaram, gostaram, fizeram brincadeiras, foi bem interessante, bem divertido. Eles estão se organizando para amanhã passar o dia no Verdes Vales, o Junior hoje foi pra as igrejas, ontem Raiana foi também, fizeram compras, e a gente fez esse trajeto hoje, foi diferenciado (Diário de campo).

Figura 32 –Jovens romeiras em momento de diversão no Cariri Garden Shopping



Fonte: Vieira, 2017.

Além disso, a vivência no tão vasto e variado comércio de Juazeiro do Norte também se apresenta como um momento de lazer/turismo. Os romeiros caianenses reservaram um tempo considerável para conhecer o comércio local bem como adquirir produtos para si e para os parentes que não puderam vir a Juazeiro.

Na volta passamos pelo mercado central para que eles fizessem algumas compras. Alguns foram por um lado, outros por outro, ficou impossível de acompanhar todo o grupo, cada um queria aproveitar ao máximo o tempo para comprar os produtos de seu interesse. Acabei acompanhando Junior que era o único que não sabia transitar na cidade. Ele comprou presentes para o filho, para a namorada, para a sogra e para sua mãe (Diário de campo).

Figura 33 – Romeiros em visita ao comércio de Juazeiro do Norte



Fonte: Vieira, 2017.

5.3.2.3 Hospitalidade

Um outro aspecto positivo observado durante a pesquisa diz respeito à hospitalidade.

O termo se refere tanto à acolhida de hóspedes como à boa acolhida. De acordo com Lashley e Morrison (2004, p.15) “A oferta de alimentos, bebidas e acomodação representa um ato de amizade, cria laços simbólicos e vínculos entre as pessoas envolvidas na partilha da hospitalidade”. Ainda conforme os autores, na hospitalidade o que realmente importa é a satisfação e bem-estar do seu hóspede.

Este foi um dos elementos que não foi citado durante as entrevistas, mas que se destacou durante a pesquisa de campo. A boa acolhida dos hóspedes pode ser percebida tanto na residência onde os romeiros caianenses permaneceram durante a romaria de finados como na residência do casal que me recebeu para o início e término da pesquisa na cidade de São José de Caiana.

Foi possível denotar em ambos os locais o intuito de proporcionar uma boa estadia, de fazer seus hóspedes se sentirem à vontade, tratando-os da melhor forma possível, com boas refeições, com locais agradáveis para dormir e com uma interação, uma vivência harmônica e repleta de respeito ao outro, tudo com muita simplicidade.

Antes da pesquisa de campo ser iniciada, tive a oportunidade de perceber a característica da hospitalidade na residência do casal que me acolheu em São José de Caiana. A casa tem um grande fluxo de pessoas, parentes ou não, todos como se fossem da família.

A casa fica na zona rural da pequena cidade de São José de Caiana/PB, cidade natal do grupo de romeiros que irei acompanhar e que se hospedam na casa dos meus avós. É uma casa muito bem arrumada, bem reformada, no que diz respeito a decoração, cerâmica no chão, móveis mais sofisticados. A casa estava cheia de filhos netos, não parava de chegar e sair gente. Quando chegamos e fomos jantar, percebi o tamanho das panelas, muita comida, fazendo jus ao movimento da casa, sempre chegando mais um para se alimentar. [...] O casal e eu conversamos sobre a vida no campo, a respeito dos animais que são criados por eles (Diário de Campo).

Figura 34 – Residência do casal Cirilo e Tiquinha em São José de Caiana



Fonte: Vieira, 2017.

No local de hospedagem de Juazeiro, podemos perceber que, mesmo diante da falta de estrutura, tudo é pensado para proporcionar uma boa estadia para os romeiros. Desde a preparação do alimento, ao cuidado de utilizar reservatórios para no caso de o fornecimento de água ser interrompido devido à grande demanda do período de romaria, à disposição de

inúmeras redes, armadores, camas e colchões para que possam ter um bom descanso. Várias foram as formas de perceber o cuidado e respeito ao romeiro caianense.

Depois do jantar, eles conversam um pouco, alguns já deitados outros vendo tv e se organizam para dormir. Os homens dormem em redes no quintal e usam o banheiro do quintal. As mulheres dormem dentro de casa, em colchões, vários colchões espalhados pelos três quartos da casa. Usam o banheiro de dentro de casa. [...] Ontem foi muito interessante por que depois do jantar eles ficaram em casa. E foi um momento bem divertido. Os romeiros se divertem com os donos da casa, já vêm a muito tempo e ficam brincando, contando piadas. Eles tratam todo mundo muito bem, essa parte é que chama mais atenção, é como se todo mundo já se conhecesse a muito tempo, até os que não se conhecem eles são muito... simpáticos mesmo! (Diário de Campo).

Figura 35 – Residência onde os romeiros se hospedam em Juazeiro do Norte/CE



Fonte: Vieira, 2017.

5.3.3 “Meu Padrinho, Padre Cícero, foi pro céu vendo o povo sem sorte”: O que Juazeiro tem que não é tão bom

Indagar aos romeiros sobre o que Juazeiro tem que precisa melhorar, que não está tão bom, é algo que deve ser feito com muita cautela diante da imagem sacralizada da cidade que eles desenvolveram em seu imaginário. Por isso, este questionamento foi realizado como uma das últimas perguntas durante as entrevistas, após dar um certo tempo para que os sujeitos se sentissem à vontade para falar sobre o que pensam. Ressalte-se que as entrevistas também foram realizadas individualmente e sempre em um local distante de onde o grupo estivesse concentrado.

Da mesma forma que os pontos positivos, as respostas das entrevistas foram analisadas em conjunto com as observações realizadas durante a pesquisa e transcritas em Diário de Campo.

Tabela 09 – Pontos negativos da cidade de Juazeiro do Norte

O que Juazeiro tem que não é tão bom?
<p>Tem nada não. Pra mim tudo é bom. Sei não, dessa parte aí eu vou ficar calado. A poeira cheia de lixo. Eu acho esse esgoto, por que tem muito esgoto no meio da rua fedendo, se fizesse o esgoto eu achava que melhorava mais. O calor, o clima, bastante quente e abafado, mas só Deus pode melhorar, né? Presença de muito ladrão, se a gente sair com qualquer coisa eles tiram do braço da gente, tiram o dinheiro do bolso e corre, você não pode usar um relógio bom, você não pode usar uma bota boa que fica com medo, pra andar tem que andar duas, três, quatro, cinco pessoas. Se tivesse uma lei mesmo que caísse sério em cima deles quando a gente vem em festa em Juazeiro, era muito bom. Essa questão da perseguição com os romeiros nos pau-de-arara por que muito romeiro podia vir no pau-de-arara, não pode vir no carro próprio. Mas com o "pau-de-arara", a burocracia é grande demais. Pode olhar que dentro da cidade é pouco "pau-de-arara", a graça da festa de Juazeiro era mais o "pau-de-arara". Atrapalhou bastante essa falta de liberação. Por que carro pequeno o povo explora um pouco, o povo não vem. Pau-de-arara é preço de banana, todo mundo tem condição de vir. Eu acho que tem que melhorar mais é tratar os romeiros com mais humanidade, por que romeiro aqui é tratado como jegue, em todo canto é explorado demais, inflação demais em tudo, se você for comprar aqui em época de romaria tudo é mais caro. Os banheiros [químicos] nas avenidas, se tivesse era melhor, porque lá em Patos quando é tempo de romaria, em todo canto o prefeito faz banheiro que tem gente que vem e num tem apoio lá. Mas é que aqui todo mundo tem apoio, né? Acho que num faz isso porque também num precisa, que Juazeiro é abençoado pra todos os moradores dar apoio aos romeiros. Esses banheiros que vem pra atender os romeiros que a gente quando entra não quer ir mais, se não tiver uma casa de família que a gente venha pra se hospedar... A gente vem mais por causa de família por que se fosse pra a gente se hospedar em outro canto, talvez eu não viesse.</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos notar que o receio de falar do “espaço sagrado” se revela em algumas respostas do tipo “Tem nada não. Pra mim tudo é bom. Sei não, dessa parte aí eu vou ficar calado”. Entretanto, os aspectos comentados pelos demais sujeitos eram perceptíveis a qualquer pessoa que transitasse pela cidade durante a romaria de finados de 2017.

5.3.3.1 Trânsito

Durante a realização da pesquisa, este elemento foi o que mais se destacou negativamente na cidade. Apesar de não ter sido mencionado durante as entrevistas, merece destaque pelo risco à integridade física que apresenta aos romeiros.

Antes de passarmos à análise dos dados coletados, é fundamental destacar que a incorporação dos automóveis no cotidiano das sociedades contemporâneas no intuito de favorecer a mobilidade, acaba gerando um importante problema social: os acidentes de trânsito. Estes são fruto de um intenso crescimento da produção impulsionado pela economia capitalista,

mas que as cidades não conseguiram acompanhar este crescimento por meio do planejamento urbano. Dessa forma, além dos acidentes de trânsito, temos a poluição sonora, a poluição do ar, os engarrafamentos, todos elementos responsáveis pela agressividade dos motoristas e má qualidade de vida no meio urbano (MARÍN e QUEIROZ, 2017).

Juazeiro do Norte em seu cotidiano já apresenta todos estes problemas comuns a cidades de países em desenvolvimento. Entretanto, o quadro se agrava muito mais em épocas de romaria com a chegada de inúmeros romeiros que utiliza os mais diversos veículos para sua viagem: ônibus, motos, carros pequenos, vans, etc.

A cidade recebe também além dos romeiros, vários comerciantes estrangeiros que utilizam do espaço público (calçadas e praças, principalmente) para exposição e venda de seus produtos. Ou seja, a cidade perde espaço.

Para que o trânsito se mantivesse seguro, nada mais coerente que um planejamento urbano voltado a este fim, o que infelizmente não foi possível visualizar na cidade no período de romaria.

Fiquei surpresa e feliz quando visualizei alguns agentes do Demutran (Departamento Municipal de Trânsito) nas proximidades da Igreja dos Franciscanos. Porém, no local onde existia necessidade, onde os comerciantes informais estão, onde a concentração de romeiros é bem mais intensa, não há nenhum agente, está um caos. Os ônibus de romeiros passando, os carros passando, não tem agentes, a rua está mais estreita devido a presença dos camelôs. Não tem nada organizado e nem ninguém organizando. Muito pelo contrário: está cheio de pessoas, comerciantes e romeiros, produtos e não há proibição de circulação de veículos. É tudo muito apertado. Chega a ser assustador! Vamos andando e os carros passando muito próximo de nós. Buzinam e passam extremamente próximo das pessoas e coisas. A sensação é de que a qualquer instante pode morrer alguém atropelado. Não tem cinco minutos que cheguei aqui. As pessoas que estou acompanhando não demonstram muita preocupação com isso, mas eu estou realmente muito assustada com o trânsito e receosa que ocorra algum acidente inclusive comigo! Horripilante! Esta rua deveria ter sido interditada, ou ao menos ter se tornado via de mão única. [...]

Às 15h10min saímos para ir ao horto com algumas pessoas do grupo: Tereza, Fátima, Josa, Cleilton e Cirilo. Fomos pela avenida Carlos Cruz, da rua Todos os Santos a rua São Pedro. Pegamos um transporte alternativo muito velho, muito sujo. A rua está com um trânsito intenso, muitos carros. Tem caminhões carregando e descarregando produtos nas lojas, tem carrinho de picolé, tem carrinho de mão... Uma grande bagunça! Uma desorganização tremenda! Além disso, o clima extremamente quente. Chama a atenção não ter um horário determinado, ao menos na época de romaria, para carga e descarga, assim como ocorre nas grandes cidades. Ou um rodízio de veículos dos moradores de Juazeiro do Norte, em virtude da grande quantidade de veículos dos romeiros que chegam a cidade. Falta de aplicação de estratégias que já são utilizadas há muito tempo em outros municípios (Diário de campo).

Figura 36 – Trânsito caótico entre a feira e a Igreja de São Francisco das Chagas



Fonte: Vieira, 2017.

A falta de respeito às normas de trânsito que remetem à segurança e à preservação da vida são constantemente violadas. Não se dá preferência ao pedestre, os motoristas não usam a sinaleira dos veículos, além disso não se respeita a faixa de pedestres. Inúmeras vezes, apesar de todo o meu cuidado como pedestre, quase fui atropelada por condutores que não respeitavam os vários e incontáveis pedestres e, muito menos, suas vidas. Uma das romeiras inclusive ressaltou a falta de faixas de pedestres nas vias da cidade.

Olhe, acho que todo mundo trata bem, a única coisa às vezes são os carros que não respeitam muito os pedestres. Eu também senti falta de faixa de pedestre. (Entrevistado 12)

O ônibus para o horto foi pela estrada antiga, de pedras. Tinha muita gente subindo e descendo a ladeira da rua que é muito estreita. O ônibus subia a colina do horto e algumas viaturas policiais desciam, acredito que cruzamos com duas. Achei extremamente inconveniente esse trajeto do ônibus. A ladeira é bastante íngreme, o ônibus muito antigo, muitas vezes dava a impressão de que não iria conseguir terminar o percurso. Além disso, o ônibus passava muito próximo das pessoas, faltando pouco para atropelá-las. Não entendi o porquê de não utilizar o acesso pela rodovia, uma via asfaltada, bem menos íngreme e sem pedestres circulando. [...] Até agora, o maior desrespeito direto aos direitos humanos realmente é no trânsito por que coloca em risco a vida dos romeiros. As pessoas, de moto ou de carro, não utilizam a sinalização do veículo. Os romeiros prestam atenção no semáforo, se ele abre no meio da passagem eles correm. Se fecha, eles esperam. Mas os motoristas realmente não colaboram. É o pior que se vê (Diário de campo).

Figura 37 – Romeiros no ônibus em direção ao Horto



Fonte: Vieira, 2017.

Estamos caminhando pela rua São José, para visitarmos as casas do Padre Cícero e, após, a capela do Socorro. Como essa rua é uma parte da cidade que não tem muito trânsito aqui próximo da matriz, deveria ser naquela pedrinha de Barbalha, não era para ter trânsito nessa época, os motoristas passam e quase atropelam a gente, de novo eu quase fui atropelada aqui, imagine quem não é acostumado a esse trânsito (Diário de campo).

Figura 38 – Trânsito na rua São José



Fonte: Vieira, 2017.

No que tange aos paus de arara, durante a pesquisa, consegui identificar apenas dois nos espaços que foram visitados, apesar do Código de Trânsito brasileiro – CTB⁶ – não autorizar a utilização deste tipo de veículo que põe em risco a segurança dos passageiros e da rigorosa fiscalização por parte dos órgãos de trânsito.

⁶ Art. 107. Os veículos de aluguel, destinados ao transporte individual ou coletivo de passageiros, deverão satisfazer, além das exigências previstas neste Código, às condições técnicas e aos requisitos de segurança, higiene e conforto estabelecidos pelo poder competente para autorizar, permitir ou conceder a exploração dessa atividade.

Figuras 39 e 40: Paus de arara em Juazeiro do Norte durante a Romaria de Finados 2017



Fonte: Vieira, 2017.

5.3.3.2 Esgotos e limpeza pública

Um dos aspectos mais destacados durante as entrevistas foram os esgotos a céu aberto. Isso porque na cidade natal dos romeiros o existe esgotamento sanitário. Então, para eles é algo incomum e que negativamente chama muita atenção. Outro aspecto observado diz respeito a quantidade de lixo pela cidade e a ausência de agentes de limpeza pública e de cestos de lixo para manter a cidade limpa.

Bosselmann (2015, p.147,148 e 149) chama a atenção para o fato de que a proteção ao meio ambiente é

parte vital da doutrina contemporânea dos direitos humanos, pois é *sine qua non* para numerosos direitos humanos, como, por exemplo, o direito à saúde e o próprio direito à vida. Não há muita necessidade de aprofundar isto, já que o dano causado ao meio ambiente pode comprometer e minar todos os direitos humanos mencionados na Declaração Universal e outros instrumentos de direitos humanos. [...]Uma possibilidade é insistir na superioridade da moralidade. O argumento é que os direitos humanos refletem fundamentalmente a dignidade e a vida humana como valores supremos da civilização moderna. Portanto, não seria aceitável rejeitar a proteção de direitos humanos devido ao seu caráter individual. Ameaças gigantescas à dignidade e à vida humana terão de ser consideradas violações de direitos humanos individuais.

Os problemas ambientais de esgotamento sanitário e limpeza pública implicam diretamente nos direitos humanos tanto dos moradores quanto dos romeiros de Juazeiro do Norte. Uma observação quanto aos esgotos foi realizada antes mesmo do questionamento na entrevista por uma das romeiras:

Uma coisa que eu lembrei agora, ontem Raiana me viu conversando com alguns romeiros, ela não é de falar muito, mas falou: “Eu reparei que os esgotos daqui são

todos a céu aberto, né?” Um comentário bem específico, por que ela vem de uma cidade pequena e veio estudar na cidade, chega aqui em Juazeiro, tem uma expectativa, chega aqui é desse jeito. Além disso, o local de hospedagem é próximo a linha férrea na qual os esgotos são abertos de ambos os lados além de ter muito lixo acumulado, acredito que chama muita atenção de todos (Diário de campo).

Figura 41 – Esgoto a céu aberto ao lado da linha férrea no primeiro dia de romaria



Fonte: Vieira, 2017.

No último dia de romaria, o mesmo cenário da figura anterior já apresentou pioras. A quantidade de lixo e de esgotos transbordando se intensificou.

05h22min e estamos indo à missa de finados nos Franciscanos que é aqui pertinho, onde tem a despedida dos romeiros. No caminho nos deparamos com muito lixo e com os esgotos cheios (Diário de campo).

Figura 42 e 43 – Esgoto a céu aberto e montes de lixo



Fonte: Vieira, 2017.

A quantidade de lixo acumulado na cidade mostra que inexistente uma eficiente forma de coleta durante a romaria. Ressalte-se que inúmeras vezes é observada a falta de cestos de lixo na cidade, o que favorece seu acúmulo em via pública.

Figura 44 – Lixo acumulado em calçadas



Fonte: Vieira, 2017.

Dentro da igreja vi alguns cestos de lixo, mas na parte do comércio que a gente andou não visualizei. Tem muito lixo na rua, inclusive o rapaz que está conosco, Cleilton, estava bebendo um refrigerante e, quando terminou, não achou lixeira pra jogar a latinha. Acabou jogando no chão. Apenas observei, vi e ouvi ele falando que não encontrava cesto de lixo e, então, ia deixar ali no chão mesmo. Dentro da igreja, apesar de ter cestos de lixo, está bem sujo. Tem muito lixo espalhado no chão. Mas fora da igreja, não tem cestos de jeito nenhum, em lugar nenhum (Diário de campo).

Figura 45 – Lixo no interior da Igreja de São Francisco das Chagas



Fonte: Vieira, 2017.

Tem muito lixo, muito mesmo. E não tem cestos de lixo, não tem saco de lixo, não tem ninguém recolhendo como na Romaria das Candeias. Não tem não ninguém recolhendo lixo não. O clima é escaldante. Na praça, de um lado tem um grupo de peruanos cantando, do outro o pessoal da igreja, acredito ser da carismática, falando. A poluição sonora também é intensa. [...] Foi bem interessante o que Tiquinha falou,

quando a gente chegou em frente a Capela de São Vicente, perto do Socorro, antes de tomar café ela disse: “Eita como aqui tá limpo, a vista dos outros ano aqui tá é limpo esse ano, que a gente passava e era lixo que não se acabava, esse prefeito é bom?” Aqui no memorial também está relativamente sujo, eu acho que se tivesse mais cesto de lixo... Mas não tem cesto de lixo em canto nenhum! Tem garrafa no chão, tem pouco, mas tem garrafa, sacola, papelzinho, mas muito menos do que eu esperava encontrar. [...] Não tem policiamento ativo nas ruas. Os policiais que eu vi estavam dentro das viaturas quando estávamos subindo para o horto no ônibus. A segurança é carente. Fica visível a ausência de planejamento para recepção dosromeiros, para melhorar a estrutura e organização da cidade. Por que se tem mais pessoas, precisamos de mais gente garantindo a segurança, a higiene, a saúde, e não está transparecendo isso não, tem muito lixo... muito lixo acumulado nas ruas do centro. Acredito que pode ser dia de coleta de lixo aqui no centro, tem muito lixo na frente das lojas, mas tem muito lixo é na rua. Agora eu estou vendo um rapaz da limpeza pública aqui em frente a prefeitura com um carrinho fazendo um recolhimento, varrendo, mas até a própria praça da prefeitura está cheia de garrafas, de papel, apesar de ter cestos de lixo aqui. Mas por onde eu andei, procuramos lixeiro para descartar corretamente o lixo e não achamos em lugar nenhum. [...] Tem muito lixo, muito mesmo. E não tem cestos de lixo, não tem saco de lixo, não tem ninguém recolhendo como na Romaria das Candeias. Não tem não ninguém recolhendo lixo não (Diário de campo).

O problema do trânsito caótico na cidade compromete inclusive a coleta de lixo, já que os caminhões não conseguem ter acesso a todas as vias. Devido a tal fato, presenciamos um agente de limpeza urbana utilizando de um carrinho de mão para realizar a coleta de uma via congestionada.

Vi um agente de limpeza pública carregando o lixo em um carrinho de mão, acredito que não dá pra o caminhão do lixo passar, por isso ele deve estar fazendo a coleta dessa forma (Diário de campo).

Figura 46 – Agente de limpeza urbana realizando a coleta de lixo com carrinho de mão.



Fonte: Vieira, 2017.

Em um determinado momento me surpreendi diante da aparente limpeza no centro da cidade. Entretanto, a surpresa foi bem maior ao encontrar um bueiro cheio de lixo até a borda.

Reparei alguns lugares com menos lixos, fiquei surpresa pois achei que estariam mais sujos. Mas para minha surpresa, descobri o lixo escondido debaixo do tapete, ou

melhor, dentro dos bueiros. Fiquei imaginando comigo mesma se chovesse, por onde a água fluiria já que estavam cheios de lixo? Foi deprimente essa falsa sensação de que algo poderia estar melhor (Diário de campo).

Figura 47 – Bueiro no centro da cidade com lixo em seu interior



Fonte: Vieira, 2017.

5.3.3.3 *Desrespeito ao humano*

Refletir sobre direitos humanos é, antes de tudo, defender a dignidade humana como valor fundamental. De acordo com Barroso (2015, p. 285),

Valores, sejam políticos ou morais, ingressam no mundo do Direito, assumindo, usualmente, a forma de princípios. A dignidade, portanto, é um princípio jurídico de status constitucional. Como valor e como princípio, a dignidade humana funciona tanto como justificação moral quanto como fundamento normativo para os direitos fundamentais. Na verdade, ela constitui parte do conteúdo dos direitos fundamentais.

Muitas vezes, este princípio norteador, basilar, do nosso ordenamento jurídico deixa de ser observado em face de interesses superiores a valorização do humano, tais como interesses econômicos. Algumas vezes, o desrespeito à dignidade humana é gerado simplesmente pelo desejo do oprimido em se tornar opressor (FREIRE, 2015).

Hoje amanheceram dizendo: “Não, nós não vamos beber mais não, tá bom já tá bom”. O céu estava nublado, então eu comentei: “Oxe, e tá é nublado?” Então eles falaram que alguém disse que ia chover daqui para amanhã. Eu disse: “É, realmente toda vida que os romeiros vão embora chove”. Então, um dos romeiros farristas afirmou: “É pra limpar a sujeira que eles deixam, limpar o lixo que eles deixam”. Mas falou num tom de desprezo, ele mesmo desprezando o grupo dele, não sei... Como estávamos com outras pessoas, não quis perguntar nada pra não constranger, já que eu estou mais

observando e quando me cabe eu faço alguma pergunta mais profunda. Mas também, ninguém comentou essa fala dele (Diário de campo).

Esta passagem durante a romaria foi extremamente expressiva do preconceito que existe perante o romeiro pelos próprios romeiros. Para Chacon (2007, p. 66) o homem ao se ver como ser superior, mesmo diante de outros homens, é um sinal de arrogância e despir-se dela “é o primeiro passo para entender que os limites que a natureza e a própria condição humana impõem precisam ser respeitados”.

Muitas vezes, a fé, um instrumento de luta e resistência dos romeiros, também revela seu lado mais frágil. Conversando com uma das romeiras caianenses, ela revela, apesar da simplicidade de da pouca condição financeira, ajudar inúmeras igrejas católicas distintas, inclusive a Igreja do Bom Jesus do Horto, que há muitos anos, ainda está em fase de construção, mesmo com tanta ajuda financeira dos fiéis.

Ontem também quando a gente estava lá no horto, eu lembro de Dona Josa dizendo que era “romeira da Mãe das Dores cadastrada”, que tinha um “carnezinho” para pagar todo mês, e todo mês paga um valor para ajudar na construção da Igreja do Bom Jesus do Horto. Ajuda também a Igreja das Mãos Ensanguentadas de Jesus, acredito que seja a igreja de São Paulo. Lá onde ela mora falou que o padre se incomoda com isso pois na opinião dele ela deveria ajudar a igreja do local onde mora. Dona Josa desabafou: “Mas a gente quer, a gente tem que ajudar as igrejas ‘tudin’”. Pareceu que o padre não gostou muito do fato do dinheiro de uma de suas fiéis ir para outras igrejas, por que ela disse que pagava o dízimo também. Acho que o padre queria que ela pagasse mais dízimo! Incomoda porque Dona Josa é muito simples, muito humilde, vem de carro gratuito, percebemos por suas roupas, pelos seus hábitos que se trata de uma pessoa simples. E ouvir que ela paga carnê, ajuda na construção da igreja Bom Jesus do Horto, e ninguém vê retorno, melhorias... É revoltante! (Diário de campo).

Em alguns momentos, o que se tem impressão é que o romeiro deve ser explorado, enganado, que serve de instrumento para que outras pessoas consigam atingir seus objetivos. Foi essa a impressão quando uma senhora que, pedindo esmolas, revelou mentiras deslavadas aos romeiros caianenses.

Eles estão admirados com o tanto de gente que passa pedindo e as mentiras que inventam para pedir dinheiro. Uma senhora passou por nós afirmando ter feito uma cirurgia na cabeça, então Junior deu a esmola. Um quarteirão depois ela veio pedir novamente já com outra história. Daí ele perguntou se ela já tinha ficado boa da cabeça. Ela disse, ah eu já te pedi né, sorriu e saiu! Eles ficaram abismados com a mentira e a má-fé da senhora. Os preços dos produtos bem caros, tudo caro, tudo aumentado o valor, e o atendimento ruim, desorganizado, tudo isso eles percebem e se incomodam. Fomos tomar café da manhã em um quiosque na praça do Memorial/Socorro. O pedido demorou 40 minutos para chegar, e não tinha muitos fregueses. Era pedidos simples: tapioca com queijo e ovo, cuscuz, café, refrigerante, coisa que geralmente é muito rápida (Diário de campo).

5.3.3.4 Falta de organização da cidade para o evento romaria

De modo geral, o que pode ser claramente evidenciado é a falta de planejamento por parte do poder público para o período de romaria. São vários elementos a serem considerados em virtude da grande quantidade de visitantes na cidade: reforço na segurança, na fiscalização do trânsito, na limpeza pública, ou seja, tudo que deixou a desejar conforme demonstrado na pesquisa.

Para Vieira (2015, p. 56 e 60),

“as cidades precisam ser analisadas de maneira holística e plural, a partir de uma perspectiva multidisciplinar, reflexiva e crítica que compreenda que o bem-estar e a qualidade de vida disponível àqueles que vivem nas cidades é um direito humano fundamental. [...] Tal paradigma expressa o dever-poder estatal, notadamente as municipalidades, de garantir o que se pode denominar de o mínimo existencial aos habitantes das cidades, mínimo de: infraestrutura, saúde, educação, emprego, habitação, mobilidade, lazer, entre outros. Destarte, garantindo-se o mínimo ao cidadão, garantir-se-á o respeito à sua dignidade, reforçando-se o entendimento de que se está diante da busca pela efetivação dos direitos humanos.

A garantia do mínimo existencial amplia-se aos romeiros diante da valorização do humano revelado pelo princípio fundamental da dignidade humana. Dessa forma, urge a necessidade de se buscar uma maneira de agir diferente do modo baseado no lucro, é necessário buscar um desenvolvimento sustentável no âmbito da cidade no qual os “direitos básicos devem ser proporcionados, tais como o direito à água, ao abrigo, à alimentação, à saúde, à educação, entre outros” (BARBOSA, 2008, p. 9).

Problemas quanto à falta de organização para recepção da grande quantidade de romeiros nos espaços de culto religiosos, de infraestrutura das vias, de organização do trânsito, de falta de segurança, de falta de apoio aos romeiros deixam transparecer que não existe no âmbito municipal e na igreja uma preocupação em acolher bem os romeiros em todos os aspectos, encarando a romaria como um evento que modifica toda a estrutura e realidade de Juazeiro do Norte.

Reparei que algumas pessoas levavam banquinhos de plásticos. Perguntei a Ana Clara o porquê. Ela me disse que “é pra sentar lá no Juazeiro, na missa, porque tem muita gente”. Aqui notei a falta de organização da cidade para receber estas pessoas, que muitas vezes vem de tão longe, mas precisam trazer até um banquinho para garantir um lugar para sentar na missa, para exercer a fé no padre Cícero, energia que os move? Quando chegamos, paramos na avenida Padre Cícero, próximo ao Hiper. Devido as ruas e o difícil acesso, o ônibus não pôde nos deixar na casa da minha avó. Tivemos que ir em um carro pequeno, eu e mais quatro pessoas: Ana Clara, Tereza, Fátima e Cleilton. Fica nítida a falta de infraestrutura das ruas e o acesso. A Rua Todos os Santos, onde reside minha avó, se tornou via de mão única. Porém o trecho desta rua entre a Avenida Castelo Branco e a Avenida Carlos Cruz, tem esgotos muito fundos. Quando o veículo passa, geralmente tem que ser muito devagar para não prejudicar a

estrutura inferior do veículo. Sempre tem carros estacionados dos dois lados da rua, o que atrapalha bastante o fluxo do trânsito. O carro nos deixou na casa da minha avó, onde o grupo que irei acompanhar se hospeda. [...] Chama a atenção não ter um horário determinado, ao menos na época de romaria, para carga e descarga, assim como ocorre nas grandes cidades. Ou um rodízio de veículos dos moradores de Juazeiro do Norte, em virtude da grande quantidade de veículos dos romeiros que chegam a cidade. Falta de aplicação de estratégias que já são utilizadas há muito tempo em outros municípios. [...] Acabei de presenciar uma cena que me causou muita revolta: um carro pipa está aguando as plantas dos canteiros próximo ao memorial Padre Cícero, neste horário, num trânsito caótico. As pessoas estão com muito calor, poderia haver uma distribuição de água mineral ou a água tratada da Cagece, que vem em copos e garrafas individuais. Além disso o carro pipa, interditou a rua piorando ainda mais o trânsito. Mais uma vez, nenhum agente do Demutran. [...] Não tem ninguém para dar assistência aos romeiros, caso se perca, passe mal, ou seja furtado. Não vi agente de Demutran, não vi ninguém de Prefeitura, não vi lixeiro, não tem ninguém aqui dando assistência, ninguém. [...] Exatamente as 16:30, estamos no horto: não tem um guarda, um policial, uma pessoa para dar assistência. As mesas e barracas da igreja estão sem pessoal para dar informação. Só tem muitos vendedores, muitos fotógrafos oferecendo serviços, muitos pedintes. Não tem ninguém para dar apoio aos romeiros. [...] Vi aqui agora um pessoal da guarda municipal, 3 guardas municipais, a primeira vez que eu vejo eles em algum lugar. As orientações aos romeiros são apenas no final da missa, é feita a leitura de um texto previamente produzido que inclusive foi utilizado na romaria das Candeias, impresso em panfletos e leques de papel. Nesta romaria não vi ninguém distribuindo nada. Não tem um grupo para ajudar, nem tem pontos de apoio. Não identifiquei isso por onde passamos, só na igreja, dentro dela, mas em outros lugares não. Cadastro de romeiro só se eles mesmos forem procurar na sala de romeiro, para se cadastrarem. Não existe um pensamento de criar, por exemplo, um aplicativo que registrasse pelo cpf, os romeiros que vem para a cidade porque aí sim teríamos a certeza de quantas pessoas vem, talvez não tivesse nem por causa das crianças, mas se tivesse algo do tipo já saberia pelo menos um número próximo a quantidade de pessoas que vem para, pelo menos, se preparar melhor (Diário de campo).

Percebe-se a necessidade de se buscar a sustentabilidade como fundamento para analisar o fenômeno da romaria em seus vários aspectos no intuito de que o romeiro possa ser bem acolhido e ter uma estadia agradável na cidade. Para Barbosa (2008, p. 9),

A sustentabilidade urbana é definida por Henri Acselrad como a capacidade das políticas urbanas se adaptarem à oferta de serviços, à qualidade e à quantidade das demandas sociais, buscando o equilíbrio entre as demandas de serviços urbanos e investimentos em estrutura (ACSELRAD, 1999). No entanto, também é imprescindível para a sustentabilidade urbana o uso racional dos recursos naturais, a boa forma do ambiente urbano baseado na interação com o clima e os recursos naturais, além das respostas às necessidades urbanas com o mínimo de transferência de dejetos e rejeitos para outros ecossistemas atuais e futuros.

5.4 “Adeus meu Padrinho Cícero, que já vou me retirar”: A volta à terra natal.

Após tantas experiências durante tão poucos dias, é chegada a hora do retorno a cidade de São José de Caiana. Os romeiros organizam suas bagagens com as compras feitas em Juazeiro, tomam um último café enquanto aguardam seus transportes. Quem vai de carro

próprio, após os agradecimentos e desejos de voltar ano que vem, partem logo após a missa de finados, que se encerrou por volta das seis horas da manhã.

O clima de despedida e a tristeza em deixar aquele local visto como sagrado é por alguns sujeitos da pesquisa exteriorizado por meio de emoções. Apesar de ainda serem necessárias tantas melhorias para que se torne um lugar melhor, Juazeiro do Norte permanece no imaginário desses sujeitos como “um pedacinho do céu”. Duas romeiras, durante diálogo antes da partida revelam sua tristeza em deixar a Terra Santa do Santo Padre Cícero:

- E quando chega assim a hora de ir embora o que é que vocês ficam pensando?
 - A gente sente tristeza de voltar
 - É?
 - Mas sente a alegria também que vai ficar com a família
 - Arram, já dá uma saudade é?
 - É
 - E as pessoas lhe tratam bem aqui em Juazeiro?
 - Ave Maria, com todo amor
 - Quer dizer que quando chega essa hora já dá uma tristeza?
 - É a gente já vai se sentindo diferente pra sair (lágrimas)
 - Os olhos já vão ficando cheio d’agua?
 - É, por que a gente é bem acolhido, eu amo aqui, amo minha terra, mas eu amo Juazeiro do meu “Padim”!
 - E que amor é esse tão grande por Juazeiro?
 - A fé que a gente tem nele
- (Entrevistado 5 – Dados da pesquisa)

[...]

- E quando vai chegando a hora de ir embora, o que que passa pela cabeça?
 - Uma tristeza passa na cabeça, a gente desejava continuar mais uns dias, a gente fica morta de saudade, só lembrando... (risos e lágrimas) Mas é... é bom demais aqui!
- (Entrevistado 9 – Dados da pesquisa).

Após a despedida, também me conduzi a cidade caianense em companhia dos romeiros, voltando no mesmo ônibus que nos trouxe a Juazeiro do Norte. O ônibus estava limpo, os passageiros todos sentados em seus devidos lugares, porém as pessoas apresentavam as mesmas características da saudade em partir de Juazeiro. Estavam mais quietos e compenetrados, o cansaço da viagem também se manifestava.

Na volta, voltei com Tiquinha no mesmo ônibus que me trouxe. O motorista foi novamente nos pegar e levar para o local onde o ônibus estava. Esperamos cerca de uma hora para iniciar a viagem de volta. Reparei no semblante de todos o cansaço, mas um cansaço de satisfação. Ao mesmo tempo um ar de tristeza por ter que ir embora. A volta foi bem mais tranquila, eles conversarem bem menos. Eu estava muito cansada, acabei dormindo alguns trechos da viagem. Quando chegamos em São José de Caiana era mais ou menos 12h. Seguimos para a casa de Tiquinha onde almocei, agradei por toda a ajuda, e voltei para Juazeiro (Diário de Campo).

Figura 48 – Retorno a cidade de São José de Caiana/PB



Fonte: Vieira, 2017.

Quando chegamos a São José de Caiana agradei ao motorista que foi muito solícito em se dispor para qualquer outro serviço. Dirigi-me para a casa que me acolheu no início da pesquisa, onde almocei e retornei a Juazeiro após esta curta e intensa jornada de pesquisa.

Antes de sair de Juazeiro do Norte um comentário de um dos sujeitos me despertou curiosidade. Talvez, até mesmo sem saber, ele me indagou a respeito da sustentabilidade das romarias em Juazeiro do Norte diante das futuras gerações e dos novos rumos que a sociedade contemporânea está traçando

Eu achei muito interessante algo que Junior veio me perguntar ainda na casa de minha avó, antes de irmos embora: “Isabelle, me diga uma coisa! Daqui a uns 50, 80 anos, ainda vai ter romaria?” Eu respondi: “Rapaz eu acho que pode ser que sim, pode ser que não... o que é que você acha?” Ele disse: “Rapaz eu acho que não vai ter mais não, por que ó: por exemplo, Cirilo já disse que esse ano já veio bem menos gente do que ano passado”. João, que estava do lado dele disse: “Não, mas é por causa do transporte, que não pode mais vim pau-de-arara, se pudesse vinha mais gente”. Então Junior afirmou: “Olhe, pois lá em Itaporanga, todo dia 20 tem a procissão do Padre Cícero, lotava a cidade todinha! Pergunte hoje em dia quantas pessoas “dá”, se der 400 é muita! Agora bote um Rock’in Rio, bote um forró pra vê se num enche! Os jovens num vem não, o povo não tá vindo não, daqui a uns dias acaba a romaria, vai acabar”. Será? (Diário de Campo).

Já denotamos que para as novas gerações a romaria em si não é suficiente, outros atrativos locais como balneários, shoppings, clubes também são levados em conta. O que fazer para continuar com a romaria, continuar com a tradição e continuar a trajetória do Padre Cícero e de sua cidade perante as futuras gerações?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi, em si, acima de tudo, um processo de aprendizagem. Aprendizagem sobre o local onde vivo, sobre minha cidade e sobre a mística que permeia este espaço, fatos até então tidos como tão corriqueiros que, pode-se dizer, beiravam a irrelevância. Ante de tudo a pesquisa serviu como uma grande análise de como estamos vivendo, me serviu como um momento para enxergar o outro, para compreender o outro, e nesse dar-se, como diz Boff, pude receber tanto além do que previa na pesquisa.

Ao conhecer um pouco a respeito da percepção daqueles romeiros sobre a cidade de Juazeiro do Norte e sobre a figura mística do santo popular, Padre Cícero, verifiquei que o romeiro tem fé, acredita no Padre como um ser divino e tem a sua cidade um respeito imenso. Pelos depoimentos de alguns sujeitos, alguns transcritos em diário de campo, pude verificar como esta fé no padre e em Juazeiro é passada de geração em geração, como um ensinamento positivo, como algo que deve ser continuado, uma forma de gratidão pelos ascendentes que conseguiram graças, que vivenciaram suas primeiras romarias na origem do evento.

Apesar da cidade deixar a desejar, os espaços são tidos como sagrados, mesmo abarrotados de lixo, sejam praças públicas, vias públicas ou sejam igrejas. A falta de infraestrutura nestes locais, a falta de cestos de lixo, que não contam com segurança necessária, com agentes de trânsito em quantidade suficiente ou de agentes de limpeza pública garantindo ao menos a coleta do lixo, relevam a falta de organização para recepção dos romeiros.

O romeiro estigmatizado como pobre, miserável, realmente não pensa duas vezes antes de vir a Juazeiro. Suas viagens lembram mochileiros que viajam com pouca bagagem e pouco dinheiro. Mas isso não significa que eles não precisem ser bem recebidos na cidade.

O descaso com os romeiros se demonstra, inclusive, pela ausência de uma contagem oficial para fins de bancos de dados, seja do poder público, seja da igreja. Caso existissem, esses dados serviriam como uma boa base para a quantificação de pessoal necessário a ser recrutado para trabalhar durante as romarias, seja na Igreja, seja no serviço público, podendo inclusive ser um fator de geração de renda, caso se verificasse, por exemplo, a necessidade de contratação de trabalhadores temporários para a época da romaria. Não podemos deixar de citar que a igreja faz o cadastro dos romeiros que se direcionam para uma sala específica para isso na Basílica de Nossa Senhora das Dores. Mas e os que não vão, os outros inúmeros, como o grupo que acompanhei, que tem o tempo curto para fazer tantas coisas na cidade?

Os espaços de Juazeiro do Norte não apresentam infraestrutura, segurança, pessoas para dar informação, atendimento de saúde devido à imensa quantidade de pessoas, etc.

Verificando tais fatos, podemos perceber que não há como os direitos humanos dos romeiros serem respeitados. É certo que presenciei pessoas da cidade os tratando bem, dando inclusive recomendações de cuidado com bolsas e objetos de valor, com assalto, etc. Mas o que está no meio em que eles circulam mostra isso suficientemente. Não há dignidade sem segurança, higiene e saúde.

Dessa forma, a necessidade de se dedicar a este evento que tornou a Juazeiro do Norte o que é hoje, para os moradores, poder público local e igreja é uma questão de tradição e honra a memória daqueles que fizeram tanto pela cidade: o Padre Cícero e seus romeiros. Não se pode deixar passar fatos tão graves como os que foram observados nesta pesquisa. Se quiserem tornar a romaria sustentável para a futuras gerações, a fé não será o único elemento para ser observado. As pessoas precisam se sentir motivadas para vir à cidade. O Padre Cícero é o grande motivo, porém não o único. Vimos romeiros que buscaram o comércio, que buscaram diversão em balneários, em restaurantes. Ouvimos também alguns dos sujeitos da pesquisa comentando que a cada ano a quantidade de fiéis está diminuindo. Se a cidade não tiver atrativos para somar a tradição da fé no Padre Cícero, se práticas de inovação na forma de tratar o evento romaria e o romeiro não forem tomadas, possivelmente elas deixem aos poucos de ocorrer, como bem observou um dos sujeitos da pesquisa, já no último dia da romaria.

A cidade precisa melhorar, instituições públicas e igreja precisam se dedicar mais ao evento, buscando espaços de convivência limpos, com informantes, seguranças, técnicos de enfermagem. É preciso também outros meios de se mudar a visão da romaria por parte de muitos que residem na cidade, desenvolvendo políticas públicas de incentivo e preparação para a chegada dos romeiros, rodízio de automóveis, limitação do horário de carga e descarga, práticas educativas no trânsito para se dar preferência aos pedestres romeiros, etc. Ou seja, meios que desenvolvam o respeito ao outro, esses outros fundamentais para a história da cidade. As pessoas da cidade, que aqui vivem, de todas as idades, precisam aprender sobre a fé dos romeiros, da mística que envolve o local em que vivemos, que muitos deixam passar despercebida, assim como eu.

Só assim, poderá a cidade de Juazeiro se tornar um espaço sustentável para a vivência das romarias.

REFERÊNCIAS

- ABUFAIAD, Lia Raquel Ventura Baptista. Ações Afirmativas: desenvolvimento e sustentabilidade. In: MATTOS NETO, Antonio José de (Org.). **Sustentabilidade e direitos humanos**: desafios para o desenvolvimento brasileiro no século XXI. Curitiba: Juruá, 2015. p. 93-112.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: Memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira**: estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.
- ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do padre Cícero**: trabalho e fé. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- BARBOSA, Gisele Silva. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, Macaé, v. 4, n. 1, p.1-11, jun. 2008. Semestral.
- BARROSO, Luís Roberto. **Curso de direito constitucional contemporâneo**: os conceitos fundamentais e a construção do novo modelo. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006. 2 v.
- _____, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BOSSERMANN, Klaus. **O princípio da sustentabilidade: transformando direito e governança**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2015.
- BRASIL, Adelia Alencar et al. Protagonismo Feminino no semiárido na perspectiva das dimensões da sustentabilidade: um estudo de caso da comunidade rural Baixio Grande, Assaré - Ce. In: CHACON, Suely Salgueiro; NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do; LIMA JUNIOR, José Ferreira (Org.). **Participação, protagonismo feminino e convivência com o semiárido**. Rio de Janeiro: Garamond, Iabs, 2015. p. 71-100.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federal .de 05 de outubro de 1988. **Vade Mecum**. 21. ed. São Paulo: Rideel, 2015
- BRASIL. Código de Trânsito brasileiro. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. **Vade Mecum**. 21. ed. São Paulo, SP: Rideel, 2015.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo.** 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

CARVALHO, Gilmar de. PADRE CÍCERO, CORDEL E XILOGRAVURA. In: CARVALHO, Gilmar de. **Onze vezes Joazeiro: tributo a Ralph Della Cava.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

CASTRO, Rogério Paiva. Romarias em Juazeiro do Norte: espaço e tempo das devoções populares. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da. **Vidas em Romaria.** Fortaleza: Eduece, 2016. p. 303-315.

CAVALCANTE, Anair Holanda. **A construção de práticas e saberes em saúde dos romeiros do “Padim Ciço”.** Fortaleza: IMEPH, 2011.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o Caminho das Águas: Políticas Públicas, Modernidade e Sustentabilidade no Semi-Árido.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

COMPARATO, Fábio Konder. **Afirmção histórica dos direitos humanos.** 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Estabelece normas para as pesquisas envolvendo seres humanos. **Resolução.** Brasília, DF, 24 maio 2016.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte.** Fortaleza: IMEPH, 2011.

CORDEIRO, Domingos Sávio. CORDEIRO, Maria Paula. Juventudes romeiras: a transição de referências culturais e religiosas entre gerações. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). **Vidas em Romaria.** Fortaleza: Eduece, 2016. p. 157-176.

CORDEIRO, Domingos Sávio. **Narradores do padre Cícero: muito mais a contar.** Fortaleza: Expressão, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, Émille. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Martin Claret, 2001

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Padre Cícero e Dom Fernando: uma relação que deu certo.** 2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 52. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Juarez. **Sustentabilidade: direito ao futuro.** 2. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio/jun. 1995. Bimestral. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira**: estudo psicológico da função de um "santo" no ccatolicismo popular. Fortaleza: IMEPH, 2011.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2003.

LAMBERT, Yves. **O nascimento das religiões**: da pré-história às religiões universalistas. São Paulo: Loyola, 2011.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti; CRESTANA, Maria Fazanelli; CORNETTA, Vitória Kedy. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização "Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU", São Paulo - 2002. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p.68-75, dez. 2003. Semestral. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902003000200007>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto**, Florianópolis, v. 2, n. 23, p.502-507, jun. 2014. Trimestral. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

LEITE, Carlos Henrique Bezerra. **Manual de Direitos Humanos**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MARÍN, Letícia; QUEIROZ, Marcos S.. A atualidade dos acidentes de trânsito na era da velocidade: uma visão geral. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 16, p.7-21, 2000. Trimestral.

MIRANDA, Davidson; FREIRE, Mônica Bahia Galante. Direitos humanos e sustentabilidade na perspectiva da solidariedade social. In: COSTA, Alexandre Bernardino; PINTO, João Batista Moreira. **Bases da Sustentabilidade: os direitos humanos**. Belo Horizonte: Edições DH, 2013.

MOISÉS, Cláudia Perrone. Direitos humanos e desenvolvimento: a contribuição das nações unidas. In: JÚNIOR, Alberto do Amaral; MOISÉS, Cláudia Perrone. **O cinquentenário da declaração universal dos direitos do homem**. São Paulo: Edusp, 1999.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. LIMA, Gercilene Oliveira de. Juventude romeira buscando a paz no encontro com Deus e com o outro. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). **Vidas em Romaria**. Fortaleza: Eduece, 2016. p. 157-176.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

QUEIROZ, Ivan da Silva. REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI CEARENSE, A METRÓPOLE FORA DO EIXO. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p.93-104, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mercator/v13n3/1676-8329-mercator-13-03-0093.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Em cada sala um altar, em cada quintal uma oficina: o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no cariri cearense**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

RIOS, Katiuzia. A (des) construção do romeiro do padre Cícero pela tevê. In: CARVALHO, Gilmar de. **Onze vezes Joazeiro: tributo a Ralph Della Cava**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/30176>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SEN, Amartya. **A ideia de justiça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, Francisco José da. Filosofia, religião popular e romarias, uma leitura dialética. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (Org.). **Vidas em Romaria**. Fortaleza: Eduece, 2016. p. 63-75.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. Tradução: Lólio Lourença de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Bruno Soeiro. Indicadores de sustentabilidade urbano-ambiental das cidades brasileiras no século XXI. In: MATTOS NETO, Antonio José de (Org.). **Sustentabilidade e direitos humanos: desafios para o desenvolvimento brasileiro no século XXI**. Curitiba: Juruá, 2015. p. 53-77.

WALKER, Daniel. **Pequena Biografia do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Cedic, 1994.

APÊNDICE A - TABELAS DE ENTREVISTAS COM OS ROMEIROS

Entrevistado	Motivo da Visita
Entrevistado 1	Fazer romaria e passear
Entrevistado 2	Por causa da estátua... do Padre Cícero, os lugares, sei lá!
Entrevistado 3	Eu visito por que eu... muita fé no Padre Cícero dai então eu faço as visitas todos os anos. Faço promessa, tem ano que eu venho pagar promessa. Como desse ano eu vim.
Entrevistado 4	"Mode" minha mãe.
Entrevistado 5	Por que eu tenho muita fé no Padrinho Cícero e Mãe das Dores.
Entrevistado 6	Por que uma vez Tião me chamou pra vim, vim, gostei, continuei andando.
Entrevistado 7	Pra andar, pra ir lá no Cristo, pra visitar.
Entrevistado 8	Por que eu acho muito bom a romaria e gosto muito de Juazeiro né, e isso já é tradição de meus pais que eles falavam que eles faziam romaria pra aqui, e eu tinha muita vontade de conhecer o Juazeiro, né?
Entrevistado 9	Porque eu confio tanto em "Padim Ciço", vir doente e voltar com saúde. Que eu tava tão doente a semana passada, que disse "eita meu Deus eu já sei que num vai dar certo eu ir não". Mas eu disse "Padim Ciço vai pedir a Deus e eles dois junto vai me curar". Oxi, quando disse assim, chegou o dia, num senti mais nada, parece que foi tirado com a mão, acho que foi "Padim Ciço" (riso) que tirou! Que eu tenho muita fé!
Entrevistado 10	Convite da namorada
Entrevistado 11	Ah, por que eu adoro Juazeiro, gosto de Juazeiro É um lugar religioso né, tem minhas promessas pra pagar aqui, né; ai família, né. Comércio bom pra gente comprar as coisas mais barato também, né?
Entrevistado 12	Eu vim acompanhar meus pais que vinheram a romaria, eu não vim exatamente pra romaria, mas eu ainda passei uns dois dias, né, pra romaria, por que a gente veio pra o parque aquático, mas acompanhando meus pais.
Entrevistado 13	Por que eu gostei né... é por que eu gostei de vir.
Entrevistado 14	É promessa, as vezes os meninos saem assim ai a gente vem acompanhando também o pessoal.
Entrevistado 15	Por que desde os meus pais, por ele veio desde o ano de 35,36... por ai assim, a muitos anos atrás, ele já contou o milagre de Padre Cícero. Toda vida ele ensinou a nós assim, ele dizia: olhe, já visitei Juazeiro duas vezes e foi um milagre na minha vida! Ele foi dizendo a nós, ele dizia: olhe, Padre Cícero é um padre santo, Juazeiro é um pedacinho do céu!
Entrevistado 16	Eu venho é por que assim é do tempo do meu pai de quando a gente era mais novo, a gente vinha mais ele né, e ele tinha esse negócio de vim pro Juazeiro que tinha a romaria e eu gostava de vim mais ele, desde pequeno que eu vinha. Meu pai trazia, a gente ficava hospedado. Ai depois eu um dia, eu fiquei adulto mesmo, depois que eu me casei, meu pai faleceu e eu digo: eu vou fazer a romaria de Juazeiro.
Entrevistado 17	Vim passear e visitar as igrejas e vocês que é de meu povo!

Entrevistado	Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando pensa em Juazeiro?
Entrevistado 1	Rezar.
Entrevistado 2	O Padre Cícero.
Entrevistado 3	Sempre eu penso na estátua, nas igrejas e de rezar.
Entrevistado 4	Padre Cícero.
Entrevistado 5	Pedir a benção e a paz.
Entrevistado 6	Padre Cícero, romaria do Padre Cícero.
Entrevistado 7	No horto.
Entrevistado 8	Penso em coisa boa, né? Assim, gosto do Juazeiro, penso muita coisa do Padre Cícero, pra ver as coisas e quando está ficando já vem aquela vontade de vir a Juazeiro que eu acho muito bom Juazeiro, conheço de tudo no Juazeiro, eu acho bom.
Entrevistado 9	Só penso em tudo de bom, que aqui é mesmo que ser o céu (risos).
Entrevistado 10	Padre Cícero.
Entrevistado 11	Pagar minhas promessas.
Entrevistado 12	Padre Cícero.
Entrevistado 13	Lembro de Padre Cícero.
Entrevistado 14	Da romaria.
Entrevistado 15	Primeiramente Deus, segundo Padre Cícero, né, por que a gente quando vem aqui vem visitar ele.
Entrevistado 16	Padre Cícero.
Entrevistado 17	A gente só lembra da romaria, a gente lembra do povo sempre com o pensamento em Padre Cícero, né, e Nossa Senhora das Dores.

Entrevistado	Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando pensa em Padre Cícero?
Entrevistado 1	Pedir a ele pela minha saúde, pela minha família, pedir pelos doentes e 'pros' que precisam.
Entrevistado 2	A casa dele.
Entrevistado 3	Ah, quando eu penso no Padre Cícero eu ... as vezes quando eu tô assim doente ai eu faço uma prece, ai quando é na época eu venho pagar.
Entrevistado 4	Vem que foi um ótimo padre, que incentivou muito as pessoas.
Entrevistado 5	Que ele é santo.
Entrevistado 6	Rezar.
Entrevistado 7	De reza, de oração.
Entrevistado 8	É de... as coisas que ele fez, né? As coisas que ele fez dentro de Juazeiro que você vê como é a historia que fala de Padre Cícero que quando ele chegou aqui em Juazeiro era bem miudinho, era uma vila e hoje está grande cidade como meu pai falava que quando vinha pra aqui era uma vilazinha. Essa linha de trem ficava no meio dos matos, e hoje já está uma cidade maior que já passou de tudo, já está emendando em Crato. Isso ai foi poder do padre Cícero, que faz essa romaria por certo tem algum poder da força de Padre Cícero é isso que eu penso, as coisas boas que padre Cícero fez.
Entrevistado 9	Eu penso que ele está vivo e está santo pra olhar todos os romeiros que chegam aqui em Juazeiro e dar saúde e felicidade.
Entrevistado 10	Fé das pessoas, a religiosidade das pessoas.
Entrevistado 11	Quando eu penso em Padre Cícero as portas se abrem, assim, por que a minha fé é muito grande, né? Só em eu pensar nele o meu coração já enche de esperança, muita fé, tenho muita fé nele.
Entrevistado 12	Fé.
Entrevistado 13	Frei Damião.
Entrevistado 14	Deus.
Entrevistado 15	O santo nordestino.
Entrevistado 16	Quando eu penso em Padre Cícero... coisas boas, tudo que é bom, por que a gente que acredita, né, que Padre Cícero já é um santo, né, pode não ser o santo mais a gente acredita, a gente só pensa em coisa boa. Pensa em coisa que vem de Deus, né? Primeiramente de Deus, segundo os apóstolos dele, né? As pessoas de Deus, né? Ai a gente tem aquela fé e é com aquela fé a gente fica "comprimi" e vai levando a vida, tem gente que acha que não, mas o meu, minha pessoa mesmo, eu considero Padre Cícero como um santo, então é isso!
Entrevistado 17	Ah eu também não sei dizer, tantas pessoas que a gente lembra!

Entrevistado	O que Juazeiro tem de bom?
Entrevistado 1	A estátua e a igreja Matriz.
Entrevistado 2	Assim, eu acho bonito a igreja dai que a gente foi segunda, os franciscanos; O shopping, E o Padre Cícero.
Entrevistado 3	Ah, Juazeiro eu acho muita coisa boa, o pessoal recebe bem... A gente vem aqui pra fazer uma compra tem o preço melhor do que lá em nós né, ai tudo que eu vejo aqui eu acho, tudo eu acho bom.
Entrevistado 4	Muitos lugares turísticos, "pro cara" ir visitar, a estátua do Padre Cícero, a igreja.
Entrevistado 5	Tudo de bom, graça, "bença", acolhida.
Entrevistado 6	Pra mim o que tem de bom é só a romaria mesmo, vem pra rezar, uma vez no ano, só.
Entrevistado 7	De reza, de oração.
Entrevistado 8	Bem dizer tudo que eu acho né assim de... Tudo, por que o povo onde o caba... As pousadas que o caba fica tudo é bom, só mais ruim de juazeiro somente a quentura mas o resto, água boa, tudo é bom.
Entrevistado 9	Tudo de bom, as coisa mais barata mais favorável, quando a gente pensa que tá quente já dá uma esfriada, o pensamento da gente vai errado e Jesus tira todos aqueles erros e bota felicidade.
Entrevistado 10	Assim, eu acho interessante essa fé que as pessoas tem nele, de pagar promessa, muita fé, né? Eu acho interessante isso ai.
Entrevistado 11	Se eu for dizer leva muito tempo, mas eu vou dizer geral. As coisas aqui tudo é boa, né? Muito bom, o mais de melhor pra mim é a romaria, né, por que a gente vem pra romaria através das nossas promessa, fé, mas a família também é muito importante.
Entrevistado 12	Acho a cultura, o que mais... Cultura, lazer, família.
Entrevistado 13	Tudo. As missas, né, que a gente assiste, os passeios que a gente faz por aqui.
Entrevistado 14	Se eu for dizer o que tem de melhor ai não vai dar certo!!
Entrevistado 15	A Romaria, pessoal, o como é... Acolhimento, boas acolhida... Muito bom Juazeiro!
Entrevistado 16	Tudo não, pra mim não, o Juazeiro tem de bom as festas, as romarias se fosse assim, agora tá até melhor, por que se fosse assim no tempo que mais a gente vinha aqui pro Juazeiro a gente andava na rua era muito, muito os esgotos do lado de fora, a gente andando "por riba" das coisas, eu achava uma coisa muito, eu não tinha assim, se fosse dizer pra eu morar em Juazeiro eu não tinha vontade por que eu num morava não. Agora, sobre as coisas de religião, sobre as coisas de Padre Cícero, aí a gente tem aquela comemoração e faz, né, e vem. Mas pra eu morar, por um bucado de coisa que tem no Juazeiro, eu não vinha não!

Entrevistado 17

Ah, só a romaria que é coisa boa importante pra quem é romeiro, né? E as pessoas que tem fé em Deus né, por que primeiramente é Deus, fé em Deus, e depois o povo se pega muito com o Padre Cícero pra pagar promessa. Eu vejo até gente subindo aquelas escadas do horto de joelho por que ali dói na alma da gente, a gente só se conforma por que sabe que ali foi uma prece que a pessoa fez pra se vê livre de uma doença ruim, que vem na matéria dele.

Entrevistado	O que Juazeiro tem que não é tão bom?
Entrevistado 1	O esgoto, a poeira cheia de lixo.
Entrevistado 2	O esgoto.
Entrevistado 3	Não, aqui em Juazeiro eu acho esse esgoto, por que tem muito esgoto no meio da rua, ai se fizesse o esgoto eu achava que melhorava mais.
Entrevistado 4	O calor.
Entrevistado 5	Não, nada é ruim, tudo é de bom. Ninguém, tudo é maravilhoso, acolhida ninguém nem se fala né por que é fora de série, a gente sente a paz aqui.
Entrevistado 6	Presença de muito ladrão, melhorar os ladrão, esgoto de rua fedendo.
Entrevistado 7	Tem nada não.
Entrevistado 8	Pelo menos eu não dizer o que é não que não tem de tão bom não num tem, num achei nada de falar de juazeiro não por que pra mim tudo é bom (só mais ruim de juazeiro somente a "quentura").
Entrevistado 9	Precisa melhorar sabe o que? Os banheiros nas avenida, que eu achei que aqui num tem, se tivesse era melhor. É porque tem festa lá em Patos. Aí lá quando é tempo de romaria, que é no tempo do pentecoste, aí lá em todo canto ,assim, o prefeito faz banheiro. (<i>Aqueles banheiros que parecem uma caixinha, que chama banheiro químico?</i>)É, que tem gente que vem e num tem apoio lá. Mas é que aqui todo mundo tem apoio, né? Acho que num faz isso porque também num precisa, que Juazeiro é abençoado pra todos os moradores da apoio aos romeiros.
Entrevistado 10	Assim, está um pouco quente, o clima. Bastante quente e abafado.
Entrevistado 11	Eu sei que a gente com esse papo não vai resolver o assunto não, mas é tenho que dizer, né? Essa questão da perseguição com os romeiros ,lá, dos pau-de-arara, atrapalha muito a festa de Juazeiro, né? Por que segundo ele tava dizendo ai, tá certo, por que muito romeiro podia vim no pau-de-arara não pode vim no carro próprio, né? Mas aí os "pau-de-arara" a burocracia é grande de mais, aí atrapalhou. Pode olhar que dentro da cidade é poucos pau-de-arara, né? Aí a graça da festa de Juazeiro era mais os "pau-de-arara", né? Ai atrapalhou bastante essa falta de, essa falta de liberação dos "pau-de-arara", né?
Entrevistado 12	Acho que só essa questão de infraestrutura mesmo, os esgotos. E o calor também.
Entrevistado 13	É, é quente, é por que aqui é muito quente.
Entrevistado 14	Eu acho que tem que melhorar mais é tratar os romeiros com mais humanidade, por que romeiro aqui é tratado como jegue. Já vi, em todo canto é explorado de mais, entendeu? Roubo de mais que eu já vi, entendeu, tudo é alto, é isso mesmo, inflação de mais em tudo, se você for comprar aqui em época de romaria tudo é mais caro.
Entrevistado 15	O que não é tão bom é esse calor, essa quentura, mas só Deus pode melhorar, né?

Entrevistado 16	<p>Olhe... os esgotos, esses banheiros que vem pra atender os romeiros que a gente quando entra dentro a gente não quer ir mais. Se não tiver uma casa de família que a gente venha pra se hospedar, ai a gente já fica lá: eu não por que não tem onde eu me hospedar. E várias coisas, né, que tem, isso aí é uma coisa que muita gente fala, muita gente às vezes diz: eu não vou por que. E a gente vem mais por que a gente tem uma casa de família, a gente fica hospedado melhor e pronto, e por aí vai: A hospedagem é, aí a gente vem mais por causa de família por que aí se fosse pra a gente se hospedar em outro canto, aí era mais diferente num sabe, aí talvez eu não vinhesse. De primeiro contava que a gente, sobre os ladrões né, que não pode deixar uma porta aberta, se a gente sair com qualquer coisa eles pega tira do braço da gente, corre, pega e tira o dinheiro do bolso e corre. Você não pode usar um relógio bom, você não pode usar uma "borta" boa que, né, fica com medo. Aí, é pra andar tem que andar duas, três, quatro cinco pessoas, isso aí é não é muito bom, isso se tivesse uma lei mesmo que caísse sério "em riba" desses negócio quando a gente vem em festa em Juazeiro, era muito bom. A gente tá achando melhorzinho agora né, está melhorando. Tá melhorando por que eu tô andando agora nas igrejas, praticamente muita gente já está andando só, a gente já está vendo muita segurança, lá no horto eu vi um bucado de segurança, um num canto outro no outro. E por aí alegre mais né, de primeiro a gente não viu, aí um chegava, por que se uma pessoa tomar uma coisa de uma pessoa e vê um segurança assim a gente pode até vê e ele correr e pegar e prender né, é isso aí tá, achei uma melhorinha agora, de uns dois anos pra cá eu achei uma melhora.</p>
Entrevistado 17	<p>Ah, tem tanta coisa que eu já vi por aqui. Sei não, dessa parte ai eu vou ficar calado! Por que carro pequeno o povo explora um pouco ai o povo não vem, ai pau-de-arara já sabe como é que é, preço de banana, ai todo mundo tem condição de vim, a condição é melhor de vim né, que fica barato.</p>

Entrevistado	Quais os lugares de Juazeiro que você visita ou visitou?
Entrevistado 1	'Pro' shopping, 'pro' mercado central, horto.
Entrevistado 2	Padre Cícero, a igreja dos Franciscanos, no Socorro, no shopping.
Entrevistado 3	Lembro , visitei a Nossa Senhora das Dores, ai fui pro horto, visitei a igreja do Socorro, fazer visita aqui agora, ai amanhã a gente vai pra o Franciscanos, no mercado.
Entrevistado 4	A estátua do Padre Cícero, a casa onde Padre Cícero morou, as igrejas.
Entrevistado 5	Franciscanos, horto, matriz, mercado central, socorro, casa do Padre Cícero.
Entrevistado 6	-
Entrevistado 7	O cristo [<i>se referindo a estátua do Padre Cícero</i>], as igrejas, mercado do Pirajá, mercado Central ,shopping Santo Sepulcro.
Entrevistado 8	Fui visitar as igrejas, fui visitar lá a estátua, como é que diz, é o horto né e andei um bucado de canto ai, no mercado.
Entrevistado 9	Franciscanos, horto, mercado, igrejas, casa do Padre Cícero...
Entrevistado 10	A estátua, o horto, a casa que ele morou, duas casas no centro da cidade, a Igreja Matriz, Socorro, Franciscanos shopping.
Entrevistado 11	Franciscanos, horto, mercado central, igrejas...
Entrevistado 12	A gente foi no que é chamado o horto, Franciscanos, Bom Jesus, a matriz, no shopping.
Entrevistado 13	A Igreja de Nossa Senhora das Dores, a Igreja de São Francisco, o horto, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a casa do Padre Cícero, o mercado.
Entrevistado 14	-
Entrevistado 15	O horto, a Basílica, o São Perpétuo Socorro, e os Franciscanos, eu só não fui no Santo Sepulcro. Fui não, por que é longe, Fui na casa do Padre Cícero, no mercado Central.
Entrevistado 16	Horto, matriz, Franciscanos, casa de Padre Cícero.
Entrevistado 17	-

Entrevistado	Como você está sendo tratado pelas pessoas da Cidade de Juazeiro do Norte (Moradores, Comerciantes, vendedores, religiosos etc.)?
Entrevistado 1	Bem.
Entrevistado 2	Tem uns que é bom, tem outros que é ruinzinhos. Sei lá, trata, assim, sem respeito. Assim, tia foi comprar uma bolsa, aí tia pediu a menor ai o homem ficou sei lá, "agiu" ruim.
Entrevistado 3	Trata bem, todos que eu converso com eles todos trata bem. Eu tô com um bucado de ano que faço essa visita, nunca falaram, assim, abusado comigo não.
Entrevistado 4	Tá tratando bem.
Entrevistado 5	Ave Maria, com todo amor! E a gente já vai se sentindo diferente pra sair. Por que a gente é bem acolhido, eu amo aqui, amo minha terra, mas eu amo Juazeiro do meu "Padim"!
Entrevistado 6	Trata bem, não tem o que falar daqui não.
Entrevistado 7	Trata, trata bem, educado.
Entrevistado 8	Muito bem, sendo tratado bem, povo muito bom, informa a gente tudo direitinho, procura uma coisa os informante tudo numa boa e tudo isso ai é bom, bondade né, ninguém tem cara feia, tudo é legal.
Entrevistado 9	Trata muito bem: meu amor, venha cá, aquela coisa! Porque a gente vem pra dar renda a festa pra eles também poder sobreviver. Mesmo assim a cidade da gente. Se o povo de fora vir e o povo de lá vender muito, graças a Deus que tá dando renda. Só que esse ano foi mais fraco... O pessoal veio mais pouco, eu achei que foi mais pouco, pouca gente. Eu acho que o povo com medo né? Por que eu mesmo me conformo de comprar, a moeda que eu trouxe eu comprar aquelas besteira e pronto. Num vou avançar pra comprar o que não posso. Mas tem gente que só quer vir se trouxer muito dinheiro. Lá no meu lugar mesmo: eu num vou não que eu só tenho 300, só tenho 500, mas a gente vai num é pra comprar coisa. Compra uma besteirinha se faltar em casa, compra uma coisa pra comer, e agrada a quem onde a gente fica e dá e rende demais. A primeira viagem a gente tem que fazer devagarzinho mesmo, né?
Entrevistado 10	Muito bem.
Entrevistado 11	O comércio de Juazeiro eles é tão bom que as vezes o caba compra sem precisão, por o atendimento é bom, né? E o atendimento no rancho é uma coisa 100%. Você não tem nem palavra pra agradecer o tratamento, né? É bom de mais! Não tem diferença dos lugares, né? Por que tem pessoas que dizem: não por que tem perigo, tem aquilo. Mas todo canto tem perigo, né? E Juazeiro é tranquilo, é um lugar bom.
Entrevistado 12	Olhe, acho que todo mundo trata bem, a única coisa as vezes são os carros que não respeitam muito os pedestres. Eu também senti falta de faixa de pedestre. É, eu não sei se eram os locais que eu estava que eu não via. Sim teve esse vendedor que olhou pra mim com uma cara de ... eu sei que ele olhou com uma cara feia. Que tipo assim, eu acho que eles já estão saturados das pessoas achar que aquilo é barato e ainda pedir desconto, ai eles já ficam com a cara feia, não o preço é esse aí. Aí eu digo, também eu não compro a você não, eu vou comprar em outro, aí consegui dois reais de desconto.
Entrevistado 13	Muito bem, muito bem, gostei muito deles.

Entrevistado 14	As vezes trata, as vezes não. Ignorância é, não tem bom atendimento, você chega num restaurante com qualquer coisa pra comprar e os cabas não atende como deveria atender a pessoa.
Entrevistado 15	Olhe, eu não tenho assim que achar que tá ruim, por que quando eu vou passando eles para né. Tô sendo acolhida por todos, tanto na casa onde eu tô, minha família, como na rua. Todo mundo tá tratando super bem.
Entrevistado 16	Não, os comerciantes e as pessoas são muito "legal". Você sabe conversar, o negócio é você entender como é que vai comprar uma coisa. Tem muitos não, muitos que dá os preços das coisas fora do normal, mas se o caba sabe conversar o caba sabe comprar, agora se num souber, é meio ruim assim, por que tem gente que ainda compra as coisas meio caro por que num sabe, né?
Entrevistado 17	Ah, são bom, o povo daqui são bom, o sol da gente é dependente, é dependente mesmo. Por eles tem vontade de vender e parece que eles tem aquela coisa de ganhar as pessoas, trata de ganhar as pessoas, por que tem conversa que o povo não dá nem vontade de... Veio melhorar o comércio um tempo desse pra cá, dos anos antes pra cá, o povo... não sei se era a moral que você queria não, vocês disseram que iam procurar eles pra vender...

APÊNDICE B – DIÁRIO DE CAMPO

Diário de Campo

30/10/2017:

No dia 30 de outubro de 2017, das 17 as 20:30h, viajei de Juazeiro do Norte/CE para São José de Caiana/PB acompanhada de meu pai. A estrada é relativamente boa e tranquila, facilitando o traslado. Ficamos na casa de Tiquinha e Cirilo, onde passamos a noite. Foi também nesta casa que me reuni com alguns dos romeiros antes da pesquisa de campo para obter informações acerca da viagem realizada por eles, tanto de carro próprio, de ônibus, caminhonete ou a pé, e fazer os ajustes finais para que pudesse acompanhá-los.

Foto do alpendre da Residência tirada no dia 30/10/2017



Foto do alpendre da residência durante a preparação para a pesquisa



A casa fica na zona rural da pequena cidade de São José de Caiana/PB, cidade natal do grupo de romeiros que irei acompanhar e que se hospedam na casa dos meus avós. É uma

casa muito bem arrumada, bem reformada, no que diz respeito a decoração, cerâmica no chão, móveis mais sofisticados. A casa estava cheia de filhos netos, não parava de chegar e sair gente. Quando chegamos e fomos jantar, percebi o tamanho das panelas, muita comida, fazendo jus ao movimento da casa, sempre chegando mais um para se alimentar. Além do casal, sua filha, o namorado (Junior) e uma neta (Bianka) também viajarão à Juazeiro do Norte.

Residência de Cirilo e Tiquinha na Zona Rural de São José de Caiana/ PB



O casal e eu conversamos sobre a vida no campo, a respeito dos animais que são criados por eles. O casal manifestou também a preocupação em sair e deixar os filhos e netos tomando de conta dos bichos. Cirilo desabafou em tom de preocupação “eu já tô pensando a fome que esses bichos vão passar”. Várias eram as recomendações de cuidado com os porcos, gado e, em especial, um cabritinho bebê, que não pode ficar sem tomar seu leite, pois, por ser muito novo utiliza mamadeira.

A fala é cheia de afeto demonstra o cuidado e importância dos animais para seus donos. O gosto e orgulho em falar das plantas, da vida do campo, dos “pés” de tomate (ensinando inclusive como se planta) se torna claro. Tiquinha contou das “arrumações” (segundo ela) do cabrito bebê que quase morreu três vezes: uma vez o animal tomou óleo do trator. Numa segunda ocasião comeu ração de gado. Numa terceira o animal comeu plantas venenosas. “Por isso, fica amarrado!”, para sua própria segurança, como afirmou Tiquinha. Ela ainda falou de algumas peripécias do esposo, como o fato dele plantar e depois que colhe os frutos, corta a planta. Em suas palavras, “chega dá dó! Um pé de maracujá, cada maracujá desse tamanho. Aí depois que deu, cortou!”.

Mais ou menos as 22h fomos dormir para no outro dia viajarmos junto com os romeiros para Juazeiro do Norte.

31/10/2017:

Acordei muito cedo para garantir que eu não perderia o ônibus, que sairia da praça principal da cidade às 4h da manhã. Dessa forma, às 3h30min nós já nos encaminhamos, acompanhados de mais dois romeiros – Ana Clara e João Antonio – para iniciarmos nossa viagem. Como eu vim na noite anterior com meu pai de carro, Cirilo e João Antonio foram acompanhando-o. Tiquinha, Rayana, Bianka e Junior vieram em seu carro próprio, saíram apenas as 6h da manhã. Eu e Ana Clara ficamos aguardando a saída do ônibus.

É importante destacar algo curioso quando da minha solicitação de uma vaga ao dono do ônibus. As inúmeras vezes que entrei em contato com ele para saber o valor da passagem de ida e volta, para saber se ainda tinha vaga, ele sempre respondia: se Deus quiser, vai dar certo. Fiquei inclusive muito preocupada pela falta de certeza em sua fala. Pedi a Tiquinha para se informar se ao menos minha vaga estava garantida, e ela, após consultar o motorista, afirmou que sim, o que me tranquilizou.

Ao chegarmos a praça principal da cidade, o ônibus já estava lá, com alguns passageiros, tanto da cidade de São José de Caiana como de cidades próximas.

Fotos do interior do ônibus



Reparei que algumas pessoas levavam banquinhos de plásticos. Perguntei a Ana Clara o porquê. Ela me disse que “é pra sentar lá no Juazeiro, na missa, porque tem muita gente”. Aqui notei a falta de organização da cidade para receber estas pessoas, que muitas vezes vem de tão longe, mas precisam trazer até um banquinho para garantir um lugar para sentar na missa, para exercer a fé no padre Cícero, energia que os move?

No ônibus tinham pessoas de todas as idades: idosos, jovens, adultos, crianças, crianças de colo. E aos poucos iam chegando mais. Pediam benção aos parentes, levavam garrafas grandes de água e alguns alimentos.

Muito interessante alguns comentários como: “nem escovei os cabelos nem pranchei, nem deu tempo” demonstrando o cuidado de si para aquela viagem, um aspecto de lazer, de se apresentar bem no lugar que irá chegar.

Enquanto esperávamos a partida do ônibus, Ana Clara, adolescente, revela uma das suas missões na cidade de Juazeiro do Norte trazer os presentes de sua irmã de 8 anos que ficou em casa com a mãe: uma boneca que fala e uma roupa. Revelou que em uma outra vez levou brinquedos de cozinha e de enfermeira. Perguntei se sua irmã não ficou com vontade de vir para Juazeiro do Norte. Ela disse que não, a irmã só pede pra trazer e não esquecer as coisas dela.

Ao adentrarmos no ônibus, chamou minha atenção o fato dele estar muito sujo e as sacolas penduradas nas poltronas de forma individual estarem cheias de lixo, apesar da viagem ainda nem ter começado. Claramente, o veículo não foi higienizado para o traslado até Juazeiro. Ana Clara, assim como outras pessoas que já estavam dentro do ônibus, percebeu e falou do lixo do ônibus tentando explicar o motivo da sujeira. O fato é que o motorista chegou no dia anterior de São Paulo. Na visão de Ana Clara, talvez não tivesse dado tempo de limpar o veículo. Uma senhora acompanhada dos filhos e de outros parentes (irmã, mãe, esposo, de Bonito/PB) pedia para a filha comer o salgadinho, mas enfatizava que não derrubasse no chão pra não sujar ainda mais. Ela falava que estava lhe “dando uma impaciência essas sacolinhas tudo cheia”. Afirmou ainda que “antes de sair de casa barri a casa toda”. Justificou que, como acordou as 2 horas e em virtude de uma ventania, teve que varrer sua casa. Isso demonstra a percepção deles, sabem que tem que estar em um ambiente limpo, mas reclamam, não reivindicam. Eles aceitam. Observam o que está errado, mostram que reconhecem mas não disseram nada ao motorista, também dono do ônibus. Não sei se isso demonstra uma certa compreensão ao motorista cansado que chegou ontem de São Paulo, que ainda está cansado em virtude da longa jornada de trabalho, ou se mostra passividade diante dos problemas do dia-a-dia. Se problemas simples, não buscaram resolver de qualquer modo (passivo ou não), será que buscariam a solução de grandes problemas, exerceriam sua cidadania reivindicando mudanças

na sociedade, diante de um problema de omissão na creche ou escola do filho, ou na sua cidade, por exemplo?

Fotos do lixo no interior do ônibus



A fé de uma passageira fica evidente quando esta revela que uma neta sua iria viajar para Juazeiro, mas teve uma febre. Segundo esta senhora “a pessoa só vai se Padim Ciço chamar”. Esta mesma senhora nos revela um ditado popular no momento em que seus netos discutem quando comem salgadinhos um do outro (às 5h da manhã, inclusive): “quem guarda com fome, o gado nem come”. Ela também revela sua crença na bondade do Padre pelo fato dos motoristas estarem indo para Juazeiro apesar da longa e recente viagem de São Paulo até São José de Caiana. A ideia que ela transmite é que o Padre Cícero é bom porque, apesar do cansaço dos motoristas, todos os passageiros chegarão a Juazeiro. Confesso que de tanto ressaltarem que os motoristas estavam cansados da longa viagem no dia anterior, ou seja, poucas horas, fiquei preocupada com a segurança. E o cansaço dos motoristas? Eles também percebem, falam bastante “como eles aguentam”? E a segurança de tantas pessoas, de famílias inteiras viajando com motoristas cansados? Mas existe uma confiança, existe uma fé de que, se está ocorrendo tal fato é porque “Padim Ciço” permitiu e abençoou.

Finalmente, depois de cerca de três horas e meia de espera, o motorista veio anunciar a partida do ônibus para Juazeiro. Antes de sairmos, ele cumprimentou os passageiros com bom dia e informou que ninguém precisaria pagar, deixasse para pagar ano que vem. Não disse o porquê. Todos muito satisfeitos, agradecidos e admirados com tal ação, supõem na hora que foi promessa. Agora entendo o motivo pelo qual quando entrei em contato com ele, não falou o valor de jeito nenhum. Por isso que quando eu conversava com ele sobre a vaga no ônibus, ele respondia: se Deus quiser! Ana Clara disse que ele também não contou o valor para seus pais, foi na casa dela para perguntar quem iria e quando comentaram sobre o valor ele disse “depois nós acerta”.

Fiquei muito admirada com a atenção de todos uns com os outros no ônibus. Muitos perguntaram quem eu era, eu dizia que era uma prima de Ana Clara e que ia junto dela pra Juazeiro, o que não era mentira. Não contei sobre a pesquisa no ônibus para tentar captar mais informações pela observação. Mas todos se tratavam muito bem e nos tratavam muito bem também, nos ofereceram água, salgadinho... Quando eu recusei afirmando ter receio de sentir náuseas, um jovem mais a frente disse que tinha tomado um café e não se sentiu muito bem. Chegou inclusive a olhar em sua bolsa se tinha remédio para me dar um, mas não tinha mais.

Outra manifestação de cuidado, de atenção com o próximo, foi com uma senhora, a quem chamavam de Pastora. Diziam que ela “não sabe andar em Juazeiro, alguém tem que prestar atenção para ela não se perder”. Ressaltaram também a sua fé no Padre Cícero contando que ela fez promessa para Zé Leite – um político de São José de Caiana – ganhar a eleição. E pagou ano passado: andou dois dias descalça no “sol quente” e colocou a foto dele na estátua do “Padim”.

Próximo a Ana Clara e a mim viajava uma família: mãe, irmãs com maridos e filhos. Perguntei a eles se iriam pagar promessa. A mãe ia. Uma irmã pensa e diz que já pagou promessa do filho. A irmã diz: eu vou passear! Pergunto quantas vezes já foram à Juazeiro: umas sete vezes, todo ano vão. E falam com muito orgulho da viagem dos filhos: uma vai desde que estava “na barriga”, outro vai desde os dois anos, um outro desde novinho, de braço. O ônibus tem ar condicionado e respeita a quantidade limite de passageiros. Na primeira parada que fizemos, limpam o ônibus.

Primeira e única parada onde tomamos café da manhã



Ônibus após a limpeza



Quando chegamos em Juazeiro, um garotinho de uns 8 anos ao notar que estava na cidade, disse com ar de ansiedade: “eu quero subir o horto hoje, de joelho”! Notei ali sua percepção de que além do passeio, tem que fazer romaria. Mostra também a cultura sendo transmitida entre as gerações. No ônibus, duas crianças conversam com um adulto: “o que vocês vão querer comprar?” Eles respondem: “Spinner (**aquele brinquedo que gira, alguns acendem luzes*), um branco e um preto, no horto, quero comprar lá”! Então o adulto afirma que no mercado é melhor.

Na chegada, mostrei o shopping a Ana Clara e perguntei se ela alguma vez já tinha ido lá. Ela respondeu que naquele, não. Falou que foi em outro de outra cidade.

Quando chegamos, paramos na avenida Padre Cícero, próximo ao Hiper. Devido as ruas e o difícil acesso, o ônibus não pôde nos deixar na casa da minha avó. Tivemos que ir em um carro pequeno, eu e mais quatro pessoas: Ana Clara, Tereza, Fátima e Cleilton. Fica nítida a falta de infraestrutura das ruas e o acesso. A Rua Todos os Santos, onde reside minha avó, se tornou via de mão única. Porém o trecho desta rua entre a Avenida Castelo Branco e a Avenida Carlos Cruz, tem esgotos muito fundos. Quando o veículo passa, geralmente tem que ser muito devagar para não prejudicar a estrutura inferior do veículo. Sempre tem carros estacionados dos dois lados da rua, o que atrapalha bastante o fluxo do trânsito. O carro nos deixou na casa da minha avó, onde o grupo que irei acompanhar se hospeda.

Quando cheguei, uma parte do grupo já tinha ido visitar a Igreja dos Franciscanos e combinaram de ir à tarde para o horto.

Falando com Tiririca, um dos romeiros que veio a pé, sobre sua viagem, ele contou que já veio a Juazeiro umas 5 vezes. Comentaram também sobre um colega que também vinha a pé, mas desistiu no meio do caminho. E com muita risada revelou o porquê: o colega, devido ao calor e a longa caminhada adquiriu assaduras. Perguntei se ele fez promessa para vir a Juazeiro. Ele respondeu que só uma vez, as outras vem por peregrinação e pela festa. Aqui observo que muitas vezes não tem um porquê, uma promessa para pagar, alguma dívida perante Deus ou o Pe. Cícero. É como se fosse algo que eles sabem que tem que fazer, um sacrifício em gratidão por tudo, pela vida, talvez.

Ele contou também que algumas pessoas fazem promessa de vir a pé até quando aguentar. Contou a história de um senhor de 68 anos que já tinha vindo 19 vezes e queria completar as 20. Após 5 anos sem vir a Juazeiro, veio esse ano, quase não consegue, mas chegou. João disse que só vem ano que vem, mas vem. Ele fez promessa por que uma vaca sua ficou doente. Ele contou que se a vaca “escapasse, é do Padim Ciço”! E escapou! Então ele contou que teve que vender a vaca para gastar o dinheiro em Juazeiro. “Por que eu acho que se você promete, tem que cumprir, né? Eu acho”! Interessante que ele fala de vender a vaca para gastar o dinheiro aqui, comprando, dando esmolas. Cirilo também tem esse hábito. Geralmente ele traz um saco com moedas para distribuir aos pedintes. Ele chegou até a comentar que esse ano achou que tinha menos pedintes na cidade. Essa atitude de gastar dinheiro em Juazeiro, na cidade do Padre Cícero, me parece uma forma de gratidão dentro do espaço em que o Pe. Cícero viveu. Não tem um interesse em mover a economia, é um interesse religioso, espiritual: ajudar o próximo que precisa, retribuir a graça do santo popular.

Assim que chegamos, expliquei a todos sobre a minha pesquisa, todos assinaram o termo de consentimento e receberam uma via.

Romeiros fazendo leitura do TCLE para, após, assinarem concordando em participar da pesquisa



Algumas das pessoas que vieram comigo no ônibus já se organizaram para ir à Igreja dos Franciscanos afirmando que iam se confessar. Três pessoas: Teresa, Fátima e Cleiton,

filho de Teresa. Assim que chegaram, no máximo beberam água, não almoçaram, não tinha café pronto e o almoço estava sendo feito. Perguntei se eles iam pagar alguma promessa, disseram que não. Afirmaram que vieram apenas para “andar, só passear”, mas mesmo assim já denoto a religiosidade posto que mal chegaram na cidade, já vieram em busca de se confessar. Enquanto eu estava gravando áudios, eles iam na frente. Na rua e na praça em frente à igreja tem inúmeras barracas de camelôs, o imenso comércio informal do período de romaria, já que fora dessas datas a rua e a praça ficam vazia. Eles pararam para olhar os produtos: chaveiro de bolso, terço. Encontramos outras pessoas do grupo que chegaram antes de nós já em retorno a casa de minha avó. Eles indagaram sobre a pesquisa e eu expliquei mais uma vez, disse que eles só participavam se quisessem, que podia dizer não. Mas afirmaram que achavam bom por que eu ia ensinar a eles onde era cada coisa, onde eram os locais, iria guia-los pela cidade.

Trajetos utilizados para ir do local de hospedagem a igreja dos Franciscanos. Podemos visualizar um amplo e extenso esgoto a céu aberto



Fiquei surpresa e feliz quando visualizei alguns agentes do Demutran (Departamento Municipal de Trânsito) nas proximidades da Igreja dos Franciscanos. Porém, no local onde existia necessidade, onde os comerciantes informais estão, onde a concentração de romeiros é bem mais intensa, não há nenhum agente, está um caos. Os ônibus de romeiros passando, os carros passando, não tem agentes, a rua está mais estreita devido a presença dos camelôs. Não tem nada organizado e nem ninguém organizando. Muito pelo contrário: o está cheio de pessoas, comerciantes e romeiros, produtos e não proibição de circulação de veículos. É tudo muito apertado. Chega a ser assustador! Vamos andando e os carros passando muito próximo de nós. Buzinam e passam extremamente próximo das pessoas e coisas. A sensação é de que a qualquer instante pode morrer alguém atropelado. Não tem cinco minutos que cheguei aqui. As pessoas que estou acompanhando não demonstram muita preocupação com isso, mas eu estou realmente muito assustada com o trânsito e receosa que ocorra algum acidente inclusive comigo!

Horripilante! Esta rua deveria ter sido interditada, ou ao menos ter se tornado via de mão única. Vi um agente de limpeza pública carregando o lixo em um carrinho de mão, acredito que não dá pra o caminhão do lixo passar, por isso ele deve estar fazendo a coleta dessa forma.

Comércio informal próximo a igreja dos Franciscanos



Agente de limpeza pública realizando a coleta



Já são meio-dia, ainda estamos aqui no comércio da Igreja dos Franciscanos fazendo compras. E os romeiros ainda não foram se confessar.

Romeiros fazendo compras no comércio informal próximo a igreja dos Franciscanos



Entramos na igreja dos Franciscanos. Tereza e Fátima estão com as mãos cheias de sacola, Ceilton também leva algumas sacolas da tia e da mãe. Fizemos uma oração rápida de frente ao altar principal, de São Francisco, tiramos algumas fotos. Tiramos foto também de um pessoal que está aqui dentro da igreja dançando o que parece ser uma dança típica. Eles são de São Gonçalo do Amarante. Uma alegria, uma festa, não tem nada de penitência, não tem nada de tristeza, flagelação não, o povo todo sorrindo na maior felicidade!

Romeiros adentrando a igreja dos Franciscanos após as compras



Grupo de romeiros em sua dança típica em homenagem ao Padre Cícero



Dentro da igreja vi alguns cestos de lixo, mas na parte do comércio que a gente andou não visualizei. Tem muito lixo na rua, inclusive o rapaz que está conosco, Cleilton, estava bebendo um refrigerante e, quando terminou, não achou lixeira pra jogar a latinha. Acabou jogando no chão. Apenas observei, vi e ouvi ele falando que não encontrava cesto de lixo e, então, ia deixar ali no chão mesmo. Dentro da igreja, apesar de ter cestos de lixo, está bem sujo. Tem muito lixo espalhado no chão. Mas fora da igreja, não tem de jeito nenhum, em lugar nenhum.

Cleilton tira foto já afirmando: “vou postar no face”, afirmando que vai publicar as fotos nas redes sociais da internet. Mostra a interação dos romeiros com as redes sociais, com a internet.

Romeiros registrando sua visita ao templo religioso



Ainda na Igreja dos Franciscanos, chamou muita atenção a visita de Fátima a uma sala de oração onde se encontrava uma estátua do Padre Cícero e, em sua frente, uma urna com os dizeres: pedidos de orações e agradecimentos. Eles adentraram na sala com as mãos cheias de sacolas de compras, mas silenciosamente, compenetrados. Ali fizeram oração. Fátima, muito compenetrada, tirou um pequeno bilhete da sua bolsa, olhou nos olhos da estátua do Padre Cícero como quem olha para o próprio, e afirmou: “esse é da minha filha”, nessas palavras e naquele gesto já estava o recado de que o pedido era da filha, mas que intercedesse por ela, faça ela alcançar a graça. Ao mesmo tempo o imenso respeito e fé pelo Padre Cícero ali representado pela estátua.

Romeiras em momento de oração





Voltamos para o local de hospedagem. Almoçamos e descansamos um pouco. Ficou certo de que a tarde alguns iriam para o horto. Pedi para acompanhá-los.

Romeiros descansando após o almoço em diferentes cômodos da casa





Às 15h10min saímos para ir ao horto com algumas pessoas do grupo: Tereza, Fátima, Josa, Cleilton e Cirilo. Fomos pela avenida Carlos Cruz, da rua Todos os Santos a rua São Pedro. Pegamos um transporte alternativo muito velho, muito sujo. A rua está com um trânsito intenso, muitos carros. Tem caminhões carregando e descarregando produtos nas lojas, tem carrinho de picolé, tem carrinho de mão... Uma grande bagunça! Uma desorganização tremenda! Além disso, o clima extremamente quente. Chama a atenção não ter um horário determinado, ao menos na época de romaria, para carga e descarga, assim como ocorre nas grandes cidades. Ou um rodízio de veículos dos moradores de Juazeiro do Norte, em virtude da grande quantidade de veículos dosromeiros que chegam a cidade. Falta de aplicação de estratégias que já são utilizadas há muito tempo em outros municípios.

Romeiros no transporte alternativo para visita ao horto



Pelo trânsito que visualizei, achei que o traslado até a Praça Pe. Cícero seria mais demorado, mas chegamos logo. O clima está muito quente, tem muita gente e está tudo muito desorganizado. Tem muito lixo, muito mesmo. E não tem cestos de lixo, não tem saco de lixo, não tem ninguém recolhendo como na Romaria das Candeias. Não tem não ninguém recolhendo lixo não. O clima é escaldante. Na praça, de um lado tem um grupo de peruanos cantando, do outro o pessoal da igreja, acredito ser da carismática, falando. A poluição sonora também é intensa. E nós, rumo ao horto. Não falaram como chegaremos até lá. Talvez a pé, não sei.

Vamos de ônibus para o horto. Eu nunca andei nesta linha do centro da cidade para o horto, é a primeira vez. Não sei se vamos pela estrada antiga ou pela rodovia.

Romeiros aguardando saída do ônibus em destino ao Horto



Não tem ninguém para dar assistência aos romeiros, caso se perca, passe mal, ou seja furtado. Não vi agente de Demutran, não vi ninguém de Prefeitura, não vi lixeiro, não tem ninguém aqui dando assistência, ninguém.

Acabei de presenciar uma cena que me causou muita revolta: um carro pipa está aguando as plantas dos canteiros próximo ao memorial Padre Cícero, neste horário, num trânsito caótico. As pessoas estão com muito calor, poderia haver uma distribuição de água mineral ou a água tratada da Cagece, que vem em copos e garrafas individuais. Além disso o carro pipa, interditou a rua piorando ainda mais o trânsito. Mais uma vez, nenhum agente do demutran.

O ônibus para o horto foi pela estrada antiga, de pedras. Tinha muita gente subindo e descendo a ladeira da rua que é muito estreita. O ônibus subia a colina do horto e algumas viaturas policiais desciam, acredito que cruzamos com duas. Achei extremamente inconveniente esse trajeto do ônibus. A ladeira é bastante íngreme, o ônibus muito antigo, muitas vezes dava a impressão de que não iria conseguir terminar o percurso. Além disso, o ônibus passava muito próximo das pessoas, faltando pouco para atropelá-las. Não entendi o

porquê de não utilizar o acesso pela rodovia, uma via asfaltada, bem menos íngreme e sem pedestres circulando.

Chegada ao horto



Cirilo fez uma promessa para subir três anos de joelho na escada da estátua do Padre Cícero, por que teve um problema na próstata, não ficou bom totalmente, em fevereiro foi no médico, mas já está sem dor. Por isso, subiu mais uma vez de joelhos a escadaria da estátua do Padre Cícero.

Chegando na estátua, existe o costume de passar pela bengala três vezes, para que seus pecados sejam perdoados. As pessoas formam fila para este ritual. Todos estão em oração. Também escrevem seus nomes e de familiares na estátua. São rituais desenvolvidos pelo costume popular.

Romeiras escrevendo seus nomes e de familiares na estátua do Padre Cícero



Tinha também um rapaz que deu várias voltas ao redor da estátua laçando-a várias vezes com fitas vermelhas. Fiquei muito curiosa, mas não deu tempo perguntar de que se tratava, não quis interromper sua oração e meu grupo já se deslocava para outro lugar.

Romeiro laçando a estátua do Padre Cícero com fitas vermelhas



Exatamente as 16:30, estamos no horto: não tem um guarda, um policial, uma pessoa para dar assistência. As mesas e barracas da igreja estão sem pessoal para dar informação. Só tem muitos vendedores, muitos fotógrafos oferecendo serviços, muitos pedintes. Não tem ninguém para dar apoio aos romeiros.

Fomos até a capela do Bom Jesus do Horto, onde todos fizeram uma oração. Depois conversei com Dona Josa e perguntei: “Dona Josa o que é que vocês pedem num momento desse?” Ela disse que pedia “saúde, paz, felicidade, tranquilidade, que protegesse do inimigo... Que desse o alimento, coisa boa, tudo de bom e saúde porque saúde é o principal”.

Romeiros em oração



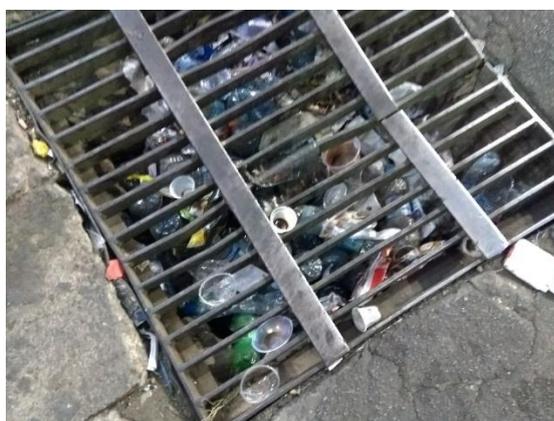
Fizemos visita ao museu vivo e, após, voltamos de ônibus até a praça Padre Cícero, depois seguimos a pé até o local de hospedagem.

Romeiros em visita ao horto



Reparei alguns lugares com menos lixos, fiquei surpresa pois achei que estariam mais sujos. Mas para minha surpresa, descobri o lixo escondido debaixo do tapete, ou melhor, dentro dos bueiros. Fiquei imaginando comigo mesma se chovesse, por onde a água fluiria já que estavam cheios de lixo? Foi deprimente essa falsa sensação de que algo poderia estar melhor.

Bueiro cheio de lixo durante a romaria de Finados



Até agora, o maior desrespeito direto aos direitos humanos realmente é no trânsito por que coloca em risco a vida dos romeiros. As pessoas, de moto ou de carro, não utilizam a sinalização do veículo. Os romeiros prestam atenção no semáforo, se ele abre no meio da passagem eles correm. Se fecha, eles esperam. Mas os motoristas realmente não colaboram. É

o pior que se vê. Não tem policiamento ativo nas ruas. Os policiais que eu vi estavam dentro das viaturas quando estávamos subindo para o horto no ônibus. A segurança é carente. Fica visível a ausência de planejamento para recepção dos romeiros, para melhorar a estrutura e organização da cidade. Por que se tem mais pessoas, precisamos de mais gente garantindo a segurança, a higiene, a saúde, e não está transparecendo isso não, tem muito lixo... muito lixo acumulado nas ruas do centro. Acredito que pode ser dia de coleta de lixo aqui no centro, tem muito lixo na frente das lojas, mas tem muito lixo é na rua. Agora eu estou vendo um rapaz da limpeza pública aqui em frente a prefeitura com um carrinho fazendo um recolhimento, varrendo, mas até a própria praça da prefeitura está cheia de garrafas, de papel, apesar de ter cestos de lixo aqui. Mas por onde eu andei, procuramos lixeiro para descartar corretamente o lixo e não achamos em lugar nenhum.

Chegamos do horto, a pé. Algumas pessoas já estavam lá, aguardando o jantar. Depois do jantar, eles conversam um pouco, alguns já deitados outros vendo tv e se organizam para dormir. Os homens dormem em redes no quintal e usam o banheiro do quintal. As mulheres dormem dentro de casa, em colchões, vários colchões espalhados pelos três quartos da casa. Usam o banheiro de dentro de casa.

Romeiros em momento de descontração com os donos da casa



Romeiros homens dormindo em redes no quintal



01/11/2017:

São 5:30. A maioria do grupo já acordou, uma parte já saiu para ir ao horto, já deve estar voltando. Outros estão se arrumando para sair para ir às igrejas.

Romeiros tomando café antes de sair para visitas do dia



Ontem foi muito interessante por que depois do jantar eles ficaram em casa. E foi um momento bem divertido. Os romeiros se divertem com os donos da casa, já vêm a muito tempo e ficam brincando, contando piadas. Eles tratam todo mundo muito bem, essa parte é que chama mais atenção, é como se todo mundo já se conhecesse a muito tempo, até os que não se conhecem eles são muito... simpáticos mesmo! Nós estávamos conversando, daí tem dois romeiros que vem a pé, mas eles só vêm mesmo pra farrear. Eles mesmos disseram que já peregrinaram de mais andando a pé da Paraíba para cá e aqui eles vão aproveitar, e estão curtindo, beberam bastante ontem. Hoje amanheceram dizendo: “Não, nós não vamos beber mais não, tá bom já tá bom”. O céu estava nublado, então eu comentei: “Oxe, e tá é nublado?” Então eles falaram que alguém disse que ia chover daqui para amanhã. Eu disse: “É, realmente toda vida que os romeiros vão embora chove”. Então, um dos romeiros farristas afirmou: “É pra limpar a sujeira que eles deixam, limpar o lixo que eles deixam”. Mas falou num tom de desprezo, ele mesmo desprezando o grupo dele, não sei... Como estávamos com outras pessoas, não quis perguntar nada pra não constranger, já que eu estou mais observando e quando me cabe eu faço alguma pergunta mais profunda. Mas também, ninguém comentou essa fala dele. Bom, eles já estão se arrumando e eu vou ver o que fazer por que tem um grupo que anda de carro e esse grupo eu não estou acompanhando muito não, só fico sabendo para onde eles foram, foram no mesmo lugar que eu já fui: só foram na igreja dos Franciscanos e no horto, passaram o dia deitados. Mas agora estão comentando que vão na Matriz, no Socorro, vamos ver.

Não sei para onde nós estamos indo agora, mas acredito que seja para a Matriz, pela rua São Pedro olhando as lojas. Tem um grupo que já foi por horto bem cedinho, a pé e volta a pé, como eu fui por horto ontem eu não acompanhei.

Romeiros caminhando em direção à igreja Matriz de Juazeiro do Norte



Uma coisa que eu lembrei agora, ontem Raiana me viu conversando com alguns romeiros, ela não é de falar muito, mas falou: “Eu reparei que os esgotos daqui são todos a céu aberto, né?” Um comentário bem específico, por que ela vem de uma cidade pequena e veio estudar na cidade, chega aqui em Juazeiro, tem uma expectativa, chega aqui é desse jeito. Além disso, o local de hospedagem é próximo a linha férrea na qual os esgotos são abertos de ambos os lados além de ter muito lixo acumulado, acredito que chama muita atenção de todos.

Ontem também quando a gente estava lá no horto, eu lembro de Dona Josa dizendo que era “romeira da Mãe das Dores cadastrada”, que tinha um “carnezinho” para pagar todo mês, e todo mês paga um valor para ajudar na construção da Igreja do Bom Jesus do Horto. Ajuda também a Igreja das Mãos Ensanguentadas de Jesus, acredito que seja a igreja de São Paulo. Lá onde ela mora falou que o padre se incomoda com isso pois na opinião dele ela deveria ajudar a igreja do local onde mora. Dona Josa desabafou: “Mas a gente quer, a gente tem que ajudar as igrejas ‘tudin’”. Pareceu que o padre não gostou muito do fato do dinheiro de uma de suas fiéis ir para outras igrejas, por que ela disse que pagava o dízimo também. Acho que o padre queria que ela pagasse mais dízimo!

Incomoda porque Dona Josa é muito simples, muito humilde, vem de carro gratuito, percebemos por suas roupas, pelos seus hábitos que se trata de uma pessoa simples. E ouvir que ela paga carnê, ajuda na construção da igreja Bom Jesus do Horto, e ninguém vê retorno, melhorias... É revoltante!

Estamos na Matriz, participando da missa. Chegamos e a celebração já havia iniciado. A concentração dos romeiros, seja criança, jovem adulto... é fantástica. Eles não conversam, não fazem barulho, e a quantidade de pessoas é imensa. Não conseguimos nem entrar na igreja para conhecer.

Visita dos romeiros a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, também chamada popularmente de igreja Matriz





Vi aqui agora um pessoal da guarda municipal, 3 guardas municipais, a primeira vez que eu vejo eles em algum lugar. As orientações aos romeiros são apenas no final da missa, é feita a leitura de um texto previamente produzido que inclusive foi utilizado na romaria das Candeias, impresso em panfletos e leques de papel. Nesta romaria não vi ninguém distribuindo nada. Não tem um grupo para ajudar, nem tem pontos de apoio. Não identifiquei isso por onde passamos, só na igreja, dentro dela, mas em outros lugares não. Cadastro de romeiro só se eles mesmos forem procurar na sala de romeiro, para se cadastrarem. Não existe um pensamento de criar, por exemplo, um aplicativo que registrasse pelo cpf, os romeiros que vem para a cidade porque aí sim teríamos a certeza de quantas pessoas vem, talvez não tivesse nem por causa das crianças, mas se tivesse algo do tipo já saberia pelo menos um número próximo a quantidade de pessoas que vem para, pelo menos, se preparar melhor.

Estamos caminhando pela rua São José, para visitarmos as casas do Padre Cícero e, após, a capela do Socorro. Como essa rua é uma parte da cidade que não tem muito trânsito aqui próximo da matriz, deveria ser naquela pedrinha de Barbalha, não era para ter trânsito nessa época, os motoristas passam e quase atropelam a gente, de novo eu quase fui atropelada aqui, imagine quem não é acostumado a esse trânsito.

Imagem da rua da Matriz



Imagem da rua São José



Tem um pessoal rezando aqui na casa museu do padre Cícero, tem muita gente. A rua muito suja, cheia de pedintes, uma pobreza imensa, realmente miséria, parece aquelas cenas da Índia. E o pessoal rezando bastante na cama antiga onde padre Cícero morreu.

Visita a casa do Padre Cícero



Os romeiros que estou acompanhando (Cirilo, Tiquinha, Josa, Tereza, Fátima, Cleilton e Junior) Eles estão admirados com o tanto de gente que passa pedindo e as mentiras que inventam para pedir dinheiro. Uma senhora passou por nós afirmando ter feito uma cirurgia na cabeça, então Junior deu a esmola. Um quarteirão depois ela veio pedir novamente já com outra história. Daí ele perguntou se ela já tinha ficado boa da cabeça. Ela disse, ah eu já te pedi né, sorriu e saiu! Eles ficaram abismados com a mentira e a má-fé da senhora. Os preços dos produtos bem caros, tudo caro, tudo aumentado o valor, e o atendimento ruim, desorganizado, tudo isso eles percebem e se incomodam. Fomos tomar café da manhã em um quiosque na praça do Memorial/Socorro. O pedido demorou 40 minutos para chegar, e não tinha muitos fregueses.

Era pedidos simples: tapioca com queijo e ovo, cuscuz, café, refrigerante, coisa que geralmente é muito rápida.

Romeiros e eu em um quiosque de lanches próximo ao Memorial Padre Cícero



Foi bem interessante o que Tiquinha falou, quando a gente chegou em frente a Capela de São Vicente, perto do Socorro, antes de tomar café ela disse: “Eita como aqui tá limpo, a vista dos outros ano aqui tá é limpo esse ano, que a gente passava e era lixo que não se acabava, esse prefeito é bom?” Aqui no memorial também está relativamente sujo, eu acho que se tivesse mais cesto de lixo... Mas não tem cesto de lixo em canto nenhum! Tem garrafa no chão, tem pouco, mas tem garrafa, sacola, papelzinho, mas muito menos do que eu esperava encontrar.

Romeira comentando sobre limpeza da cidade



Romeiros em visita à capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Na volta passamos pelo mercado central para que eles fizessem algumas compras. Alguns foram por um lado, outros por outro, ficou impossível de acompanhar todo o grupo, cada um queria aproveitar ao máximo o tempo para comprar os produtos de seu interesse. Acabei acompanhando Junior que era o único que não sabia transitar na cidade. Ele comprou presentes para o filho, para a namorada, para a sogra e para sua mãe. Depois fomos a pé para o local de hospedagem, por volta de 11h- 12h da manhã e aguardamos o almoço. A tarde provavelmente irei ao shopping com algumas pessoas do grupo.

Romeiros em visita ao centro da cidade de Juazeiro do Norte



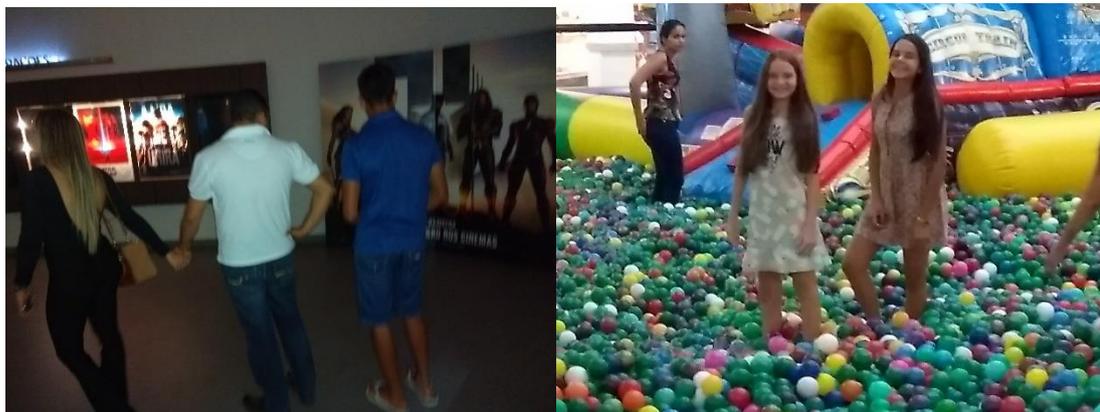
Romeiros em visita ao Mercado Central de Juazeiro do Norte



Acabamos de chegar do shopping, fomos: Raiana, Junior, Ana Clara, João Antonio e eu. Chamou atenção o modo deles de se vestir para ir ao shopping, as melhores roupas, maquiagem, sapatos. Eles andaram, brincaram, se divertiram, quando a gente chegou lá tinha umas pessoas de chapéu de palha, de roupa de santo no shopping! Uma com a blusa bordada do Padre Cícero de bermuda parentando que estava passeando, outra de chapéu de palha com a blusa de Nossa Senhora, um senhor de chapéu de palha também! Acreditei que demonstrava que está sendo um espaço que está sendo frequentado por pessoas em romaria também, não só pelos jovens que vem acompanhando os pais, vão na igreja com os pais, não vem pra fazer a romaria propriamente dita nem pra pagar promessa, mas vão também nesses espaços que são espaços né que a gente acha que são excluídos. Também fiquei me perguntando, quantos aqui são romeiros “disfarçados em roupas bonitas”? Será que não tem mais romeiros que se comportam como estes que estou acompanhando? O pessoal que eu estou acompanhando quando foi para os Franciscanos estavam com um traje, para ir ao shopping já foi algo mais formal. Então, mostra eles sabem que no shopping as pessoas que frequentam têm uma condição econômica diferenciada, então por isso que eles ficam buscando essa interação por meio da vestimenta. Eu acredito que seja nesse sentido. As meninas brincaram na piscina de bolinhas, depois fomos comer chocolate na Cacau Show. Eles nunca tinham deitado naquelas cadeiras de massagem, deitaram, gostaram, fizeram brincadeiras, foi bem interessante, bem divertido. Eles estão se organizando para amanhã passar o dia no Verdes Vales, o namorado de Raiana hoje foi pra as igrejas, ontem Raiana foi também, fizeram compras, e a gente fez esse trajeto hoje, foi diferenciado. Alguns romeiros já foram embora: Tião, Tiririca, Gilberto, Netuno e Oliveira.

Eu já fiz as entrevistas com eles. Alguns foram se confessar, outros ficaram e a gente foi ao shopping.

Romeiros em visita ao Cariri Garden Shopping



À noite, fiz a entrevista com os romeiros que faltavam. Bianka me ajudou, sempre chamando de um por um. Foi interessante, eles acharam bem divertido! Todos quiseram participar e participaram com gosto. Sempre um por vez, para evitar que um ouvisse a resposta do outro. Eu pedi a todos também que não comentassem as respostas uns com os outros para que cada um falasse o que pensa.

Alguns romeiros não quiseram comentar o local de visitação. Por conversas e observa es durante a pesquisa de campo, verifiquei que eles frequentaram algumas igrejas. Mas também frequentaram lugares de festas sem liga o com a religião, não consegui identificar o local apenas pela escuta que realizei das conversas. Mas ao que me parece, eles tinham interesses em relacionamentos amorosos.

02/11/2017:

05:22 e estamos indo   missa de finados nos Franciscanos que   aqui pertinho, onde tem a despedida dos romeiros. No caminho nos deparamos com muito lixo e com os esgotos cheios.

Romeiros caminhando em direção a igreja dos Franciscanos para a missa de finados



Já tem muita gente se despedindo e indo embora. Fiz alguns registros fotográficos. Estou extremamente cansada e impressionada de como eles andam e não se cansam e querem

andar mais. Na missa, mais uma vez, reinou o silêncio e a concentração, de chamar a atenção sempre.

Romeiros na celebração religiosa em homenagem aos finados



Voltamos para a casa da minha avó para organizar a volta à cidade. Alguns que foram de carro próprio já saíram, alguns esperavam seus carros. Na volta, voltei com Tiquinha no mesmo ônibus que me trouxe. O motorista foi novamente nos pegar e levar para o local onde

o ônibus estava. Esperamos cerca de uma hora para iniciar a viagem de volta. Reparei no semblante de todos o cansaço, mas um cansaço de satisfação. Ao mesmo tempo um ar de tristeza por ter que ir embora. A volta foi bem mais tranquila, eles conversarem bem menos. Eu estava muito cansada, acabei dormindo alguns trechos da viagem. Quando chegamos em São José de Caiana era mais ou menos 12h. Seguimos para a casa de Tiquinha onde almocei, agradei por toda a ajuda, e voltei para Juazeiro.

No ônibus, retornando a São José de Caiana/PB



Eu achei muito interessante algo que Junior veio me perguntar ainda na casa de minha avó, antes de irmos embora: “Isabelle, me diga uma coisa! Daqui a uns 50, 80 anos, ainda vai ter romaria?” Eu respondi: “Rapaz eu acho que pode ser que sim, pode ser que não... o que é que você acha?” Ele disse: “Rapaz eu acho que não vai ter mais não, por que ó: por exemplo, Cirilo já disse que esse ano já veio bem menos gente do que ano passado”. João, que estava do lado dele disse: “Não, mas é por causa do transporte, que não pode mais vim pau-de-arara, se pudesse vinha mais gente”. Então Junior afirmou: “Olhe, pois lá em Itaporanga, todo dia 20 tem a procissão do Padre Cícero, lotava a cidade todinha! Pergunte hoje em dia quantas pessoas dá, se der 400 é muita! Agora bote um Rock’in Rio, bote um forró pra vê se num enche! Os jovens num vem não, o povo não tá vindo não, daqui a uns dias acaba a romaria, vai acabar”. Será?